GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS

ELAINE XAVIER LIMA BABINSKI

HIPERCONTO: A RELEITURA DE CONTOS AFRICANOS COMO MOTIVAÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

SINOP/MT

2015

ELAINE XAVIER LIMA BABINSKI

HIPERCONTO: A RELEITURA DE CONTOS AFRICANOS COMO MOTIVAÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, c*ampus* universitário de Sinop como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani

SINOP/MT

2015

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B114h Babinski, Elaine Xavier.
Hiperconto: a releitura de contos africanos como motivação para o letramento literário / Eleine Xavier Babinski. – Sinop, 2015.
105 p.

Orientador: Dr. Antonio Aparecido Mantonavi.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop, Faculdade de Educação e Linguística, Programa de Pós-graduação Profissional em Letras.

1. Literatura. 2. Letramentos. 3. Contos Africanos. 4. Mestrado Profissional em Letras. I. Mantovani, Antonio Aparecido, Dr. II. Título. III. Título: a releitura de contos africanos como motivação para o letramento literário.

CDU 811:82-34(6)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

ELAINE XAVIER LIMA BABINSKI

HIPERCONTO: A RELEITURA DE CONTOS AFRICANOS COMO MOTIVAÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani

Professor Orientador
UNEMAT – *campus* Universitário de Sinop

Profa. Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa

Professora Avaliadora
UNEMAT – *campus* Universitário de Cáceres

Prof. Dr. Rubens Pereira dos Santos

Professor Avaliador
UNESP/Assis – Universidade Estadual Paulista

Aprovada em: 04 de agosto de 2015.
Local da defesa: Auditório CEI– *Campus* Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

SINOP/MT
2015

RESUMO:

A presente pesquisa teve por objetivo promover o letramento literário, por meio de contos africanos contextualizados com o cotidiano escolar dos alunos do 9º ano da Escola Estadual José Domingos Fraga, situada em Sorriso/MT. Ao planejar e desenvolver uma sequência didática (SD) buscou-se estratégias de trabalhar a Literatura de modo atrativo para alunos, para que pudessem compreender e refletir sobre a leitura e a produção textual, mediados pelo recurso da tecnologia. Assim, o produto final produzido ao longo das atividades aplicadas foram Hipercontos a partir dos contos escritos em grupos de cinco a seis alunos em sala de aula. Com o desenvolvimento deste trabalho foi possível conhecer caminhos que contribuem para a transformação na maneira como é ensinada a Literatura nas escolas públicas, uma vez que em muitas instituições de ensino são silenciadas as produções africanas nas aulas de Língua Portuguesa. Como pressuposto teórico, utilizou-se as perspectivas teóricas de Candido (1995), Machado (2002), Zilberman (2008 [2009]) e Colomer (2007) para refletir sobre a Literatura; Amâncio, Gomes, Jorge (2008) e Costa (2007) para tratar as relações étnico-raciais nas escolas públicas; Koch (2008) para refletir sobre os sentidos do texto; Rojo (2012) Oliveira, Tinoco, Santos (2014) e Soares (2009) para pensar o letramento e o multiletramento; Dolz e Schneuwly (2004 [2010]) para tratar sobre sequência didática. Diante disso, a SD constituiu uma intervenção pedagógica que mostrou a importância dos contos africanos para o letramento e a humanização dos alunos-adolescentes em processo de formação como leitores. Nesse sentido, é possível afirmar que o ensino de literatura nas aulas de Língua Portuguesa pode ser atrativo e potencializado com o auxílio das ferramentas tecnológicas, e o Hiperconto estabelece um novo olhar sobre texto literário que exige novas abordagens de leitura e compreensão de texto, contudo compete à escola promover a interação e a inclusão para o letramento digital e literário.
Palavras-chave: Literatura. Letramento. Contos africanos. Hiperconto.

ABSTRACT

The objective this research was to promote literary literacy through contextualized African tales with everyday school life of students of the third stage of the graduate of the State School José Domingos Fraga, located in Sorriso / MT. To plan and develop a didactic sequence (SD) sought to strategies to work so attractive for literature for pupils, so that they could understand and reflect on reading and text production mediated by the use of technology. Thus, the final product produced along activities were applied Hypertale tales written in groups of five to six students in the classroom. With the development of this work was possible to know ways that contribute to the transformation in the way it is taught literature in public schools, since in many educational institutions are silenced African productions in Portuguese classes. As a theoretical assumption, we used the theoretical perspectives of Candido (1995), Machado (2002), Zilberman (2008 [2009]) and Colomer (2007) to reflect the Literature; Amancio, Gomes, Jorge (2008) and Costa (2007) to address the ethnic-racial relations in the public schools, Koch (2008) to reflect the sense of the text; Rojo (2012) Oliveira, Tinoco, Santos (2014) and Smith (2009) to think about literacy and the multiliteracy; Dolz and Schneuwly (2004 [2010]) to treat about teaching sequence. Therefore, the SD was an educational intervention which showed the importance of African tales to literacy and the humanization of students-teenagers in the making as readers. In this sense, we can say that the teaching of literature in Portuguese classes can be attractive and enhanced with the help of technological aid, and the Hypertale sets a new look of the literary text that requires new reading approaches and comprehension, but it is for the school to promote interaction and inclusion for digital and literary literacy.
Keywords: Literature. Literacy. African tales. Hypertale.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 07
1. AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA PÚBLICA 09
1.1 As relações étnico-raciais no contexto escolar 11
1.2 O livro didático da 3ª fase do 3º ciclo *versus* lei 10.639/03 15
2. FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: MULTILETRAMENTO E HIPERCONTOS 22
2.1 Sequência expandida: a literatura e a formação de leitor na escola 25
3. ANÁLISE E REFLEXÕES DAS ATIVIDADES REALIZADAS: A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA 29
3.1 Conhecendo um pouquinho da diversidade africana 48
3.2 Sequência expandida: motivação 54
3.3 Ondjaki: O bigode do professor de Geografia 63
3.4 A escola que queremos 70
3.5 (Con) textualizando 73
3.5.1 Contextualização presentificadora 77
3.5.2 Contextualização histórica 80
3.5.3 Contextualização temática 81
3.6 Contando o conto 81
3.7 Expandindo os horizontes 83
4. HIPERCONTO: A TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA 90
4.1 Vamos divulgar os hipercontos? 97
CONSIDERAÇÕES FINAIS 99
REFERÊNCIAS 101
ANEXOS 105
APÊNDICE.....106

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este Relatório Final consiste de análises das atividades planejadas e aplicadas no período de setembro a dezembro de 2014, na turma da 3º Fase do 3º Ciclo 'D' da Escola Estadual José Domingos Fraga, situada no município de Sorriso/MT. A turma possuía trinta alunos vindos de escolas municipais, cujo sistema de ensino é o seriado, entretanto, a proposta à qual estavam inseridos na escola era diferente, definida como Ciclo de Formação Humana do Estado de Mato Grosso. Os alunos da terceira fase estudavam no turno vespertino e grande parte dependia do transporte escolar por morar em bairros distantes da escola, considerados por muitos as periferias da cidade.

Quanto à estrutura física, a escola possui como recursos uma biblioteca com diversos livros de diferentes gêneros e um laboratório de informática. Porém no ano de 2014 houve uma carência em relação à contratação de funcionários, apenas uma funcionária com jornada de 30 horas semanais foi contratada para organizar a biblioteca, assim, a sala de informática ficou sem um técnico responsável pelos computadores durante o ano letivo.

Ocorreram algumas dificuldades para realizar a Sequência Didática (SD), pois se necessitou de recursos tecnológicos como computador, internet e programas como o *Audacity* e o *Windows Movie Maker*, desse modo, precisou-se buscar alternativas de realizar a SD. O projeto foi elaborado no primeiro semestre de 2014 e as atividades foram aplicadas no final do segundo semestre do mesmo ano.

O presente relatório está dividido em quatro capítulos: o primeiro apresenta como é tratada a literatura nas escolas públicas, os conflitos étnico-raciais em sala de aula, o material didático de língua portuguesa utilizado nas escolas e finaliza com uma análise do livro adotado na terceira fase, apontando o que é proposto de acordo com a lei 10.639/03; o segundo capítulo discute a formação do leitor, as definições do que é multiletramento e hiperconto e em seguida aborda a sequência didática com base na obra "Letramento literário: teoria e prática" de Rildo Cosson (2012). O terceiro capítulo apresenta as análises de todas as atividades desenvolvidas na turma da terceira fase, para compreender o que significou aos estudantes conhecer as literaturas africanas de Língua Portuguesa e aprender as correlações existentes com a literatura brasileira, bem como o uso das ferramentas tecnológicas para a leitura e produção textual. As análises foram embasadas por teorias lidas e discutidas durante o curso de Mestrado, desse modo, as

leituras, seminários e discussões serviram de suporte para a elaboração do projeto, o planejamento das atividades e às análises dos dados obtidos com o desenvolvimento desta Sequência Didática. O último capítulo apresenta um relato de como os alunos produziram o hiperconto e seus respectivos contos elaborados em sala de aula, logo mais há os resultados obtidos depois de finalizada a sequência expandida. Esta sequência didática teve vários objetivos, como o de promover o multiletramento e a produção textual, além de proporcionar por meio das atividades aplicadas, o contato com as literaturas africanas de forma afirmativa valorizando esta cultura, sua identidade e riqueza.

1. AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA PÚBLICA

Trabalhar com o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa na escola pública é algo desafiador, uma vez que muitos professores encontram dificuldades até com a literatura brasileira na sala de aula, por ser tratada muitas vezes como apêndice do livro didático. A forma depreciativa como as literaturas africanas são apresentadas em alguns livros didáticos de Língua Portuguesa, faz com que o professor necessite buscar outras fontes para promover o contato dos alunos com produções de escritores africanos, e nesse caso há outro problema que o docente enfrentará, devido à falta de materiais disponíveis sobre o assunto nas bibliotecas escolares e também na internet.

Ainda sobre o livro didático é possível verificar que ele se refere à África, como um todo, mencionando somente a escravidão e o preconceito racial e quase sempre desconhece sua cultura. E as literaturas dos países africanos que falam o português são praticamente ignoradas. Muitos livros didáticos ainda não estão de acordo com a Lei nº 10.639/03[1] que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africana nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio, promulgada no dia 9 de janeiro de 2003.

Hoje, 10 anos depois da sanção da lei, ainda há muito que pensar sobre como trabalhar a cultura africana na escola, uma vez que ainda falta a disponibilização de materiais sobre a cultura e produções africanas nas bibliotecas escolares, alunos e professores pouco tem contato com obras africanas. Outro ponto motivador para estudar este tema são as inúmeras situações que muitos professores e alunos presenciam em sala de aula, a exemplo do *bullying*, aluno ofende colegas de sala com palavras preconceituosas relacionadas à sua cor.

> Os xingamentos prejudicam a construção de uma identidade positiva na criança. Ao longo da vida escolar e social vai internalizando que é feio, é sujo e desprovido de inteligência, passando a não gostar de seu corpo, a rejeitar a si mesmo. Assim, é comum ouvirmos que negro tem preconceito de si mesmo, que não se aceita. (ALEXANDRE, 2011, p. 91)

Dessa forma, ainda é possível presenciar situações de preconceito e desrespeito em sala de aula, e muitas vezes fora dela também, pessoas inferiorizando, humilhando e ofendendo outras pela cor da sua pele. As escolas muitas vezes parecem ignorar questões relacionadas às relações étnico-raciais, preferem silenciar a enfrentar

[1] O texto integral da Lei 10.639/03 encontra-se no anexo.

problemas, chegando até mesmo a desconhecer o racismo no ambiente escolar. O silêncio pode ser visto como conivência aos conflitos ocorridos na escola e quase nada é feito para mudar ou minimizar essas situações em sala de aula.

A literatura e a cultura africana nas escolas são pouco apresentadas aos alunos como já se disse, e pouco trabalhadas até pela falta de materiais disponíveis ao professor. E quando há materiais como livro de literaturas africanas disponíveis nas bibliotecas ainda pode faltar qualificação e interesse do professor em fazer este trabalho, tão importante para promover a inclusão social. A lei é uma realidade, mas as escolas precisam se adequar e buscar meios para contemplá-la. As universidades são alternativas que podem promover e ministrar cursos de qualificação a professores que não estudaram a história, cultura e literaturas africanas nas graduações.

A escola deve incentivar e promover nos cursos de formação para educadores, o contato com textos norteadores para a qualificação no que se refere à história e cultura africana. Por falta de conhecimento sobre a África, muitos educadores legitimam preconceitos e estereótipos. O professor necessita de uma formação cujo objetivo é o de abordar a cultura africana de modo afirmativo em suas aulas, para que promova a valorização voltada para as práticas sociais, Kleiman afirma:

> (...) é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos (KLEIMAN, 2007).

Diante do exposto, a escola precisa tornar-se um lugar democrático e promover o protagonismo dos alunos por meio de práticas sociais pertinentes a realidade em que vivem. Este trabalho pretende desenvolver atividades que oportunizem o ensino das Literaturas Africanas na escola em consonância com a lei 10.639/03, visando “o estudo da História da África e dos Africanos (...), a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil”, as atividades desenvolvidas com a turma da terceira fase, mostrou por meio de vídeos uma África desconhecida por muitos, e os contos africanos apresentaram situações semelhantes ao cotidiano escolar de alunos brasileiros. Desse modo, conhecer a História Africana desenvolveu nos alunos

de Sorriso refletir sobre a educação, trans(formar) valores e também valorizar a cultura e a diversidade na escola em que estudam.

1.1.AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

No ambiente escolar ocorrem diversos conflitos tanto na relação entre professor/aluno como entre aluno/aluno, alguns dos motivos para existirem tais intrigas, entre alunos, em sala possui como pretexto o preconceito referente ao peso, altura, estilo de roupa, gostos musicais, cor da pele, entre outros. Contudo, o preconceito racial na sala de aula é o que move as discussões no presente capítulo, uma das causas por existir as ofensas hoje nas escolas relacionadas à cor da pele, diz respeito a toda uma história de exploração sofrida pela população negra no Brasil.

Para tratar as relações étnico-raciais nas escolas é preciso observar que a história e a cultura africana no Brasil, especificamente nas aulas de história, apresentam como enfoque temático somente a escravidão, enquanto isso as literaturas africanas na disciplina de Língua Portuguesa eram praticamente desconhecidas. A escola passou por transformações curriculares para promover a valorização da identidade negra brasileira e africana como afirma Alexandre:

> Uma educação mais justa, igualitária e democrática para a população negra. Parte do pressuposto que a escola tem que ser transformada para valorizar as diferenças presentes na sociedade. Para isso propõe mudança no currículo, no comportamento dos professores e dos alunos (ALEXANDRE, 2011, p. 94).

Como afirma o Alexandre, a escola enquanto instituição de ensino tem o papel de promover a valorização das diferenças presentes em nossa sociedade, mas frequentemente falha no cumprimento de sua função social. O que é ensinado nas escolas, muitas vezes, são conceitos equivocados como, por exemplo, a palavra ‘escravo’, ensinada para caracterizar o africano como um ser submisso e passivo, uma pessoa que se conformou com a vida que levava, contudo é uma falsa afirmação, afinal os negros sempre buscaram seus direitos e resistiram à violência a qual sofriam. Dessa forma, a palavra ‘escravo’ deve ser utilizada apenas no sentido de trabalho forçado, sem condição de trabalho adequado com os direitos trabalhistas. Ao abordar inadequadamente no currículo escolar termos, expressões depreciativas ao negro, a escola exclui socialmente os alunos que possuem origens afro, e permite surgir em sala de aula ofensas preconceituosas a estudantes, que se sentem humilhados, muitas vezes,

negando suas origens por não querer serem recriminados. Em consonância, Alexandre (2011, p. 89) diz que

> A escola tem papel fundamental na formação humana, nela se encontra crianças de diferentes origens e diferentes segmentos sociais. No entanto, o quadro das relações raciais no Brasil, mostra que a escola não está cumprindo sua função social no que se refere as relações étnicos-raciais. (...) o espaço escolar tem sido hostil com crianças caracterizadas como diferentes.

Desta forma, a escola tem um papel fundamental na inclusão e na formação de uma identidade voltada para o respeito ao diferente. Ao planejar o currículo nas escolas, este deve contemplar a inclusão das culturas apagadas por séculos na sociedade, pouco ou nada se fala da cultura indígena e africana. Para formar estudantes autônomos capazes de protagonizar sua história e valorizar sua identidade, os educadores necessitam discutir uma mudança no currículo escolar, reunir material em conjunto com as áreas do conhecimento e desse modo selecionar o conteúdo que promoverá a formação e a valorização das diferenças étnicas.

Com a implantação da Lei 10.639/03 houve uma mudança nas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, entretanto, ainda há algumas escolas que ignoram tais mudanças. A lei foi criada com o objetivo de promover nas escolas, especificamente em sala de aula, a valorização da cultura afro-brasileira como um importante acontecimento histórico e social na formação da sociedade brasileira. Os negros são protagonistas no processo histórico que o Brasil passou até tornar-se uma República democrática, são sujeitos históricos, com isso as escolas precisam mostrar aos estudantes a importância da cultura negra para a construção identitária.

Com a Lei 10.639/03 também foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), em homenagem ao dia da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares. Há escolas que promovem atividades comemorativas e de conscientização nesta data, porém muitas vezes esta conscientização resume apenas a este dia. A instituição deste dia tem por objetivo garantir o reconhecimento da cultura africana e afrodescendente e valorizá-la em sua diversidade e sua influência na formação da cultura brasileira. A história mostra a luta e a resistência dos negros liderada por Zumbi e que oportuniza uma crescente conscientização contra o preconceito e a discriminação racial.

Em relação ao conteúdo tratado no currículo escolar e o modo como é abordado a história e a cultura africana em sala de aula, Bernard (1987, p.18 apud OLIVA; WLAKER, 2011, p. 172) afirma que é "preciso observar que nos terrenos da sociologia, história e antropologia o negro tem sido ampla e seriamente estudado, na área dos estudos literários não se dá o mesmo". Como se vê, há uma carência de pesquisas na área da literatura sobre esta temática, por isto a necessidade de estudar e promover reflexões sobre a literatura africana, apresentar os escritores e obras, a cultura, as condições de produção e circulação dos textos literários que falam e mostram a África pelo ponto de vista dos próprios africanos.

Segundo Gomes (2010, p. 103) as escolas e educadores no Brasil encontram se em uma situação de insegurança e desconhecimento diante do trato pedagógico da diversidade étnico-racial. Há um imaginário pedagógico de que a questão racial é uma tarefa restrita aos professores que assumem uma postura política diante da mesma, ou que é um assunto de interesse somente dos professores(as) negros(as). A autora fala também que esse assunto é pouco discutido em cursos de formação de professores e que sua inserção ainda é permeada de resistência nos currículos de Pedagogia e de Licenciatura.

O que se pode observar é que ainda não é fácil discutir as questões raciais na escola uma vez que há resistência por parte de muitos em aceitar que o preconceito e a desigualdade ainda permeia fortemente a sociedade. Segundo Gomes (2010) o diálogo entre a pedagogia multirracial e popular com o pensamento e a pedagogia escolar não tem sido tão simples. Ela afirma que

> Somente nos finais dos anos 80 e 90, no Brasil, redes de ensino, sobretudo municipais, e coletivos docentes tentam trazer as contribuições da pedagogia popular para o sistema escolar. Nesse processo, o movimento negro, intelectuais e educadores encontram no sistema escolar um campo privilegiado de intervenções, sobretudo nas instituições públicas populares onde a diversidade étnico-racial é mais presente e desafiante. Dificilmente a professora e o professor, a direção e a coordenação podem ignorar que preparam aulas, administram projetos educativos em um diálogo com crianças e adolescentes, jovens e adultos que carregam a diversidade étnico-racial para as aprendizagens, a socialização e a formação, para os convívios nas salas de aula e nas escolas. Os avanços, ainda que tensos, no reconhecimento da diversidade étnico-racial, por parte do pensamento educacional, das políticas, dos currículos e didáticas, da coordenação e da docência talvez sejam um dos elementos mais instigantes para o repensar e o fazer educativos no sistema escolar (GOMES, 2010 p. 112).

Assim, é papel de todos repensar as práticas em sala de aula e o sistema de ensino uma vez que administramos aulas para uma diversidade étnico-racial e o negro está cada vez mais presente na escola. Infelizmente muitas vezes há um silenciamento sobre as tensões raciais que estão chegando às escolas brasileiras. Se não há como ocultá-las e silenciá-las na sociedade, não haverá como teimar em ocultá-las e silenciá-las no sistema escolar tanto na educação infantil quanto na superior (Gomes, 2010).

Em relação as africanidades no Brasil, percebe-se que alguns educadores estão mais sensíveis e abertos a buscarem diferentes formas de práticas pedagógicas para trabalhar a diversidade étnico-racial no cotidiano das escolas. A realidade das escolas é preocupante e desafiadora. Nilma Gomes (2010) afirma que o que parecia apenas preocupação de militantes do Movimento Negro, de intelectuais e pesquisadores passou a ser também de educadores que reconhecem a diversidade cultural na sociedade, tornando essa questão uma interrogação para o sistema educacional. É necessário reformular os currículos, as didáticas e as propostas pedagógicas para promover efetivamente a concretização da lei nº 10.639.

> A escola tem sido e continua sendo extremamente reguladora dos diferentes, dos povos e coletivos social e culturalmente marginalizados. A estrutura do sistema tem estado a serviço da regulação desses coletivos. Neste quadro o diálogo não será fácil. Será tenso e marcado por fortes resistências a renunciar esse papel regulador e assumir um papel emancipatório. Este é um dos pontos mais tensos nas tentativas de um diálogo entre as pedagogias escolares e a pedagogia popular, multirracial: a tensão entre regulação e emancipação (GOMES, 2010, p. 119).

A autora aborda a importância da escola em mudar sua postura reguladora dos diferentes, porque há uma necessidade de transformar a instituição de ensino em um lugar de interação social que torne o aluno um protagonista compartilhando suas experiências e o seu conhecimento de mundo. A escola precisa promover o letramento crítico, e não permitir a exclusão e a legitimação de estereótipos ou pensamentos preconceituosos no cotidiano escolar. Pensar que não discutir ou tratar o tema em sala de aula e em cursos de formação resolverá o assunto é somente silenciar a realidade da comunidade escolar. Outro ponto a ressaltar refere-se à qualidade dos materiais utilizados em sala de aula, não basta apresentar a cultura africana sem uma abordagem que valorize e promova debates e ensinamentos valiosos para os educandos, precisa-se cuidado na escolha dos livros didáticos porque são utilizados por três anos nas escolas. Estes livros de língua portuguesa e literatura devem, por exemplo, trazer obras literárias

escritas por autores africanos e personalidades negras e não apenas sobre eles como muito se tem feito.

1.2 O LIVRO DIDÁTICO DA 3ª FASE DO 3º CICLO *versus* LEI 10.639/03

O livro didático de Língua Portuguesa é importante no auxílio ao professor em sala de aula, por ser acessível, uma vez que é garantido a todos os estudantes receber um exemplar, e também por trazer diferentes gêneros textuais e atividades pertinentes ao se trabalhar um determinado conteúdo. O livro didático "Português: Linguagens, 9º ano" de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2012) utilizado na 3ª fase do 3º ciclo não possuía textos literários africanos, desse modo, por não estar de acordo com a Lei e não tratar as Literaturas Africanas houve a necessidade de analisar este livro didático e apresentar quais as atividades utilizadas pelos autores da obra para promover o contato dos estudantes com a cultura africana.

Para tratar sobre o papel e a importância do livro didático na escola, Paiva (2009) fez um estudo histórico sobre o mesmo, apresentando as mudanças dos livros até chegar ao que conhecemos hoje. Os precursores do livro que se tem conhecimento foram o *volumen e o codex.* O *volumen* consistia de várias folhas de papiro coladas, que eram enroladas em um cilindro de madeira, e formavam um rolo. Dessa forma, o ato de ler era desconfortável uma vez que para localizar um trecho a ser lido necessitava desenrolar o manuscrito à medida que a leitura prosseguia. Já o formato do *códex* se aproximava mais do livro atual com várias folhas de papiro ou de pele de animais costuradas, porém era muito grande e consequentemente desconfortável.

Segundo Mello Jr. (2000 apud PAIVA 2009), o livro que conhecemos hoje surgiu por volta do Século II D.C. no Ocidente como resultado de uma revolução que representou a substituição do *volumen* pelo *Códex,* por ser mais prático que o anterior. Este novo formato tinha algumas vantagens por ser utilizado os dois lados, assim possibilitou que um número maior de textos ficasse reunido num só volume do livro, absorvendo o conteúdo de diversos rolos do *volumen* e a organização obtida através da paginação criou uma facilidade para seu manuseio.

Com a invenção da imprensa no século XV, a produção de livros se estabeleceu criando uma nova dimensão para a humanidade: a cultura letrada. Assim, os livros deixaram de ser copiados à mão e passaram a ser produzidos em série. Nessa época havia o problema da escassez do papel e isso fazia com que as escritas antigas fossem

raspadas, possibilitando a reutilização do papel ao escreverem por cima da folha, segundo Paiva (2009).

Com este avanço o livro passou a ser muito utilizado também na educação. Hoje os livros, sobretudo didáticos, são distribuídos pelo governo a todas as escolas públicas. Para muitos alunos carentes o livro distribuído nas escolas é o único material de estudo, inclusive de leitura, sem esquecer que para muitos professores de escolas públicas, o livro didático é o material que supre as dificuldades pedagógicas, de acordo com Silva (apud COSTA, 2007, p. 25).

Os estudos sobre o livro didático vêm sendo realizados a partir da década de 50. Os pesquisadores investigam como o livro didático é utilizado em sala de aula, o seu papel, suas contribuições, suas falhas, e entre outras indagações como eles abordam ou não os problemas raciais.

O professor tem hoje à sua disposição diferentes livros didáticos que chegam às escolas públicas, tais livros estão filiados a abordagens distintas e cabe ao grupo de professores da disciplina de Língua Portuguesa de uma escola escolher qual o material que melhor se adequa a realidade de seus aprendizes. Há materiais que visam à abordagem estrutural e outros a abordagem comunicativa, o que de acordo com Paiva (2009) indica que temos dois conceitos de ensino/aprendizagem de língua – língua como um conjunto de estruturas e língua como comunicação.

> A concepção de língua como estrutura corresponde a sujeito determinado, ‘assujeitado’ pelo sistema, caracterizado por uma série de “não consciência”. Nessa concepção de língua como um código- portanto como mero instrumento de comunicação. (...) Na concepção interacional da língua o sentido é construído em uma atividade altamente complexa (...), mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2008, p.11)

Conforme Koch, é importante se atentar a concepção interacional da língua, assim, o livro deverá apresentar textos e atividades que exijam um conhecimento de mundo dos aprendizes. Nem sempre o ato de escolher garante um livro didático perfeito para a realidade dos alunos, há livros que valorizam alguns aspectos e falham em outros, desse modo, o professor precisa solucionar aquilo que ficou falho, inclusive as concepções de língua presentadas no material didático. Entretanto, não é pela grande quantidade de materiais didáticos que há hoje no mercado que o professor irá adotar o seu livro como uma bíblia, algo acima de qualquer outro recurso, ficando preso apenas e somente nele. O professor deve utilizar um material pedagógico como vídeos, sites,

imagens, músicas, obras literárias na íntegra, entre outros recursos, que contemplem a realidade de sua escola como complemento do livro adotado. Melhor seria se o livro didático fosse apenas um complemento do material utilizado pelo professor.

Uma vantagem do livro didático segundo Hyland (2000 apud TILIO, 2008) é o reforço do reconhecimento da disciplina como ciência, pois ajuda a disseminar conhecimentos e a falta de livros didáticos publicados em uma determinada área pode levar ao não reconhecimento dessa área como ciência, ou seja, a publicação legitima como ciência a disciplina. No entanto, uma das desvantagens do livro didático é o tempo que se leva entre a escrita e sua publicação, tornando-o ultrapassado em relação a alguns textos ou assuntos, como o gênero notícia, por exemplo. Kuhn (1963 apud TILIO, 2008) destaca também a forma autoritária como os conteúdos são apresentados no livro didático, às vezes limitando o pensamento dos aprendizes ao expor determinados conteúdos como fatos indiscutíveis, verdades universais, muitas vezes sob um único ponto de vista, além de reforçar estereótipos como o falar caipira como errado, o negro geralmente como um morador de rua, um bandido e os protagonistas das histórias geralmente brancos.

Por ser o principal recurso didático pedagógico e estar presente desde as séries iniciais de escolarização o livro didático é visto como um legitimador de ‘verdades’. É um material pedagógico frequentemente concebido a partir de visões distorcidas acerca dos seres humanos e das relações que estabelecem entre si e entre os grupos, dentre estes aspectos estão os relacionados às questões raciais. Ele é o suporte material que chega aos professores e alunos com conteúdos sistematizados a serem desenvolvidos no âmbito de cada disciplina do currículo, é o responsável não só pela sintetização dos conteúdos, mas também apresenta, muitas vezes, o que a elite intelectual pensa sobre a educação e como ela deve ser conduzida no processo escolar de acordo com Costa (2007, p. 31).

O livro didático adotado pelos professores de Língua Portuguesa para ser trabalhado na 3º Fase do 3º Ciclo nos anos 2014, 2015 e 2016 na Escola José Domingos Fraga foi “Português: Linguagens, 9º ano” de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Ele possui quatro unidades com três capítulos em cada, e um dos critérios utilizados para a escolha foi devido à diversidade de gêneros apresentados. Outro ponto observado foi pelo fato de tratar as tecnologias voltadas para os adolescentes, dessa forma, há no livro sequências, explicadas passo a passo, com o objetivo de utilizar o

laboratório de informática, apresentando também gêneros atuais como jogos eletrônicos, blogs, infográficos, etc.

Dentre as quatro unidades deste livro, apenas a unidade três, intitulada "Juventude", apresenta em seu terceiro capítulo um conteúdo voltado à cultura africana. Este capítulo recebeu o nome de "A permanente descoberta", nele há uma crônica argumentativa de Artur da Távola "Ser jovem" e aborda reflexões sobre a juventude de uma forma poética e literária. Em seguida há sete perguntas relacionadas à compreensão e interpretação da crônica, quatro questões sobre a linguagem do texto e mais quatro no cruzando linguagens, essa coletânea de perguntas são para que os alunos demostrem o que entenderam da leitura que fizeram. Logo depois, há um poema "Eu em mim" de Carlos Queiroz Telles, o objetivo é a fruição e também para servir como base para uma produção textual solicitada posteriormente. Na etapa denominada produção de texto, é apresentada aos alunos uma dissertação-argumentativa "Há incerteza na mudança", esse texto foi produzido pelo candidato Aldebaran do Prado Júnior que pleiteava uma vaga no curso de Engenharia Química da Unicamp-SP, para nortear os alunos sobre o gênero abordado. O livro apresenta em seguida sete questões sobre o texto trabalhado a fim de avaliar a compreensão dos alunos.

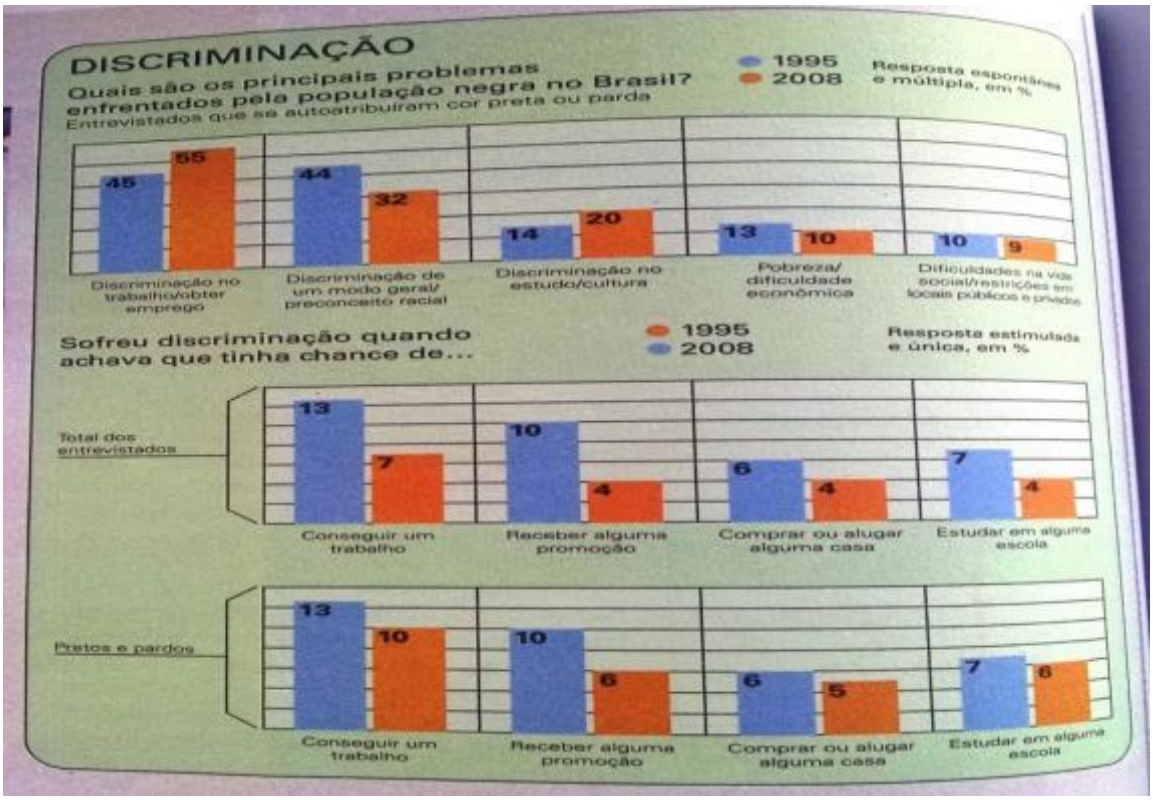
Em todo capítulo há uma atividade "Agora é a sua vez" que é voltado para o exercício de produção textual. Nessa etapa há duas perguntas "Você acha que, no Brasil, existe preconceito racial? Se sim, acha que ele é assumido ou enrustido?". Desse modo, estes questionamentos introduzem o texto dissertativo-argumentativo e faz com que o aluno busque a resposta em uma pesquisa apresentada em seguida. O texto que se segue são análises feitas pelo instituto Datafolha de uma pesquisa sobre o tema preconceito racial. Neste texto são comparados os dados de 1995, com uma nova pesquisa sobre o mesmo tema feita em 2008. Na pesquisa são apresentadas três textos de gêneros diferentes, o primeiro expõe a porcentagem de pessoas que concordam com frases preconceituosas ditas por muitos, em situações cotidianas, como podemos ver no texto 1:

Texto 1

(CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 177)

Como se pode observar a quantidade de pessoas que concordavam com frases preconceituosas em 1995 caiu quase pela metade em comparação com 2008, segundo o texto isso ocorreu pelo fato da popularização do discurso politicamente correto e também por muitos brasileiros jogarem o preconceito para o outro, eles são, mas eu não. Há também o texto 2, que apresenta um gráfico sobre a discriminação.

Texto 2



(CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p.178)

O gráfico mostra resultados obtidos da pergunta, quais são os principais problemas enfrentados pela população negra no Brasil? As pessoas que se autoatribuíram cor preta ou parda, disseram que há mais discriminação no trabalho, ou para obter emprego, tanto em 1995 quanto em 2008. O texto 3, apresenta uma charge com um negro sendo humilhado e torturado no tronco por um homem branco e uma legenda “Relaxa! Daqui uns dois ou três séculos isso sara!”, desse modo é possível inferir a crítica relacionada à história de sofrimento que o negro sofreu e que não será esquecida por ter sido cruel, violenta e desumana.

Texto 3

(CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 179)

O livro ainda expõe junto aos textos 1, 2 e 3 as opiniões de especialistas que interpretam os dados apresentados, e para complementar traz um depoimento de Edson Santos, então ministro da Igualdade Racial em 2008. O ministro relata um fato que ocorreu entre ele e uma aeromoça enquanto embarcava para fora do país. Ao declarar que era ministro para a aeromoça, a mesma perguntou de qual igreja era ministro, desse modo Edson Santos expõe o preconceito que sofreu devido à sociedade, segundo ele, ainda não estar acostumada a ver negros em cargos de chefia. Depois da leitura de todos os textos, a atividade solicitada nesse capítulo do livro é uma dissertação-argumentativa com o tema: Brasil: um país sem preconceito?

Neste livro didático o que é apresentado aos alunos sobre o negro é simplesmente o que se pretende acabar, o preconceito. Desse modo, em relação à cultura africana que deveria estar presente nas muitas páginas do material didático, não está, o que ocorre é um silenciamento por não mostrar as marcas históricas e culturais de modo 'afirmativo' aos estudantes. Ao trabalhar com este livro, o professor ficará com a responsabilidade de não tratar este tema de modo a reforçar estereótipos e resumir a cultura apenas à discriminação e ao preconceito. Não é que não se pode trabalhar esta temática em sala, o problema é que este assunto está desgastado, devido ter sido sempre abordado quando se fala em africanidades.

Dessa forma, não há em todo o livro um texto literário de um escritor africano, muito menos outros gêneros que promovam a valorização da riqueza e da diversidade da cultura, por isso há a necessidade de elaborar uma atividade que colabore com a valorização da identidade negra na escola, uma vez que o livro didático não contempla essa temática.

Este livro didático utilizado nas aulas de Português apresenta pontos positivos em relação ao tema tecnologia e trabalha numa sequência didática bem elaborada, porém falha ao não abordar as culturas/literaturas africanas de maneira diferenciada e atrativa. Precisa-se de um livro que trabalhe, por exemplo, escritores africanos, textos de diferentes gêneros, aspectos geográficos da África e dos países que falam português. Desse modo, o livro não deve resumir toda a diversidade negra somente a capoeira, a feijoada ou o preconceito e a escravidão, segundo Nilma Gomes,

> Como se tornou habitual abrir encontros de professores levando crianças e adolescentes negros para espetáculos de capoeira, rap, músicas, danças, coreografias. Nem sempre nos conteúdos das palestras, dos cursos e das oficinas suas culturas e seus saberes são objetos de reflexão, reconhecimento e respeito (GOMES, 2010, p. 127).

Conforme o excerto, apresentar superficialmente uma cultura tão complexa e rica não basta para promover sua valorização. As atividades desenvolvidas em sala precisam oportunizar reflexões que resgatem a memória e o respeito ao negro como sujeito de uma história e necessitam abrir espaço a uma vivência escolar harmônica que possibilite o reconhecimento da diversidade e da riqueza do outro. Como afirma (AMÂNCIO, 2008) compreender isso é aceitar que há outro tipo de saber que precisa ser respeitado pelo seu valor.

2. FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: MULTILETRAMENTO E HIPERCONTOS

A primeira vez que se firmou a necessidade de uma pedagogia do multiletramento foi em 1996 por meio de um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres após uma semana de discussões em Nova Londres, Connecticut (EUA). Nesse manifesto o grupo afirmou a necessidade da escola reconhecer os novos letramentos da sociedade contemporânea, as novas TICs (Tecnologia da Informação e da Comunicação) bem como a diversidade cultural presente em sala de aula, segundo Rojo (2012, p.11).

O multiletramento foi um termo ou conceito dado para abranger os dois "multi" existentes que seria a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas, que por conta disso, muitas vezes, causam a intolerância no convívio com as diversidades culturais, e a multimodalidade dos textos que são compostos de muitas linguagens (imagens, diagramação, som, efeitos de cor, etc.) que exigem capacidades específicas para a compreensão e produção de cada uma das linguagens, ou seja, multiletramento. Assim, a multiculturalidade comunica e informa com o multiletramento, Roxane Rojo define,

> E como ficam (...) os letramentos? Tornam-se multiletramento: são necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas: a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas ferramentas; b) de análise crítica como receptor. São necessários novos e multiletramento (...). Um dos mais destacados funcionamentos desses novos textos que requerem novos letramentos é seu caráter não multi, mas hiper: hipertexto, hipermídias (ROJO, 2012, p. 21).

A escola, dessa forma, necessita oportunizar uma recepção crítica dos hipertextos que fazem parte da realidade dos alunos. As características desses textos são a interatividade e a colaboração, pois transgridem as relações de poder estabelecidas pelas máquinas, tais textos são híbridos e rompem as fronteiras devido a interação que proporcionam muitas vezes por meio de redes sociais.

De acordo com Rojo, o trabalho da escola é possibilitar não só o contanto com as ferramentas tecnológicas, mas também garantir práticas que transformem os alunos em criadores de sentidos, analistas críticos capazes de mudar discursos e significações,

seja na recepção ou na produção, buscando interpretar os contextos sociais e culturais de circulação desses diferentes textos.

As multimodalidades fazem com que o leitor adquira uma habilidade diferente daquela usada para textos tradicionais. Para isto, é necessário que se desenvolva outras habilidades de leitura e escrita, pois os textos que são encontrados nas mídias apresentam o uso de elementos como imagens, sons, montagens, linguagem verbal e não verbal, efeitos de cores, formas e texturas, entre outros. Tudo isso que constitui sentido e diversos modos de significar é encontrado em diferentes gêneros como *blogs*, *homepages*, *chats*, entre outras redes sociais, *Facebook*, *WhatsApp*. Gêneros são como tipos relativamente estáveis de enunciados e se constituem a partir do funcionamento das esferas de atividades desenvolvidas pelos sujeitos. A linguagem assumida sob a perspectiva enunciativa torna-se materialidade semiótica e linguística e se realiza em uma esfera de prática social (BAKHTIN 2003[1952-53/1979]: 279 apud ROJO, 2012, p. 97).

A literatura digital está cada vez mais ganhando adeptos e não se trata de digitalizar textos literários e publicá-los na internet, vai muito além, ela é desenvolvida por meio do computador com o uso de sons, imagens que podem movimentar ou não, *hiperlinks*, efeitos de cores e texturas capazes de promover a interatividade com os recursos oferecidos pela tecnologia.

De acordo com Martins Dias (apud ROJO, 2012, p. 101),

> Dentre os gêneros da literatura digital, como poesia hipertextual, prosa digital, dentre outros, há de se discutir o hiperconto. Segundo Spalding (2010), um dos pioneiros na criação e discussão do hiperconto no Brasil, esse gênero é uma versão do conto canônico adaptada para a era digital, que requer "narratividade, intensidade, tensão, ocultamento, autoria" Embora o ambiente virtual ofereça recursos multimídia de criação, como áudio, fotografias, desenhos, movimentos, *hiperlinks*, recursos interativos, quebra da linearidade, dentre outros, o ponto central da literatura digital deve ser o texto escrito, preservando, dessa forma, "seu caráter literário".

Diante disso, o hiperconto proporciona aos alunos mudar e transformar o conceito de literatura na era digital, assim possibilita ampliar, ressignificar, interagir, participar, apropriar, ser autor, apreciador e fruidor do texto literário. No que se refere à apropriação Rouxel (2013, p. 77) diz que

> A forma de apropriação de um texto pode igualmente obedecer a uma ação voluntária. Sublinhar as frases, copiar de um texto, aprender sobre ele, lê-lo em voz alta são gestos simples que marcam a apropriação do texto. Todos

> esses gestos, aparentemente banais, remetem assim como as questões do desejo de ler, aos desafios identitários que estão ao âmago das autobiografias de leitor.

Por meio dos recursos tecnológicos os alunos ampliam as possibilidades de sentidos, criam com autonomia e criticidade uma ressignificação do conto, pois ao apropriar, como neste trabalho, dos contos de escritores africanos, os alunos constroem e formam sua identidade de leitor literário. Dessa forma, eles interagem com o texto e "esse processo vai além da interação homem e máquina, pois é ampliado para homem e conteúdo, homem e narrativa, homem e hipertexto", segundo Anair Martins Dias (apud ROJO, 2012, p. 97). Assim, os hipercontos (textos multimodais) ampliam e promovem possibilidades de significações uma vez que requerem outras habilidades dos leitores em compreender e produzir sentidos por meio da leitura.

Uma forma de tratar o multiletramento e o letramento literário na escola é por meio de sequências didáticas, definidos por Dolz e Schneuwly (2004, p. 96), como "um conjunto de módulos escolares organizadas sistematicamente em torno de uma atividade de linguagem dentro de um projeto de classe". Desse modo, procurou-se planejar uma sequência de atividades voltadas para as Literaturas Africanas com o objetivo de despertar a atenção dos alunos para a temática e também para produzirem contos que retratem o cotidiano escolar com o auxílio da tecnologia.

Os textos escritos ou orais produzidos diferenciam-se uns dos outros e isso acontece porque são produzidos em condições diferentes. Há uma diversidade de textos, mas se construídos em situações semelhantes, é possível escrever textos com características semelhantes, definidos por Dolz e Schneuwly como gêneros de textos. Tais gêneros são conhecidos e reconhecidos por todos e facilitam a comunicação: a conversa em família, a negociação no mercado ou o discurso amoroso.

Dessa forma, a proposta da sequência didática é "ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação", segundo Dolz e Schneuwly (2010, p. 83), portanto as sequências didáticas servem para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. Observou-se o quanto são importantes para a escola trabalhar nesta perspectiva. Diante disso, optou-se por planejar e desenvolver um tipo de sequência que ampliasse os horizontes literários com o uso das ferramentas digitais, e assim utilizar a Sequência Expandida sistematizada por

Rildo Cosson (2012) para trabalhar as literaturas africanas de língua portuguesa e o multiletramento no Ensino Fundamental.

2.1. SEQUÊNCIA EXPANDIDA: A LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITOR NA ESCOLA

As discussões relacionadas à educação são pertinentes para se compreender e questionar qual é o real papel da escola. Entender que a educação deve incluir os estudantes e a comunidade proporciona a reflexão e o conhecimento ao se trabalhar a linguagem. Ao professor cabe mostrar ao aluno a importância da linguagem e como utilizá-la de diferentes formas em diversas situações do cotidiano, não se pode negar a literatura na escola, é necessário reconhecer sua importância na formação de leitores críticos em nossa sociedade. A escola precisa mostrar o sentido de sua aprendizagem, porque sem aprendê-la o aluno muitas vezes é excluído em diferentes lugares e situações que vivencia. O professor precisa buscar leituras, cursos e discussões que proporcionam melhorar as práticas em sala de aula, uma vez que refletir sobre a educação instiga a ter ideias e pensar estratégias de minimizar a evasão e a reprovação em nosso país, causadas muitas vezes pelo apagamento das múltiplas culturas no ambiente escolar.

O letramento, de acordo com Soares (2009, p. 18), é o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. A palavra Letramento é a tradução do inglês *literacy*, e não significa tratar somente da aquisição da habilidade de ler e escrever, como denomina a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas. Segundo Cosson (2012), há vários níveis e diferentes tipos de letramento, pois se pode ter indivíduos com grau sofisticado de letramento em uma área e possuir um conhecimento superficial em outra, isso dependerá das necessidades pessoais e do que a sociedade oferece e requer de cada um.

Sobre o letramento literário Cosson (2012) diz que é um processo que se faz via textos literários e compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também é uma forma de assegurar seu efetivo domínio, por isso é de suma importância na escola uma vez que a literatura é um processo de comunicação, interação entre leitor-texto-autor. Ela é uma porta entre o meu mundo e o mundo do outro. Falar

de letramento literário é tomar a literatura como uma leitura que demanda resposta do leitor, um convite para percorrer uma obra de diferentes maneiras, explorá-la de diversos aspectos, tornando-a efetivamente um processo de interação. Para Cosson (2012) o letramento literário sempre trabalhará com o atual, tem significado para cada um independente do ano de publicação seja ele contemporâneo ou não, pois é isso que gera o interesse de leitura dos alunos. A literatura precisa ser vista como "um sistema composto por outros tantos sistemas, um desses sistemas corresponde ao cânone, mas há vários outros, e a relação entre eles é dinâmica" (COSSON, 2012 p 34). Destarte, a escola não pode negar a existência de outros sistemas e trabalhar somente os cânones, é preciso compreender que o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura, compete ao professor perceber que a literatura é a construção e formação de leitores.

Para Annie Rouxel (2013, p. 19)

> As teorias da recepção que se desenvolveram na França a partir dos últimos anos 1970 evidenciaram o papel essencial do leitor na produção do sentido, em termos que remetem a uma abordagem fenomenológica, semiótica ou pragmática da leitura das obras literárias: "O texto só existe pelo ato de constituição de uma consciência que recebe", escreve Wolfgang Iser, que sublinha parte igual do autor e do leitor no jogo de imaginação (...).

Em consonância com Rouxel, o leitor é uma peça fundamental para a existência das obras literárias. O leitor interage com o texto e partir dele produz sentido, é um processo de interação, ao ler uma literatura o leitor é levado a refletir sobre o que o conduziu a projetar no texto aquilo que imaginou, pensou e obter as respostas que construiu ao navegar nas histórias e numa leitura solitária enxergar o que estava ou não no texto. Como nota Iser (1976 apud ROUXEL, 2013), é esse autodistanciamento que faz da leitura uma experiência, as contradições que o leitor produziu formando suas configurações adquirem sua importância própria, pois o obriga a se dar conta da insuficiência dessas configurações que ele próprio produziu. Ele pode se distanciar do texto do qual faz parte, de sorte a poder se observar, ou ao menos se perceber implicado. A atitude de se perceber a si mesmo num processo do qual participa é um momento central da experiência estética.

Para trabalhar a literatura na escola necessita-se de atividades atrativas, que despertam a atenção dos estudantes, nesse sentido a sequência expandida de Rildo Cosson pode ser definida como sendo uma possibilidade de trabalhar a literatura em

sala de aula, fugindo de propostas tradicionais que muitas vezes priorizam a história, a biografia do autor e deixa de lado algo tão importante, a leitura da obra. Cosson trabalha com sete etapas e explica em seu livro "Letramento literário: teoria e prática (2012)" cada uma delas de modo claro e objetivo. Assim, basta o professor de língua portuguesa/literatura ter interesse e conseguirá, com adaptações se preferir, desenvolver as atividades em sua sala de aula.

A primeira atividade da sequência expandida é a da "Motivação", que consiste em uma etapa de preparação, introdução do universo do livro a ser lido, pode ser uma dinâmica, vídeo, textos, enfim o objetivo é refletir sobre a temática que será abordada na obra literária. A segunda etapa é a da "Introdução", aqui o professor irá preparar os alunos para a leitura, falará de forma breve e simples sobre o autor da obra escolhida pra ser lido. É neste momento também que o professor apresenta a obra, podendo aproveitar o acervo e as edições contidas na biblioteca da escola, ler o prefácio, orelhas e outros textos que apresentem o livro trabalhado. O objetivo é chamar a atenção para o conteúdo da obra, a imagem de leitor e as condições de produção e circulação do texto. A terceira atividade é a "Leitura", é importante dialogar com os alunos e negociar um tempo de leitura da obra, dependendo da extensão pode ser feita extraclasse. Durante a leitura pode ser feito os "intervalos" que Cosson diz tratar de outros textos, canções, fotos, poemas que dialogam com a obra literária, assim o objetivo é mostrar que o texto literário interage com outros textos e é esse diálogo que tece a nossa cultura. Cosson ressalta que a escola precisa ampliar essas relações de leituras diversificadas ao invés de constrangê-las.

A próxima etapa é a "Primeira interpretação" que consiste em apreender a ideia global da obra literária, o objetivo é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título e o impacto que causou sobre sua sensibilidade de leitor. O autor sugere que aqui seja feita uma produção textual de um depoimento para que os alunos registrem suas impressões, assim constitui sua primeira interpretação. Outra atividade também sugerida é uma entrevista feita entre os alunos podendo ser forma ou informal, cabe ao professor decidir. A quinta atividade é a "Contextualização" que é um movimento de ler a obra dentro de seu contexto, ou melhor, entender o contexto como algo que a obra traz consigo, que a torna inteligível para o leitor, pois texto e contexto se mesclam de tal maneira que é inútil estabelecer fronteiras entre eles, segundo Dominique Maingueneau (1995 apud COSSON, 2012, p. 86). O contexto é divido por Rildo Cosson em "Contextualização teórica; histórica; estilística; poética; crítica; presentificadora e

temática”. Não se trata de separar a literatura da histórica como se observa em muitos materiais didáticos do Ensino Médio em que o contexto é apenas a história. E sim, compreender a contextualização como o aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz, portanto é teoricamente ilimitado. Para Cosson é sempre possível acrescentar ou ampliar um contexto já dado.

A etapa seguinte é a “Segunda interpretação”, o seu objetivo é promover a leitura aprofundada em um ou mais aspectos da obra, ou seja, explorar a temática, um personagem, um traço estilístico, etc. O importante nessa atividade é que a segunda interpretação seja um aprofundamento da primeira interpretação do aluno e precisa de um registro final para evidenciar a compreensão do educando, não podendo esquecer-se de compartilhar o registro final com a turma, a escola ou mesmo a comunidade. A última etapa é a “Expansão”, uma atividade que busca destacar as possibilidades de diálogo que a obra possui com outros textos, vista também como intertextualidade no campo literário. O trabalho de expansão é essencialmente comparativo, confrontar duas ou mais obras, aqui não é um fechamento da sequência. Se o professor preferir pode a partir dessa atividade iniciar uma motivação ou intervalo para outros textos literários.

Diante disso, percebe-se que a literatura é um truísmo, desenvolve-se no cruzamento da escrita e da leitura, segundo Rouxel (2013). Ela aparece, de fato, no lugar da retomada. A literatura na escola é mais do que fruir uma obra literária, é também se posicionar diante dela, identificando e questionando, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética é o que Cosson (2012) denomina de letramento literário, ler é assegurar um revezamento cuja escrita é a forma mais fácil de identificar. Segundo Annie Rouxel (2013) escrever é ler ou haver lido, é perseguir uma relação e lhe dar um novo impulso, não há uma primeira leitura porque todos estão sempre lendo, e é dessa forma que a escola precisa repensar estratégias para desenvolver a leitura e a escrita com seus alunos.

3. ANÁLISE E REFLEXÕES DAS ATIVIDADES REALIZADAS: A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA

Este trabalho consistiu em uma sequência didática (SD) com enfoque "afirmativo" ao tratar as literaturas africanas, uma vez que estudá-la promove-se a reflexão ao evidenciar a diversidade étnico-racial. Diante disso, buscou-se nas produções orais e escritas aproximar as duas realidades, angolana e brasileira, com ações pedagógicas afirmativas à riqueza histórico-cultural, à diversidade e às múltiplas marcas das culturas africanas em nossa sociedade. Neste trabalho também se buscou o contato dos alunos com as mídias digitais como vídeos, sons, gravações, pesquisas na internet, gêneros multimodais, bem como a produção de tais gêneros durante o desenvolvimento da SD, promovendo, diante disso, o protagonismo e a criticidade por meio das produções.

Para iniciar as atividades da SD, aplicou-se um questionário diagnóstico que possuía perguntas de conhecimentos gerais a respeito do continente africano. Esta atividade teve como objetivo verificar o que os alunos conheciam sobre a África, suas riquezas culturais, bem como o que haviam estudado em séries anteriores. Os resultados contribuíram para avaliar o que a turma compreendia e pensava sobre o assunto, para posteriormente verificar se o que foi planejado consistia no melhor caminho a seguir na aplicação da SD. Nesta primeira atividade será feita uma análise de cada questão, verificando todas as respostas dos alunos, para conhecer e analisar a turma da 3ª fase do 3ª ciclo D.

Durante a primeira aula referente do projeto, conversou-se com a turma para explicar de modo geral o que estudariam e também sobre a produção de contos que iriam construir a partir das leituras e debates de contos africanos. Possibilitou-se um momento para questionarem e sugerirem mudanças, houve algumas considerações por parte dos alunos que se mostraram empolgados como o projeto, acredita-se que os motivos de terem tais reações foi pelo modo entusiasmado como foi explicado e também pelo fato das atividades não estarem inseridas no livro didático, muitos alunos da turma reclamavam que queriam trabalhar algo diferente do que o livro propunha.

Diante disso, entregou-se o questionário para que a turma pudesse responder, fez-se uma leitura em voz alta de todas as perguntas, os alunos utilizaram o tempo de uma aula para concluir a atividade. No momento em que estavam respondendo não foi feito nenhuma interferência, apenas foi dito que era para serem verdadeiros com as respostas, e caso não tivessem entendido alguma pergunta ou palavra poderiam

questionar de modo que esclarecessem as dúvidas. Ressaltou-se ainda que o questionário era individual, e que por isso não podiam copiar respostas do colega uma vez que alguns alunos costumavam em algumas atividades agir dessa forma.

Ao todo a turma da 3ª fase do 3º ciclo possuía trinta alunos, mas quatro deles haviam faltado no dia da aplicação desse questionário. Desse modo, serão apresentados os vinte e seis questionários respondidos pela turma no dia 24 de setembro de 2014, quando se iniciou a sequência didática. As respostas dos questionários foram digitadas para que se pudesse organizar as análises, observar cada pergunta com suas respectivas respostas, e fazer uma comparação entre os discursos apresentados. A transcrição das respostas dos estudantes é apresentada da forma como foram escritas no questionário, desse modo, há palavras escritas inadequadamente, falta concordância e coesão em alguns trechos, entretanto acredita-se ser importante para a pesquisa reproduzir igualmente como está no questionário diagnostico para retratar a da escrita da turma da 3º fase, e mostrar que mesmo com toda a dificuldade em escrever de muitos alunos, a compreensão da proposta e a explicitação de opiniões se faz presente nas declarações tecidas pelos alunos.

Nesse sentido, a primeira pergunta do questionário solicitava aos alunos que escrevessem qual a primeira imagem que vinha à cabeça deles quando pensavam no continente africano. Eis que se teve como respostas, em sua maioria, pensamentos negativos, reforçando aspectos ruins como a pobreza, fome, doenças ou pessoas passando por dificuldades. De acordo com Maria Paula Guttierrez Meneses (2010, p. 71-72),

> Uma das expressões mais claras da colonialidade das relações de poder acontece com a persistência da colonização epistémica, da reprodução de estereótipos e formas de discriminação. Os grupos identitários considerados inferiores, ou seja, os que estão nos escalões mais baixos da hierarquia etno-racial estão normalmente associados a imagem e representações negativas.

Diante disso, verificou-se a negatividade apresentada em diversos discursos dos estudantes sobre a África. Eles associaram os africanos a graves problemas sociais que afetam o mundo todo, e não apenas a África. Vejamos as declarações abaixo.

NOME[2]	RESPOSTAS
Wagner; Carol; Leny;	**Pobreza; fome; miséria;**[3]

[2] Os nomes dos alunos no Relatório Final são pseudônimos que foram utilizados para fins de organização das análises dos dados.

Cássia; Lucia; Tom; Diane; Samanta; Michele; Sergio; Breno; Rafaela; Talita;	**Pessoas passando dificuldades;**
Valter	umildade das pessoas por que eles **são pobres e doentes** não tem saúde, trabalho, educação, transporte, e não tem para onde ir. E só fica **comendo coisa da rrua, lixo** para ve ce mata **fome** deles pra poder ir pracasa
Maria	a primeira imagem vem e a **seca** que está acontecendo lá
Eliane	Pessoas **com fome**, pessoas **sem moradia** e também pessoas felizes com alegria
Lucas	A imagem das crianças **magra sem comita** quando eu olho essa imagem é muito triste
Cibeli	Que na África as pessoas **não tem vida boa**, que as pessoas que moram lá os mais velhos **não vivem por muito tempo**, etc.
Fanny	As crianças brincando e os adultos **preocupados** com o que vão **comer.**
Lana	Pessoas negras, magras **sem** ter o que **comer e beber**
Patricia	Pessoas negras passando **fome e sede** e missionários pregando a palavra de Deus.
Mariane	As crianças negras passando **fome** e sofrendo com o racismo.
Rick	Um lugar esquecido que as pessoas na **maioria são pobres** e um lugar violento.
TRÊS ALUNOS DA TURMA RESPONDERAM DIFERENTE DOS DEMAIS	
Liliane **Marcelo**	Eu imagino um lugar meio deserto com algumas girafas, zebras e macacos, e as vezes com uma lagoa. **Os animais, os povos as arvores, as plantas os rios**
Otávio	Campo de futebol (estádio)

Observando as primeiras vinte e três respostas dos alunos acima, pode-se verificar que em todas há pensamentos de uma África pobre, sem água, comida, moradia, pessoas infelizes, com expectativa de vida baixa e sem o mínimo necessário para sobreviver com dignidade, como se vê nos discursos dos treze primeiros alunos. Em nenhum momento tiveram como primeira imagem pensamentos que valorizassem o continente africano, entristecem-se em imaginar como vivem, sem ter o que comer, segundo o discurso do aluno Lucas.

Interessante observar as respostas de três alunos quando disseram: "**Pessoas negras**, magras sem ter o que comer e beber; **Pessoas negras** passando fome e sede e

[3] Grifos meus.

missionários pregando a palavra de Deus; As **crianças negras** passando fome e sofrendo com o **racismo".** Tais afirmações mostram uma ideia de que no continente africano vivem somente negros. Aqui há um apagamento da diversidade existente, mesmo que em muitos países africanos existam cerca de 90% de população negra, também há brancos, amarelos, entre outras, porém os alunos afirmaram que somente os negros são magros e não possuem o que comer e beber e ainda sofrem com o racismo mesmo sendo a maioria em países africanos. Tal concepção dos estudantes talvez se justifique pelo fato de conhecerem somente um lado da história amplamente divulgado. Vale lembrar que o *apartheid* ocorrido na África do Sul de 1948 a 1994 está presente em filmes, documentários, e é um dos conteúdos mais presentes sobre a África nas escolas. Não se discute a importância de mostrar conflitos, guerras, desigualdades sociais e econômicos nas aulas, mas não apenas este lado negativo da África deve ser apresentado nas escolas, pois reforça estereótipos de que a história se resume apenas a isso.

Analisando os textos da turma, a aluna Patrícia destacou os missionários que vão à África prestar auxílio a quem precisa, uma ajuda humanitária. Segundo Maria Paula Guttierrez Meneses,

> (...) antes os africanos eram os preguiçosos sem saberes, hoje a África negra é o continente atrasado, necessitando de ajuda internacional económica e científica do Ocidente para se firmar no espaço mundo. (...) A persistência da colonização epistêmica, de um universalismo monista na observação e interpretação do mundo reafirma a necessidade de continuar lutar pela descolonização do saber e das representações. (2010, p.72)

A visão de que os africanos precisam de ajuda internacional é segundo Meneses uma persistência do colonialismo que dissemina uma imagem de um continente incapaz de conseguir sozinho, necessitando de intervenção do Ocidente, que muito explorou e devastou os recursos naturais, para "resolver" os problemas sociais.

Neste sentido, a aluna Patrícia reforçou em seu discurso a ideia apresentada pela mídia em muitas campanhas humanitárias. Tais campanhas são de extrema importância no mundo, tentam amenizar os erros dos governantes na má administração do dinheiro público devido à exploração, desvios, enfim, não é somente um problema do continente africano como persistem em mostrar, o problema é mundial.

Entretanto, duas alunas apresentaram um discurso com um ponto favorável aos africanos, Fanny e Eliane destacaram crianças brincando, pessoas felizes e com alegria,

porém reforçaram posteriormente a ideia de pais preocupados com o que suas famílias irão comer e onde morar. Também elas apresentaram uma imagem de um continente evidenciado pela miséria. Esse tipo de pensamento não é culpa dos alunos, eles creem resumir apenas conceitos negativos por verem isso disseminado em nossa sociedade, escreveram o que ouvem, veem e conhecem sobre a África, não refletiram no momento de responder e ressaltaram quase apenas ideias negativas por acreditarem que é assim, demonstrando o mesmo olhar propagado pelo colonizador que estigmatiza a África como um país dependente.

Todavia, é possível destacar três estudantes, Liliane; Marcelo e Otávio, que escrevem suas respostas diferentes dos outros alunos, ressaltaram o que vem em suas mentes quando pensam no continente africano: "Eu imagino um lugar meio deserto com algumas girafas, zebras e macacos, e as vezes com uma lagoa; Os animais, os povos as arvores, as plantas os rios". Na primeira fala é possível interpretar como "as vezes" com uma lagoa, o fato da aluna imaginar a falta de água presente nas savanas, isso representado no seu discurso como sendo poucas lagoas. O que justifica tais respostas também pode ser interpretado pelo fato de a fauna e a flora africana serem muito exploradas em filmes e documentários. A aluna Liliane durante a aula perguntou se o filme Madagascar era na África. Possivelmente o filme a inspirou a escrever sobre a girafa, a zebra e macaco, personagens do filme.

Outro aluno respondeu, "Campo de futebol (estádio)", mencionou os estádios porque a copa de 2010 foi sediada na África do Sul, e por gostar de jogar futebol se atentou em lembrar sobre o esporte. Ao ser questionado sobre sua resposta, o mesmo disse ser apaixonado por futebol e que sonha jogar em um time profissional. Diante disso, somente o aluno Otávio deve como primeira imagem um fato cultural presente na vida dos sul-americanos e africanos, o futebol. No artigo "Literatura e ensino: o imperialismo da imagem eurocêntrica" apresenta que

> África, para muitos, resume-se apenas nos navios negreiros, na seca e fome, na origem da AIDS ou nos animais soltos nas savanas. E o estudo sobre o negro no Brasil baseia-se, muitas vezes, nas grandes navegações com origem na economia canavieira, de onde advém o trabalho escravo que termina com a abolição da escravatura sem que estudos posteriores observassem a mão de obra pós-abolição. O Continente Africano continua pouco conhecido mesmo depois de a última Copa do Mundo, que teve como sede a África do Sul, país ainda considerado continente. (SANTOS et al. In: CONEXÃO LETRAS 2013, p.144)

Desse modo, somente um aluno lembrou de um evento mundial que serviria para tornar possível o conhecimento sobre a África do Sul, e despertar a curiosidade em conhecer outros países africanos. Porém, verificou-se que muitos desconheciam que a África do Sul é um país, e não um continente, e mesmo depois da Copa do Mundo, evento cultural conhecido e divulgado no mundo inteiro, não foi suficiente, diante de séculos de apagamento, exploração e violência tornar (re)conhecida a cultura africana pelo seu valor. Assim, ainda hoje o continente africano continua desconhecido culturalmente mesmo após ter sido amplamente divulgado durante a Copa. Não se pode negar que a verdadeira África não interessava aos meios de comunicação que cobriu o evento e que, terminado, continua o predomínio de aspectos negativos e preconceituosos sobre o continente africano arraigados na sociedade durante séculos como foi possível ver nos relatos acima.

Em relação à pergunta dois, esta questionava-os se haveria países na África em que o português é a língua oficial, se sim, quais eles conheciam e se sabiam quais outras línguas são faladas lá. Seguem as respostas.

NOMES	RESPOSTA
Wagner; Cássia; Maria; Eliane; Otávio; Cibeli; Patrícia; Samanta; Mariane; Lucas; Sergio; Rafaela; Marcelo;	Não sei.
Fanny; Tom;	
Juan	Pois, serão em poucas quantidades.
Talita	**Pode até ter, mais não lembro de ter estudado.**
Diane	Eu não sei, mas acho que tem.
Landa	**Nunca ouvi ou vi algo do tipo.**
Breno	Nunca estudei sobre isso.
Lúcia	**Nunca ouvi falar sobre isso**.
Carol	Não me lembro, mas creio que falem o português e francês
Valter	Bom Africa eles só falam idioma
Leny	Sim, eu conheço Angola e acho que Moçambique eles falam também a língua inglesa.
Michele	Eu acho que sim.
Liliane	Eu acho que sim, mais não cheguei a estudar sobre isso.

Quanto às respostas da questão dois é possível observar que vinte e dois declararam não saber ou lembrar-se de um país africano que fala português enquanto três disseram que sim. A aluna Leny citou dois países africanos que possuem como

língua oficial o português (Angola e Moçambique) e a Carol afirmou que acredita que falam português e francês, porém não se lembrava de nomes. A aluna Carol pode ter lembrado do francês porque há um grande números de países africanos, totalizam vinte e um que têm como língua oficial o francês. Pode-se constatar que a maioria desconhece os cinco países africanos que possuem como língua oficial o português, e pouco sabem sobre Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, já que disseram que nunca haviam lido nada sobre isto, mesmo depois de toda uma discussão noticiada pelas mídias do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) que entrou em vigor no início de 2009 no Brasil.

A terceira pergunta era mais especifica e tinha como objetivo saber se conheciam escritores africanos, mas como a questão anterior era mais abrangente e não se obteve respostas satisfatórias, nesta pergunta dos vinte e seis alunos que responderam, todos disseram que não conheciam nenhum escritor africano. Para Marinês Andrea Kunz (In: CONEXÃO LETRAS 2013, p. 148) outra área a ser suprida com material de leitura no Brasil é justamente a literária, que por muito tempo tornou invisível o negro nas histórias, especialmente na literatura infanto-juvenil, e quando o apresentava era quase sempre como um personagem pobre ou mesmo ladrão. Dessa forma, esta representação negativa marcou gerações que não tinham na produção cultural um espelho que lhes refletisse uma identidade positiva. Por isso, apresentar nas escolas as literaturas africanas, torná-las acessíveis aos alunos é possibilitar conhecer e valorizar os povos africanos, principalmente os que falam a língua portuguesa.

Abaixo estão algumas respostas referentes à questão três: Você conhece escritores africanos? Comente.

Não (26)	Sim (0)
Não porque lá na Africa não tem escritores porque africa é o país mais pobre. (Valter)	
Eu não conheço escritores africanos. (Diane)	
Não e nem pela televisão muito menos pelo rádio. (Michele)	
Não, mais pretendo conhecer. (Liliane)	
Não mais se pude-se conhece los.(Tom)	

Optou-se por ressaltar algumas respostas dos que disseram “não” para fazer uma reflexão diante das afirmações. Desse modo, o primeiro aluno, Valter, afirma não ter escritores no continente africano, uma vez que são segundo ele “pobre”, para Neiva Kampff Garcia (In: CONEXÃO LETRAS 2013, p. 40),

> Considerando que o imaginário africano sempre nos foi apresentado pela ótica
> do exotismo e que as literaturas que o assumem também foram recebidas pelo viés da diferença, só contemporaneamente tomamos ciência de que essa perspectiva pode se dar dentro do próprio universo interior do homem africano. A constante interferência imposta às populações, através de um contínuo assenhorear colonizador e a imposição de fronteiras geopolíticas – que desconsideraram culturas e identidades coletivas –, gerou um autodesconhecimento nesse homem nativo, dificultando uma percepção de si mesmo nas escritas inicialmente produzidas. Tais escritas foram, predominantemente, de caráter ideológico preconizando formulações libertárias. Sob esse aspecto é necessária uma percepção dialética na leitura dos textos africanos, para que possamos compreender as novas linguagens e/ou os novos sentidos em construção, ao que entendemos como um processo de travessia. Esse movimento ocorre por meio de diálogos com vozes periféricas, de desconstrução do olhar interno de exotismo e de uma ruptura na aceitação silenciosa das culturas exógenas.

Como afirma Neiva Kampff, o africano é visto como um ser exótico, e em sua literatura, rica no processo histórico que foram sujeitados, é possível ouvir seus gritos e conhecer o interior do homem e da mulher africana. Tais conhecimentos são ocultados da sociedade, se quiser conhecer deve-se buscar, pois não está disponível a todos. Diante disso, o aluno Valter nos apresenta uma realidade por não conhecer nenhum escritor africano, ao afirmar não existir nenhum escritor atribui como justificativa a pobreza, uma vez que nunca leu ou ouvir falar das produções africanas.

Desse modo, é possível notar que houve durante séculos um apagamento da escrita africana, muitos brasileiros desconhecem a produção literária existente nos países que falam o português, falta uma aproximação entre os continentes, tão distante fisicamente, mas tão próximos na história, cultura e identidade. Há uma necessidade de redizer a oficialidade da História que foi conferida e imposta à África, apresentando aos alunos suas culturas e literaturas, por elas serem um campo profícuo de ação e de possibilidade de assunção do sujeito colonizado, antes relegado a uma violenta condição silenciante, de acordo com Daniel Conte (In: CONEXÃO LETRAS 2013, p. 54).

Nesse sentido, ainda há um problema enfrentado por muitos professores de Língua Portuguesa, ressaltados no trabalho final de mestrado de João Martos Rosa (2012, p.5)

> Na graduação, por exemplo, pude estudar sobre diversas literaturas, como as literaturas, espanhola, inglesa, portuguesa e a brasileira, mas em nenhum momento se abordou sobre a existência de uma literatura africana, fazendo parecer que não há produção literária em países da África. Acredito que este fato, tem contribuído de maneira significativa para a depreciação do afro descendente no Brasil e, de sua cultura, mantendo assim o preconceito racial existente no Brasil, desde os anos de escravidão a que esta população foi submetida.

Diante disso, muitos professores de Língua Portuguesa em seus cursos de graduação não estudaram sobre literaturas africanas, dificultando ainda mais o desenvolvimento de se trabalhar a leitura de textos africanos. Devido à carência de obras de escritores africanos, esta sequência didática só foi possível realizar-se por meio do apoio do orientador deste projeto, que disponibilizou grande parte dos textos de escritores africanos para se trabalhar na escola. Assim, é necessário também buscar os materiais que estão disponíveis na internet como fotografias e vídeos, por exemplo, para suprir a ausência desses textos na escola.

Voltando às respostas dos alunos, Valter ao dizer que não há escritores na África, utiliza um discurso negativo que pode ser justificado pelo pensamento preconceituoso de muitos em achar que na ausência de boas escolas ou faculdades na África, seu povo com uma educação muito deficitária não é capaz de produzir bons livros.

A aluna Michele cita dois meios de comunicação mais próximos da população, a televisão e o rádio. A estudante afirma que nunca ouviu falar de obras literárias africanas por meio desses meios de comunicação, porém se analisar as primeiras perguntas verifica-se que a televisão citada por ela é a mesma que apresenta uma África pobre e sem dignidade, ou seja, a mídia reforça apenas os problemas dos países africanos. Os estudantes Liliane e Tom disseram que querem conhecer os escritores africanos, isto demostra um interesse por parte dos alunos em conhecer a literatura africana, suas histórias e poder a partir disso tirarem suas conclusões. Para Inocência Mata,

> (...) nos cinco países africanos de língua portuguesa, nos quais a liberdade de expressão foi cerceada em nome de ditos interesses nacionais, a literatura informa sobre os fatos omitidos pelo discurso oficial, apresentando-se como oposição ao discurso unilateral. Tal fator decorre do engajamento assumido pelos escritores ao transferirem objetos e valores da esfera discursiva para o plano estético e, desse, para posições éticas e ao próprio conhecimento histórico-cultural. O texto literário assume estatuto de documento simbólico para a construção da imagem

> da sociedade de onde emerge. (MATA, 2006, p. 238. In: CONEXÃO LETRAS, 2013, p.107).

Tal afirmação da autora mostra o erro que há em apagar as manifestações literárias de um povo. Omitir as produções escritas do negro é negar a identidade e os valores de uma cultura, desse modo o texto literário configura um importante documento que legitima e reafirma as marcas culturais transmitidas por meio da escrita. Mostra-se diante da afirmação da autora que é necessário transmitir aos alunos o papel do escritor africano em expandir sua história, e apresentar sua marca cultural por meio da arte das palavras. As obras destes autores são manifestações do conhecimento histórico-cultural omitido nos discursos oficiais e que se preocuparam em silenciar a voz negra até hoje.

As duas questões seguintes tinham o objetivo de fazer um levantamento sobre os conhecimentos que os alunos possuíam a respeito da África. A pergunta quatro questionava-os sobre quais os aspectos afirmativos que valorizavam o continente e que era de conhecimento deles. O objetivo era fazer com que refletissem sobre o que há de bom na África, poderiam citar lugares, pessoas, belezas naturais ou construídas pelo homem e as manifestações artísticas, assim teriam oportunidade de escrever elogios e qualidades positivas. Já a questão cinco perguntava quais os aspectos negativos que conheciam. Desta forma, foi possível avaliar o que pensavam e refletir posteriormente sobre suas respostas para despois de aplicada a sequência didática verificar os resultados do trabalho.

Analisando os aspectos positivos, têm-se as oito primeiras respostas que falam da diversidade cultural africana, o valor e a força do ser humano em lutar para sobreviver, a presença da família e também os lugares conhecidos pelos estudantes como aldeias e belas construções. Em seguida, há os aspectos positivos relacionados aos animais nos discursos dos alunos Tom, Liliane e Sérgio ressaltaram a diversidade, a beleza, animais perseguidos por caçadores e lindas paisagens. Mas, nesses discursos é possível notar o quanto são vagos em suas descrições, sugerindo um desconhecimento sobre o assunto para ter domínio em escrever com riqueza de detalhes o que conheciam. Porém, é possível observar a forma como responderam a questão cinco, pode-se dizer que tiveram uma resposta totalmente diferente, escrita com mais segurança e autoridade ao tratar o assunto. Contudo, mais uma vez constatou-se a negatividade que a maioria da turma expressou com suas palavras ao descrever o continente africano, mesmo em uma

questão que solicitava justamente o contrário, aspectos bons, afirmativos e que valorizassem a África. Vamos às questões:

NOME	POSITIVO (QUESTÃO 4)	NEGATIVO (QUESTÃO 5)
	CULTURA E PESSOAS	
Tom	Na Africa existe uma **rica cultura**, existem belos animais e lindas paisagens e **boas pessoas**.	Na Africa sei que existem grandes problemas relacionado ao modo de vida de auguns africanos sendo que existem muintas pessoas desnutridas passando fome e sede, e sei que existem e existiram muintas guerras e batalhas civis na africa.
Carol	**Cultura**, são um povo rico em cultura, e acho que são humildes como pessoa.	Sol. Lá é quente.
Cássia	A variedades de **culturas**	A pobreza, fome, má qualidade de vida.
Eliane	Em outra parte da africa a **pessoas felizes e alegres** com belas moradias e aldeias africanas bastante incrível.	População sofrida, com fome e sem moradia.
Valter	porque eles são serumanos e tâbem eles merece porque eles são **pessoas boas**	Porque são pobres e **não tem futuro para eles** e lá e como um deserto.
Lucas	Existem muitas **pessoas boas.**	Muita pobreza e violência.
Leny	Que lá há também pessoas humildes e **pessoas** que se preocupam com o **bem estar do país**, e há lugares também **ótimo, para morar** ou para fazer turismo.	Que lá há bastante tipos de doença, fome, crianças órfãos, é que maioria da população vivi na miséria, também contrabando de drogas para o país, e não tem certas seguranças.
Rafaela	Que mesmo em dificuldades eles buscam o **melhor para sua família**.	Que eles podem achar que suas vidas não **vão mudar para melhor**.
	ANIMAIS	
Liliane	Que lá existe vários lugares que ajudam **os animais feridos**, e são contra os **caçadores**. Não sei muita coisa.	A seca. Lá não há chuva, água, e é muito quente. Várias pessoas morrem por doenças e falta de água e comida.
Sergio	**Animais** diversos.	A fome e a pobreza.
	NÃO HÁ PONTO POSITIVO	
Maria	Os positivos e que vão muitas pessoas para **ajuda os africanos**.	Os negativos e que o ruim que morrem pessoas todo o momento e as pessoas não pode ajudar em nada por causa da seca.
Rick	Eu não sei **nenhum** aspecto positivos da África.	Os pontos negativos que na Africa e um país muito pobre falta água, comida.

Cibeli	Até hoje eu **nunca ouvi** falar sobre **algo positivo** sobre a África.	Que as pessoas que moram lá sofrem bastante pois não tem o que comer, ficam vários dias sem comer, possuem também pouca água para eles beber e até banhar.
Otávio	A grande civilização, pois a maioria **pobres carente**	A crise de pessoas passando fome, falta de água, comida e roupas leva a muitas mortes.
Talita	Sinceramente **nunca ouvi** nada falando coisas boa na africa	Que muita gente morre de fome, muitas crianças não estudam, e não tem onde morar
Diane	Acho que **nenhum** porque só ouvi fala de **coisas feias e triste** sobre a africa.	Pessoas morrem de sede de fome pelo simples fato de não ter trabalho, tem pessoas que morrem de tanto ficar sem beber e comer.
Landa	Pessoas humildes, **carentes** do tipo honestas, pessoas que lutam para sobreviver	Pessoas magras, muitas mortes. (Acho que deve ser mais ou menos isto)
Patrícia	Eu não conheço **nenhum**.	A seca e pessoas morrendo de fome e sede.
Samanta	Bom não sei, **pois em noticiário não aparece coisas boas** e nem conheço muito.	Muitas doenças, pessoas que vivem muito mau, **muitos acontecimentos ruim que passa em noticiário**.
Michele	Eu não estudei sobre isso, mais já ouvi falar só **não sei o que falar**.	Eu não estudei sobre isso.
Mariane	**Nenhum** porque falam tão mal de lá.	O racismo e a fome que o povo de lá passa.
Fanny	Eu **nunca estudei** sobre isso.	As doenças.
Breno	**Nenhum.**	Não sei.
Wagner	**Nenhuma**	Pobreza, fome
Lúcia	Não me lembro **nenhum**.	A pobreza e a falta de moradia e etc.
Marcelo	**Nenhum.**	**Conheço muitos aspectos** negativo sobre a africa como pobresa a fome e as doenças como uma que eu vi na tv nome dessa doença é ebola ela esta matando muitas pessoas.

Em relação aos aspectos negativos da questão cinco é possível observar que muitos dos alunos que não tinham o que dizer sobre os positivos escreveram com mais propriedade, afirmando com domínio as características negativas do continente. Comparando com a questão quatro, houve dez alunos que alegaram nunca ter ouvido falar ou mesmo estudar sobre os aspectos afirmativos da África, e que não tinham o que escrever, pois só sabiam os negativos enquanto que sobre a questão cinco, somente dois alunos disseram que não sabiam ou que não haviam estudado sobre o assunto,

mostrando assim, o real conteúdo tratado nas escolas e nas mídias quando se refere à África.

O que se observa nas respostas da questão cinco é que a maioria apontou como aspecto negativo a fome, sede, seca, falta de trabalho, moradia, pobreza e doenças. O que se esperava pelas respostas das questões anteriores, mas o que me chamou a atenção foi o pessimismo nas respostas dos alunos Valter e Rafaela, que afirmaram não haver futuro para os africanos e que não poderão mudar suas vidas para melhor. É um discurso muito carregado de conformismo por parte dos dois alunos ao afirmarem que aqueles que não possuem recursos financeiros não poderão buscar melhorias para si e sua família. Relacionando tais afirmações com as respostas de outra atividade feita em sala em que os alunos precisavam falar de si e o que esperavam para o futuro, verificou-se em alguns relatos este mesmo pessimismo em relação ao seu próprio futuro, quando disseram que não iriam fazer faculdade e sim trabalhar, por exemplo.

Outro ponto importante de destacar é o discurso do aluno Marcelo, em que diz não conhecer nenhum aspecto positivo sobre a África, porém em relação aos aspectos negativos o mesmo diz que, "**Conheço muitos aspectos negativo** sobre a africa como pobresa a fome e as doenças como uma que eu **vi na tv** nome dessa doença é ebola ela esta matando muitas pessoas". Desta forma, o aluno enumerou o que julgou relevante apresentar, e também ressaltou que viu alguns dos aspectos negativos na TV. Destaca-se a segurança do aluno em escrever, inclusive citando a fonte de onde tirou a informação, o mesmo demostra ser um espectador de jornal televisivo, ou seja, que busca estar informado. Entretanto, o que o jovem leitor em formação não compreendeu ainda é que muitas informações são omitidas de seu conhecimento, por se ter a ideia que apenas notícia ruim que vende, como se vê em muitos canais e jornais televisivos, onde noticiam com mais frequência mortes, crimes, guerras, violência. Com isso, aquele que assiste somente a um determinado tipo de mídia internaliza estereótipos de que esse ou aquele lugar é simplesmente o que retratam, dessa forma, alienam as pessoas influenciando no que pensam, dizem e escrevem. Os próprios alunos refletiram sobre esse assunto ao afirmarem que só conhecem aspectos ruins da África porque o noticiário só mostra isso, como apresenta as alunas Talita, Diane e Samanta.

A pergunta seis é sobre o que lembram ter estudado sobre o assunto trabalhado nas questões anteriores, se já estudaram ou ouviram falar, nesse momento é de conhecimento que muitos nas questões anteriores já responderam essa pergunta dizendo que não haviam estudado.

Sim (o que estudou)	Não estudou
5 declararam que estudaram.	21 declararam nunca ter estudado ou não se lembrar de ter estudado.
Que a africa é o lugar mais pobre de todas as regiões. (Rafaela)	
Sobre a fome e o modo que eles vivem. (Breno)	
Sobre as crianças africanas sobre as vezes não terem escolas e muito menos moradias sobre as doenças também. (Landa)	
Lembro de quando um professor passou um veideo de crianças procurando comida no lixo para se alimentar na africa. (Diane)	
Um homem negro que ajudo pais africano. (Rick)	

Como se vê, vinte e um alunos declararam não ter estudado o conteúdo citado, vale ressaltar que muitos possuem esse discurso de dizer que nunca viram determinados assuntos, todavia, por algum motivo como, por exemplo, a desmotivação faz com que muitos não se lembrem do que viram ao longo do percurso escolar. A metodologia que o professor utiliza para trabalhar o conteúdo e a falta de interesse dos alunos também pode levá-los a não se lembrar da matéria estudada. Entretanto, os cinco alunos que declararam ter estudado, somente um apresentou uma informação não pejorativa, declarando ter estudo sobre um negro que ajudou um país africano. Possivelmente alguma personalidade conhecida mundialmente como Nelson Mandela, muito retratado em filmes e documentários que apresentam sua trajetória e sua importância para a construção de um país democrático.

Um ponto a se destacar é o discurso da aluna Diane quando afirma lembrar-se de um vídeo que o professor apresentou sobre crianças procurando lixo para se alimentar, não se pode discutir sobre a aula do professor, por não saber qual foi a metodologia da mesma, entretanto, observa-se o quão forte é a declaração da aluna Diane. Ao analisar o discurso da estudante verificou-se a marca deixada como referência do que é a África para a estudante, esse vídeo ficou gravado em sua memória, uma vez que o citou como exemplo sobre o que estudou a respeito do continente africano.

Precisa-se compreender que o que se leva de material pedagógico para a sala de aula transformará e formará jovens aprendizes. Em se tratando da África, com sua História e Cultura, é necessário apresentá-la de forma adequada, mostrar a realidade e não reforçar pensamentos preconceituosos. Não se deve abordar nas aulas imagens,

vídeos, documentários, que reforçam a escravidão e a pobreza, em razão dessa temática ir contra a Lei 10.639/03 e a todo um esforço de muitos na tentativa de unificar os povos com culturas, identidades, cores e histórias diferentes.

A próxima questão é sobre a opinião deles em relação à importância de aprender esse conteúdo na disciplina de Português. O objetivo desta questão foi verificar a sensibilidade dos estudantes no que se refere ao conhecimento sobre a África. Abaixo as respostas dos alunos:

Fanny	Pra **conhecer mais a cultura** deles, etc
Mariane	Acho que serve **para tirar** um poco do **preconceito das mentes das pessoas**.
Leny	É que faz a gente descobrir **as qualidades, vantagens**, desvantagens e a economia desse país.
Talita	Para as pessoas **não ter mais preconceito** e ajudar as pessoas que sofrem.
Cibele	A importância é que a gente aprende mais sobre a **cultura** deles, seus **costumes** e tudo o que eles vivem.
Lúcia	A importância para mim é **adquirir conhecimentos** que **eu não sei quase nada** sobre isso mais gostaria de ter oportunidade de saber mais sobre esses assunto.
Tom	Para mim sempre foi importante saber sobre essas coisas acho que **precisamos nos manter informados** sobe o que acontece no mundo não só na Africa mais em outros países e aprender sobre **a rica cultura** que todos os países mostram e saber de seus problemas para que possamos ir a esses lugares em viagens ou para que possamos dar uma ajuda nos momentos que temos essa oportunidade.

Analisando as respostas desta sétima questão é possível compreender que os estudantes estavam com a "mente aberta" ao novo conhecimento e a vontade de aprender algo "que eu quase não sei nada" como disse Lúcia. Verificou-se nesses discursos a curiosidade em aprender sobre uma cultura, costumes diferentes e "manter-se informado" sobre o que ocorre no mundo. Também é importante ressaltar a marca existente na sociedade do preconceito nas falas da Mariane e da Talita, ambas compreenderam que infelizmente o preconceito existe. Entretanto, conhecer a cultura do outro é faz com que se perceba que felizmente o diferente existe e que "reconhecer democraticamente a riqueza da diversidade é aceitar esse outro tipo de saber" (SODRÉ, 2005, p. 21 apud AMÂNCIO, 2008, p. 37). Assim, aceitar e conhecer justamente por ser diferente. Nesse sentido, a literatura promove a sensibilização e a curiosidade em conhecer o outro, viver sua cultura e se identificar ou não com ela. O papel da obra

literária é humanizar, fazer com que as pessoas se tornem perceptivos com a realidade e o imaginário que os cercam. Candido reflete sobre a Literatura quando diz,

> Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós uma quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Nesse contexto, ao promover o contato com autores africanos de língua portuguesa, a escola e o professor mediarão e estabelecerão os diálogos entre a literatura brasileira e as demais literaturas de língua portuguesa, outras culturas, promovendo a quebra de preconceitos e paradigmas. Desse modo, na leitura desses autores têm-se uma literatura que transcende fronteiras geográficas e linguísticas, pois evidenciam a história e a cultura que são marcas identitárias. Nessa perspectiva, o contato com as literaturas entre os países Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, por exemplo, torna o reconhecimento da similaridade entre os países de língua portuguesa que sofreram semelhante processo de colonização.

Nesta mesma questão obteve-se também alunos que continuaram a reforçar aspectos depreciativos ao continente, ressaltando a fome e a miséria como algo a ser estudado para que se pense em maneiras de solucionar este problema, seguem as respostas:

Rick	Para nos ver que **nosso país é bom** que nos recama a Africa um país probe o brasil pais tem tudo para a família de bom.
Diane	A importância de que deveríamos fazer diferente **doar comidas** para as pessoas necessitadas na africa ou em qualquer lugar.
Liliane	Pois lá é um lugar bem deserto e pouco comentado. E tem pessoas e animais que **sofrem por falta de água e alimento**.
Breno	Aprender a ser mais humilde.
Rafaela	Que devemos agradecer a deus **por termos mais condição** pois a muitas gente que só reclama da vida que se tem.
Wagner	**Aprender a não desperdiçar comida**.
Landa	**Pensar na importância da vida comparada com a vida africana**, passar a dar valor as coisas que possuímos ou temos.
Sergio	Aprender a **não desperdiçar comida**, porque **pobreza na Africa é muita.**
Marcelo	É importante sabe que pessoas como eu **estão passando fome eu não posso ajudar.**

Os discursos presentes nas declarações desses nove alunos podem ser interpretados como uma forma de comparar a vida deles socioeconômica com a vida dos africanos mostrada em noticiários. Vale ressaltar que o Brasil está longe de ser um país referência no que diz respeito a qualidade de vida, entretanto de modo geral o nosso país passa por melhorias na distribuição de renda e oportunidades de estudo e emprego, nesse sentido esteve presente nos discursos do aluno Rick "**nosso país é bom**", e da aluna Landa "**Pensar na importância da vida comparada com a vida africana**", a afirmação de que a qualidade de vida do brasileiro é mais confortável em relação a população africana. Dessa forma, está presente nas marcas discursivas desses alunos o conhecimento da precariedade na distribuição de renda em alguns países africanos, consequência da falta de políticas públicas que assegurem oportunidades para melhorar as condições de vida.

A oitava questão investiga se os alunos acreditam que o Brasil sofreu influências africanas e solicita também que se a resposta for afirmativa, que citem exemplos. De acordo com Kunz (In: CONEXÃO LETRAS. 2013, p. 148)

> Não raro, faz-se necessária uma lei para modificar à força formas cristalizadas
> de ver o mundo, que fazem com que a sociedade nem perceba que pode ser diferente ou que há mais culturas a permear a cultura brasileira, que não a portuguesa – ou a europeia. A partir da reformulação do olhar, pode-se ver o negro para além da música e da dança, avaliando, com isso, mais aprofundadamente sua contribuição, em todos os setores, para a construção da história e do acervo cultural brasileiro – a construção da identidade nacional.

Diante disso, não se pode desconhecer que os africanos construíram parte da identidade brasileira, devem-se muito aos legados africanos deixados no Brasil. Entretanto, com a análise desta questão no que se refere às influências pode-se entender que a maioria da turma desconhece nossas heranças culturais trazidas da África. De acordo com Yeda Pessoa de Castro (2005) em seu artigo "A influência das línguas africanas no português brasileiro" a língua é um exemplo dessas heranças deixadas em nosso país, em razão do nosso vocabulário ser enriquecido com muitas palavras originárias de duas regiões africanas, a banto e do oeste-africana, chamadas de "sudanesas". Desse modo, segue as respostas abaixo:

Sim, temos.	Não temos.
Quatro alunos disseram que temos	**Vinte e dois** responderam que não

influências africanas.	temos;
Carol: sim culinária;	Fanny: Não, eu acho que os brasileiros tem a cultura bem diferenciada.
Eliane: sim, a nossa culinária aparenta ter um pouco de coisas e reseitas africanas.	Lucas: eu acredito que não temos influencias africanas.
Otávio: sim, a comida (culinária)	Leny: não, pois nós brasileiros além de ser uma mistura de cada raça temos influências diferentes;
Cássia: sim, pois muitos brasileiros são decendentes de africanos.	Sergio: não conheço.

Como se pode verificar na oitava questão, a maioria da turma acredita que não há influências da cultura africana no Brasil. Isso pode ser explicado pelo fato de haver uma omissão e uma interiorização da cultura africana na sociedade brasileira, desse modo, alguns dos alunos não se sentem parte de uma cultura negada por séculos. Para Nilma Gomes,

> (...) Conhecer e compreender a história e a cultura africana e afro-brasileira é mais um passo no processo de libertação do racismo ambíguo ainda impregnado no imaginário e nas práticas sociais e pedagógicos. A ignorância tem sido ao longo da história da humanidade um campo fértil para a propagação de preconceitos. Dessa forma, a ignorância sobre a África e sobre a trajetória de ação, luta, resistência, efervescência cultural e política da comunidade negra brasileira têm sido empecilhos para a construção de uma educação antirracista e que caminhe na perspectiva diversidade. (GOMES, 2010, p. 154)

As afirmações da autora confirmam o que se verificou nas declarações dos alunos, uma vez que negaram as heranças culturais em seus discursos por não se reconhecerem no grupo dos que sofrem preconceito. Colocaram-se, sem saber, no grupo dos que tentam apagar uma riqueza africana como fez o colonizador ao vê-la como inferior e de pouco valor. Os educadores precisam compreender que se não trabalharem a história e a valorização das marcas africanas no país, acabam por corroborar o preconceito e apagar a trajetória de luta, resistência e diversidade existente.

Diante disso,

> Vinculado à história da colonização está o processo de constituição identitária nacional. De acordo com o africanista Patrick Chabal (1998), a identidade nacional é um fenômeno eurocêntrico que se desenvolve,

> principalmente, no século XVI. Não à toa, é um século de viagens, conquistas e descobertas do outro. Esse outro foi fundamental para a formação do constructo identitário europeu por sustentar o polo negativo de uma identidade baseada em oposições binárias. O africano (ou o americano) era o bruto, o selvagem, o sem fé, nem lei, nem rei. A identidade do colonizador fez-se pela não-identidade do colonizado. Justificava-se assim todo o sistema de exploração através de uma missão civilizatória. Dessa forma, não é difícil de perceber que a história das recentes nações africanas é a história da negação. A positivista história moderna europeia, com sua narrativa linear e diacrônica, sustentada pelos grandes marcos e documentos oficiais, e com as pretensas objetividade e neutralidade científica de um observador, claramente, não deu conta da complexidade da relação do africano com a dominação colonial. As narrativas totalitárias e baseadas nos essencialismos filosóficos que sustentaram, durante muito tempo, o conceito de verdade foram, justamente, alguns dos instrumentos do sistema colonial. Esses instrumentos culturais (religião, língua, história) constituíram a via da violência implícita (Cf. Jane Tutikian, 2006, p.93), que acabou por sufocar a cultura dos povos africanos. (RUCKERT. In: CONEXÃO LETRAS 2013, p. 108)

Uma identidade construída pelo viés do colonizador apresenta o europeu como um herói e o colonizado como o bruto, diante disso, querer ser o colonizador recusando ser o colonizado são atitudes confirmadas nos relatos dos estudantes acima, uma vez que não se sentem parte de uma história de negação, onde o negro é visto como selvagem e tem sua religião, cultura, cor, identidade, desprestigiada em comparação ao europeu. Por outro lado, quatro alunos, Carol, Eliane, Otávio e Cássia, disseram que o Brasil possui influências africanas, e citaram, respectivamente, a "culinária; culinária aparenta ter um pouco de coisas e receitas africanas; e comida (culinária)", com isso o segundo discurso da aluna Eliane apresenta uma imprecisão em sua declaração, uma vez que usa os vocábulos "aparenta ter", apresentando uma ideia de incerteza.

Dessa forma, este questionário possibilitou traçar um perfil para a turma, e analisar o que os alunos conhecem ou não sobre o continente africano. Para prosseguir com a SD, foi preciso primeiramente compreender quais eram os conhecimentos sobre a África que os estudantes adquiriram tanto na escola quanto fora dela. Saber se conheciam as línguas, costumes, escritores, obras e a história da África permitiu repensar o planejamento com base nas informações orais e escritas fornecidas pelos alunos durante as primeiras aulas, e no final da SD foi possível avaliar o que aprenderam.

3.1 CONHECENDO UM POUQUINHO DA DIVERSIDADE AFRICANA

Depois que os alunos finalizaram e entregaram o questionário, começou-se a debater as questões abordadas informalmente. Muitos disseram que a TV sempre

apresenta uma África devastada por tragédias naturais pela fome, miséria e doenças graves como se viu nas respostas dos questionários. Diante disso, utilizou-se a televisão e o notebook para apresentar alguns vídeos que iriam começar a descontruir pensamentos negativos sobre o povo africano, tais vídeos mostravam cidades urbanizadas com belíssimas construções, patrimônios mundiais, pessoas felizes a cantar e dançar, a movimentação de carros. São vídeos que apresentam cidades africanas muito parecidas com as cidades litorâneas do Brasil, como bem relatou um aluno durante a aula.

O primeiro vídeo apresentado aos alunos está intitulado no YouTube como "A África que nunca vimos ou que ninguém nos mostra"[4]. Nesse documentário são apresentadas imagens do continente como lugares históricos, turísticos e urbano. Neste vídeo os alunos puderam conhecer, por exemplo: Luanda em Angola, as praias e a área urbana de Cabo Verde, Moçambique, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Argélia, Madagascar, África do Sul, Pretória, Cidade do Cabo, Durban, Joanesburgo, Mali, Benim, Burquina Faso (havia na imagem uma árvore chamada Baobá, que os alunos amaram conhecer), Comores, Seicheles, Tunísia, Gana, Namíbia, Senegal, Zimbabwe, Quênia, Ruanda, Etiópia, Camarões, Nigéria, o império de Ghana. Este vídeo exibido também aborda a importância do continente africano para a ciência, a história e geografia, por exemplo, por ser o berço da humanidade.

O segundo vídeo, "Moçambique, uma África que fala português"[5], aborda os cinco países africanos que tem como língua oficial o português: Cabo Verde, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Foram apresentados os vídeos e depois a aula foi complementada com telas retratando a economia, a localização geográfica, fotos dos países e pontos turísticos. Debateu-se com os alunos a importância da cultura africana para o país, sua presença no cotidiano dos brasileiros, na língua portuguesa, suas riquezas e seus valores culturais.

Os alunos também assistiram a um vídeo sobre o baobá[6]. Depois disso, foi lido um texto que fala sobre essa árvore, e comentado com eles que o baobá também existe no Brasil, principalmente no nordeste brasileiro.

---

[4] Vídeo disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=3vllE0-Xuo0>
[5] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jdTTMadLOYs>
[6] Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=C5nSJvhqBKE>

Fonte da imagem: Reprodução/Wikipédia

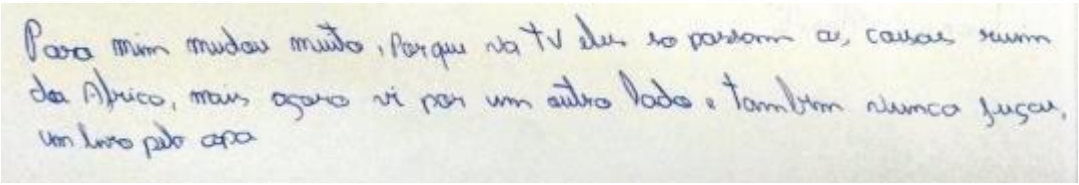
Se você é fã do Pequeno Príncipe, adorável personagem criado por Antoine de Saint-Exupéry, certamente se recorda do drama dos baobás, aquelas árvores enormes que ameaçavam a existência do planetinha fictício do menino. Pois essas plantas existem de verdade e são realmente bem grandes, podendo alcançar até 25 metros de altura.

Os baobás são nativos de Madagascar, das savanas da África, da Índia e da Austrália, e se espalham principalmente na linha do Equador. Essas árvores podem viver durante milhares de anos e, se você observá-las com atenção, vai perceber que elas parecem ter sido plantadas de cabeça para baixo. Isso se deve à aparência de seus galhos, que lembram raízes e normalmente permanecem sem folhas durante nove meses do ano. A característica que mais se destaca nos baobás são seus troncos extraordinários, que podem chegar a medir mais de 20 metros de diâmetro! E essas estruturas não são enormes assim por acaso: durante os meses de chuva, a água fica armazenada no interior do tronco — que é oco e resistente ao fogo — para enfrentar os meses de seca que se seguem, e existem registros de baobás que chegaram a guardar até 100 mil litros do líquido.

Aliás, graças a essas peculiaridades dos troncos, não é raro que pessoas se instalem em seu interior, e muitos inclusive são usados como bares, santuários, ponto de ônibus e até como cadeia. Mas, além de oferecer abrigo e servir de reservatório de água, tudo nos baobás pode ser aproveitado. http://www.megacurioso.com.br/plantas-e-frutas/39949-baoba-por-que-essas-arvores-africanas-tem-troncos-tao-largos-.htm

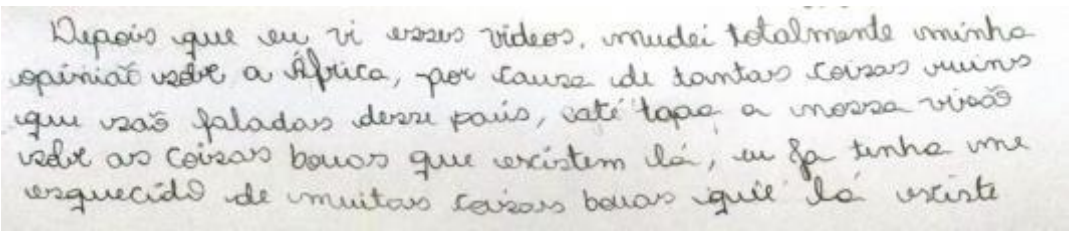
Após finalizar a apresentação, solicitou-se que os alunos escrevessem suas impressões sobre o assunto abordado e o que mudou (ou não) a respeito do que pensavam quando responderam o questionário anteriormente. Segue alguns dos relatos:

(Michele)



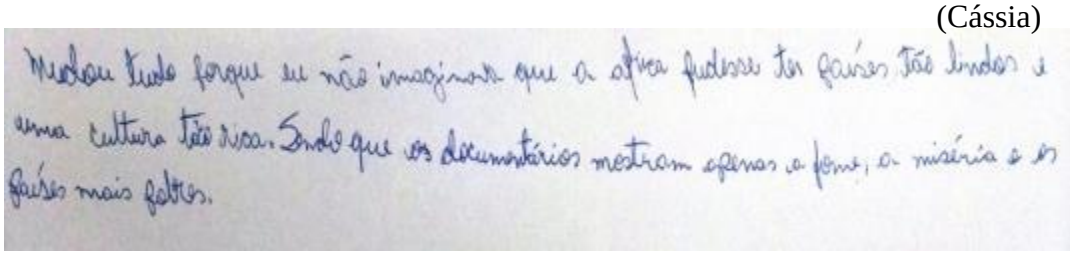
Para mim mudou muito, Porque na TV elas só passam as coisas ruim da Africa, mas agora vi por um outro lado e também nunca julgar, um livro pela capa

(Eliane)

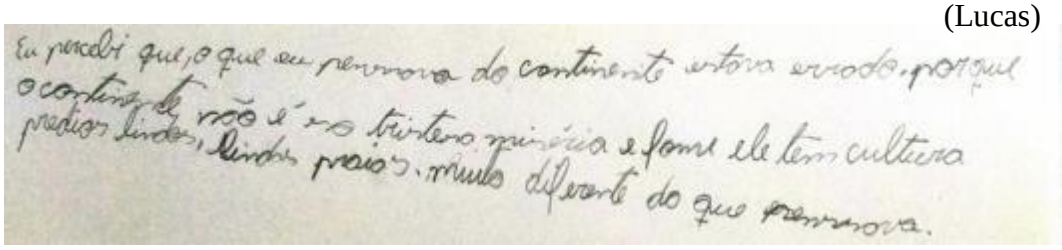


Depois que eu vi esses videos, mudei totalmente minha opiniãõ sobre a África, por causa de tantas coisas ruins que vaõ faladas desse país, até tapa a nossa visão sobre as coisas boas que existem lá, eu já tinha me esquecido de muitas coisas boas que lá existe

(Cássia)


Mudou tudo porque eu não imaginava que a africa pudesse ter países tão lindos e uma cultura tão rica. Sendo que os documentários mostram apenas a fome, a miséria e os países mais pobres.

(Lucas)

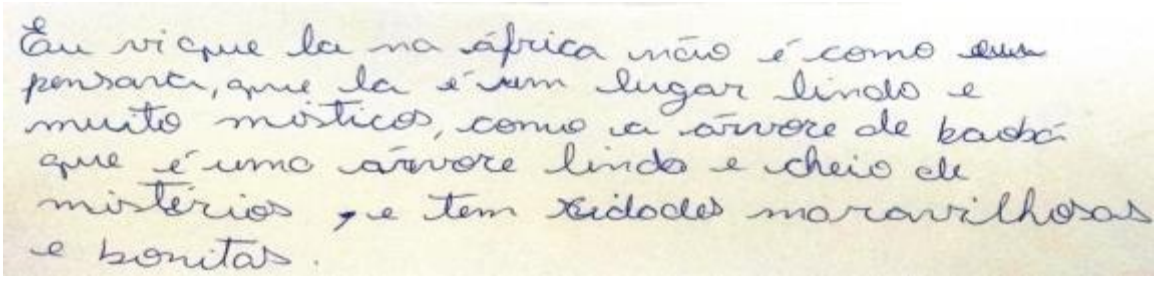

Eu percebi que, o que eu pensava do continente estava errado, porque o continente não é só tristeza miséria e fome ele tem cultura prédios lindos, lindas praias. muito diferente do que pensava.

Os relatos dos quatro alunos acima mostram a influência dos meios de comunicação na formação de opiniões, uma vez que os estudantes declararam assistir nos programas de TV, documentários somente temas negativos ao tratar a África. A primeira aluna, Michele, usou um ditado popular “não julgar o livro pela capa”, isso demonstra o quanto se sentiu desinformada com os estereótipos que ela mesma possuía sobre a África. Por meio dos vídeos ela pode ver que o continente não se constitui apenas em pobreza, doença e fome.

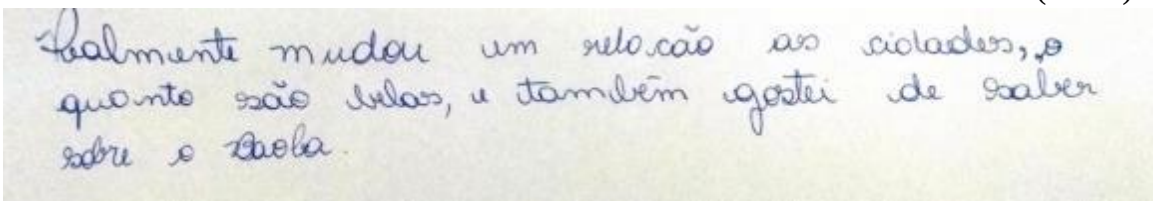
A aluna Eliane diz que sabia sobre a beleza africana, mas que por ver muitas coisas negativas, possivelmente na TV, sua visão foi tapada, relatando as influências da mídia. Pode-se entender com sua fala o quão importante foi apresentar o contrário do que é revelado para a sociedade, a aluna mostra que de tanto ver algo só de um jeito a fez esquecer as informações que já havia aprendido, assim, apresenta a alienação ocasionada pelos meios de comunicação, que só faz o espectador, muitas vezes, ver um lado dos fatos. Para notar a influência que a mídia possui, basta observar a imagem que passam dos europeus em comparação com os africanos, se perguntar aos alunos qual a primeira imagem que associam com a Europa, possivelmente será muito diferente em relação à África. A terceira aluna, Cássia, demonstra sua indignação perante aos documentários que apresentam somente a fome e a miséria. Já o aluno Lucas apresentou conhecer a respeito do sentido da palavra continente e o empregou de maneira coerente,

mostrando que compreendeu que África é um continente não um país, isso é muito importante por demostrar noção de espaço geográfico e identidade.

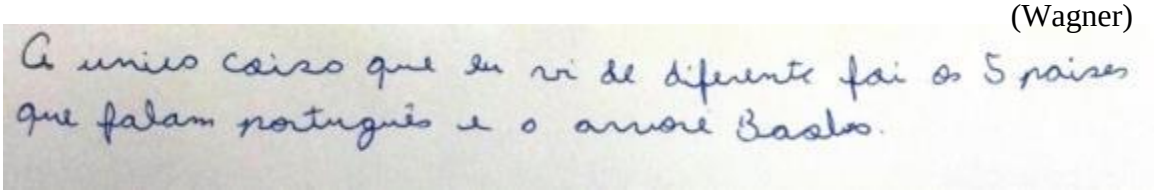
(Liliane)


Eu vi que la na áfrica não é como eu pensava, que la é um lugar lindo e muito místico, como a árvore de baobá que é uma árvore lindo e cheio de mistérios, e tem cidades maravilhosas e bonitas.

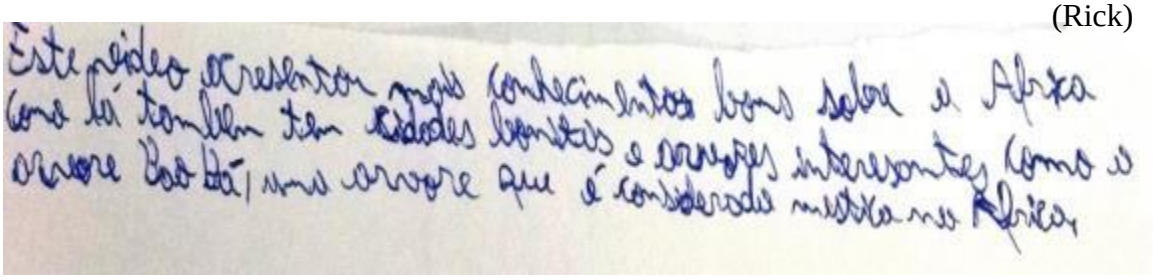
(Maria)


Realmente mudou um relação as cidades, o quanto são belas, e também gostei de saber sobre o baobá.

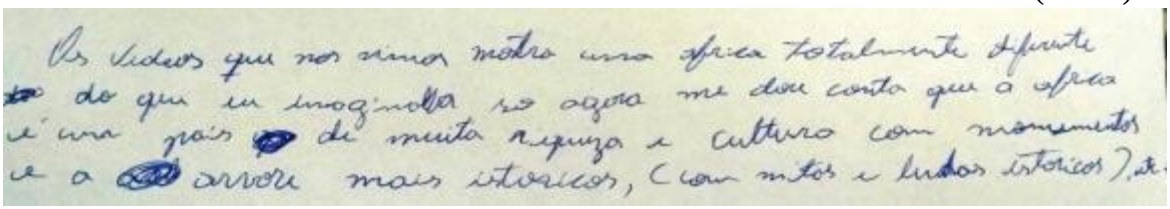
(Wagner)


A unica coisa que eu vi de diferente foi os 5 paises que falam português e o arvore Baobá.

(Rick)


Este vídeo acrescentou mais conhecimentos bons sobre a África como lá também tem cidades bonitas e coisas interessantes como a árvore Baobá, uma árvore que é considerada mistica na África.

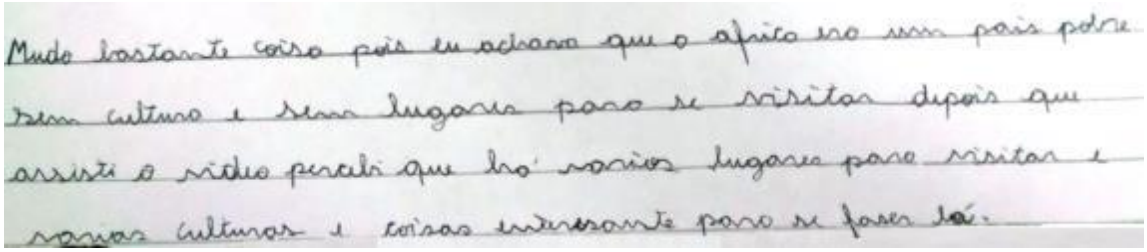
(Breno)


Os vídeos que nos vimos mostra uma africa totalmente diferente do que eu imaginava ate agora me dou conta que a africa é um país de muita riqueza e cultura com monumentos e a arvore mais istoricos, (com mitos e lendas istoricos), et.

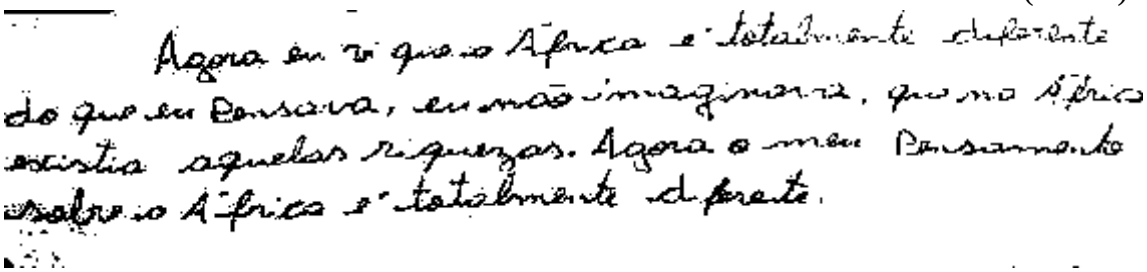
Verificou-se nos discursos dos alunos o vislumbramento com a árvore imponente e cheia de mistérios chamada baobá. É possível observar na fala da aluna Liliane, o quanto ficou admirada com a beleza das cidades e os mistérios do baobá. O aluno Rick, diz que o vídeo apresentado na aula acrescentou conhecimentos “bons”

sobre a África enquanto o Breno afirma que os vídeos mostraram uma África diferente, ele destaca sua constatação reforçando a ideia de que viu uma África muito diferente do que conhecia ao utilizar o advérbio “totalmente”. Em seguida, mencionou a cultura, a riqueza e a história, elementos estes que quase não apareceram no questionário analisado da primeira atividade. Os últimos relatos são:

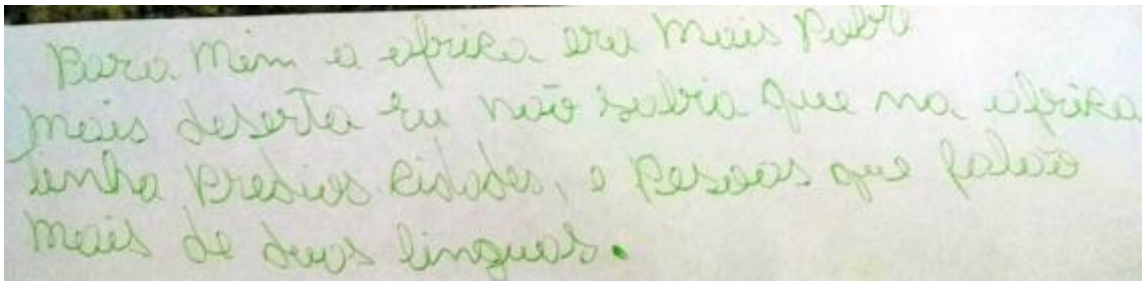
(Tom)


Mudo bastante coisa pois eu achava que o africa era um pais pobre sem cultura e sem lugares para se visitar depois que assisti o video percebi que ha varios lugares para visitar e varias culturas e coisas interessante para se fazer lá.

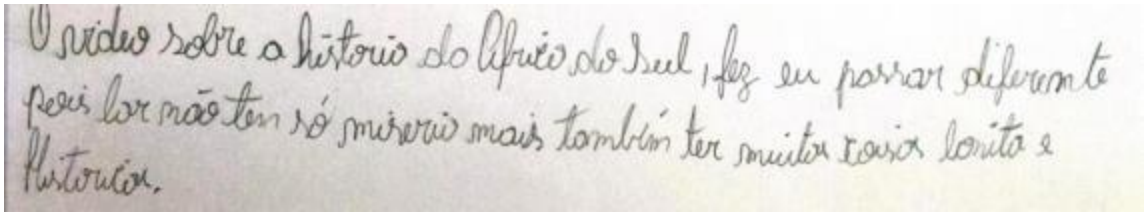
(Cibele)


Agora eu vi que a África é totalmente diferente do que eu pensava, eu não imaginava, que na África existia aquelas riquezas. Agora o meu pensamento sobre a África é totalmente diferente.

(Lúcia)


Para Mim a africa era mais pobre mais deserta eu não sabia que na africa tinha predios cidades, e pessoas que falavão mais de duas linguas.

(Landa)


O video sobre a historia do Africa do Sul, fez eu pensar diferente pois lar não ten só miseria mais também ter muita coisa bonita e historica.

Este grupo de alunos explicita em seus discursos o quanto as pessoas possuem pensamentos errôneos sobre um grande continente que ocupa o terceiro lugar em extensão territorial, e que possui uma diversidade étnico-cultural. Pode-se destacar nos textos acima o fato de acharem que na África não havia prédios, cidades bonitas e lugares para serem visitados. O aluno Tom chegou a dizer que pensava que lá não possuía cultura e crenças. O professor não pode ser conivente com o desconhecimento dos alunos sobre a África ou ideias preconceituosas, é preciso mudar este cenário.

Diante disso, é necessária uma intervenção do professor/escola para desconstruir tais estereótipos. Pode-se perceber com esta experiência durante a aula que com apenas uma coletânea de vídeos se conseguiu descontruir em muitos alunos a visão "negativa" que possuíam sobre a África. Com o desenvolvimento das etapas seguintes da SD, foi possível desconstruir pensamentos preconceituosos por meio, principalmente, da Literatura. É papel da escola formar cidadãos conscientes, críticos e conhecedor de sua história, porque conhecer a cultura do outro te faz olhar para a sua e conhecê-la ainda mais. Desse modo,

> Se a função da escola é oferecer a cidadania, a formação de um sujeito crítico e
> consciente, o resgate da História e da Cultura dos que ficaram à margem dos estudos sobre a formação do povo brasileiro é um importante passo neste sentido. Inserir no cotidiano escolar o trabalho com a História e a Cultura indígena, africana e afrodescendente é imprescindível para a valorização desses povos e pode auxiliar na desconstrução de imagens estereotipadas das culturas. (SANTOS et al. In: CONEXÃO LETRAS, 2013, p.144)

Como se pode ver, a escola precisa descontruir imagens como estas discutidas no excerto acima e confirmadas pelos alunos da 3ª Fase, caso contrário não se promove a valorização daqueles que tanto significam para a sociedade, por serem parte da formação do brasileiro. A cultura africana faz parte da identidade brasileira e é preciso apresentá-la de modo a despertar nos estudantes a identificação com a mesma. Dessa forma,

> A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006, p.12)

Stuart Hall afirma que a identidade não é formada biologicamente, ou seja, são formadas pelos conhecimentos históricos e culturais que se adquire com os antepassados. Isso mostra que é necessário apresentar o negro com o real significado

que representam para a identidade brasileira, não se pode apagar o que foram, e a única forma de mostrá-los como são é partir de sua escrita, por meio da literatura. Se o professor continuar levando para a escola a imagem estereotipada do negro passando fome, catando lixo e escravizado, não será possível fazer os alunos sentir-se parte dessa história e valorizar sua identidade cultural.

Diante de tais relatos compreende-se que os alunos mudaram alguns estereótipos verificados anteriormente no questionário em que diversas falas da primeira atividade demostraram desconhecer a História da África anterior ao processo de escravismo português. Imaginaram os africanos como um povo sem princípios organizacionais ou éticos, o que permitiu aos alunos classificá-los como um povo primitivo e sem cultura. Verificou-se também em seus relatos a crença de que a África é um lugar estático, sem organização e modernidade, pouco habitada, sem grandes edificações, com uma paisagem deserta, sem água, marcada pela miséria e animais selvagens.

O próximo subtítulo deste trabalho abordará uma etapa importante para introduzir o estudo de uma obra literária, trata da motivação, compreendida na Sequência Expandida de Rildo Cosson (2012).

3.2 SEQUÊNCIA EXPANDIDA: MOTIVAÇÃO

A etapa Motivação, utilizada para introduzir a leitura do conto e a produção deste gênero, foi desenvolvida com o tempo de três aulas, não duas como havia planejado. Afinal, o tempo foi insuficiente para assistir ao final do conto e a socialização da produção dos alunos. Seguem os objetivos específicos desse módulo:

- Promover a reflexão sobre o cotidiano escolar;
- Valorizar por meio do texto literário os sonhos e os objetivos que cada um possui;
- Produzir uma história em consonância com o tema abordado no vídeo;
- Compreender o hipertexto produzido por alunos do ensino médio;
- Identificar as condições de produção e a finalidade do hipertexto.

Utilizou-se como recurso tecnológico a televisão e o notebook para projetar o hiperconto adaptado do conto “Passei por um sonho”[7], do escritor José Eduardo

[7] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fX839ViKOWk>

Agualusa. Este vídeo foi produzido por alunos do ensino médio do Rio de Janeiro, e constitui uma ressignificação do conto de Agualusa. A história é sobre um menino chamado Justino que no decorrer do tempo começa ser visitado em seus sonhos por um pássaro branco. Em cada visita o pássaro deixa uma pena, e esta é milagrosa, fazendo com que quem a recebe se sinta feliz. Justino começa a entregar na escola as penas para quem precisa, porém causa a maior confusão na escola, porque alunos felizes ficam agitados e tiram o sossego da diretora. Este conto aborda assuntos como os sonhos, a religiosidade, a amizade, e a escola.

Apresentou-se aos alunos brevemente sobre o que significava dizer que o vídeo era um hiperconto e eles foram informados que iriam ver mais hipercontos no decorrer da SD, ressaltou-se também algumas informações sobre o escritor do conto. Os alunos da 3ª fase assistiram apenas a um trecho do vídeo. Como estava no planejamento, o vídeo foi pausado mais precisamente no momento em que a diretora expulsava o menino da escola, e que consequentemente na narrativa a personagem principal ficou sem seus preciosos amigos de sala. O objetivo de não assistirem todo o vídeo, deixando-os na expectativa, era que a atividade de produção textual teve como finalidade promover uma interação entre os estudantes da turma com o vídeo-hiperconto e o escritor angolano, em seguida os alunos iriam continuar a narrativa.

Assim, a partir do conflito existente no conto, os alunos formaram duplas e escreverem um final para a narrativa do vídeo. Foi explicado que poderiam produzir o final que julgassem meais adequado, tiveram desse modo, a liberdade de escrever da forma que a dupla achasse melhor e não houve intervenção no texto que construíram.

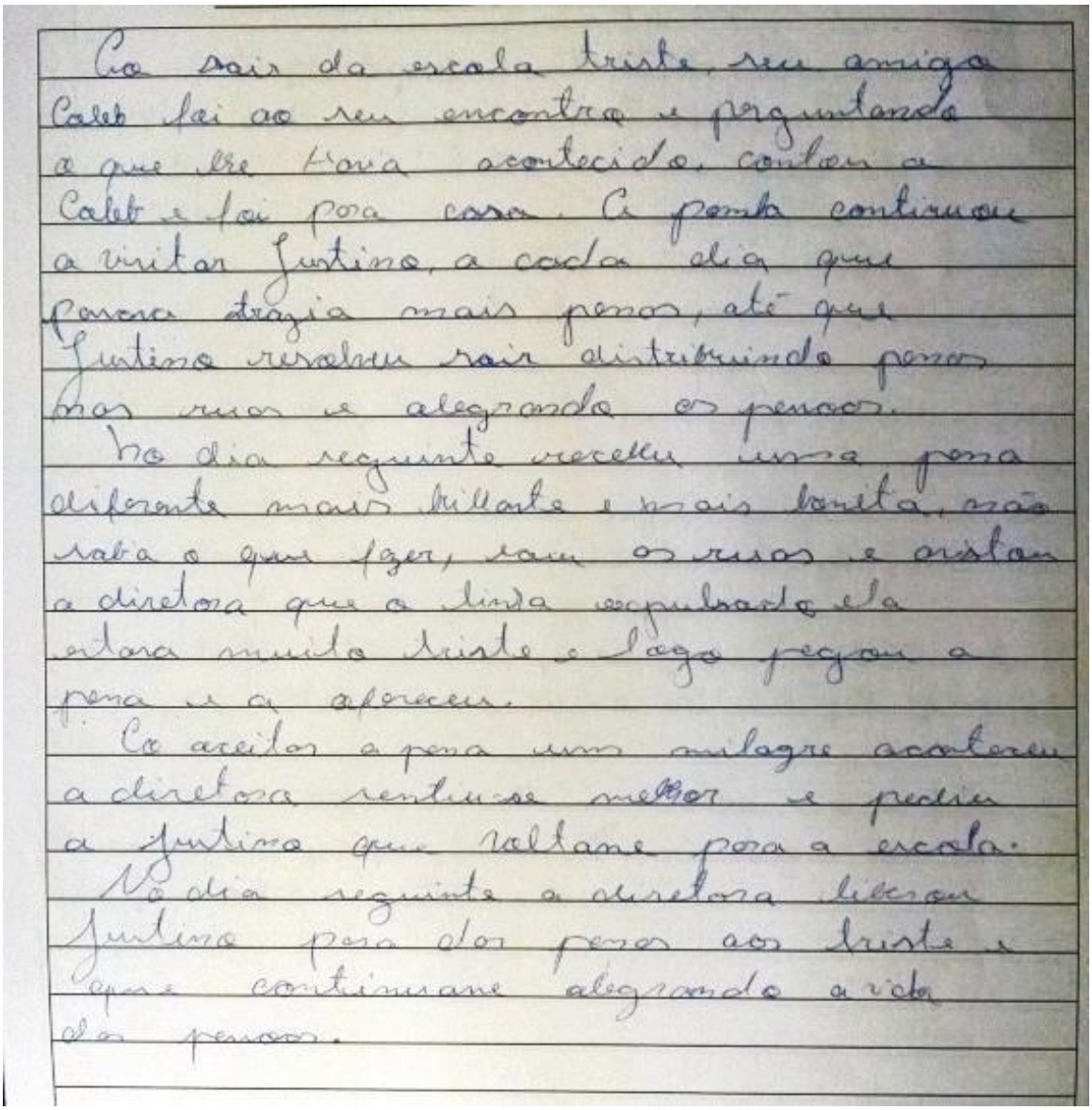
O tempo para finalizar a atividade foi insuficiente, e a socialização dos treze contos produzidos precisou ser diferente. Diante disso, fez-se nos vinte minutos finais da aula uma conversa sobre o que tinham escrito de modo geral, e mostraram muitas semelhanças entre as produções. Estavam muito curiosos com o final do vídeo e pediram para que fosse projetado para assistirem. Na aula seguinte foi disponibilizado o final do conto e terminaram de socializar com mais calma as produções deles.

Ao analisar os textos produzidos, observou-se que os treze tiveram finais felizes. Dessa forma, o aluno Justino, personagem principal, voltou para sua escola e seus amigos na maioria das produções. Para a realização desta produção os alunos ainda não tinham tido uma aula sobre os elementos de narrativa, apenas foi pedido que escrevessem o final do hiperconto, e posteriormente iria ser abordado este conteúdo na aula. Porém, ao assistir o vídeo a personagem principal, Justino, narra sua própria

história, constituindo o narrador-personagem, e mesmo os alunos não terem estudado tais elementos antes da produção, observou-se que quatro duplas continuaram a história com o mesmo tipo de narrador (Juan e Liliane; Lúcia e Cibele; Sara e Leny; Carol e Eliane) mostrando a percepção de leitores e produtores de textos literários. Nove duplas continuaram a história mudando para narrador onisciente, contando em terceira pessoa e apresentando ao leitor detalhes que o observador não conseguiria saber como sonhos, medos e insegurança pensada pelo menino Justino.

Para análises foram destacados três finais dos textos produzidos, a fim de se fazer uma reflexão sobre a produção escrita e a interação da dupla com o hiperconto apresentado.

Conto 1:



Ao sair da escola triste, seu amigo Caleb foi ao seu encontro e perguntando o que lhe havia acontecido, contou a Caleb e foi para casa. A penta continuou a visitar Justino, a cada dia que passava trazia mais penas, até que Justino resolveu sair distribuindo penas nas ruas e alegrando os pessoas.

No dia seguinte recebeu uma pena diferente mais brilhante e mais bonita, não sabia o que fazer, saiu as ruas e avistou a diretora que a tinha expulsado ela estava muito triste e logo pegou a pena e a apareceu.

Ao aceitar a pena um milagre aconteceu a diretora sentiu-se melhor e pediu a Justino que voltasse para a escola.

No dia seguinte a diretora liberou Justino para dar penas aos triste e que continuasse alegrando a vida dos pessoas.

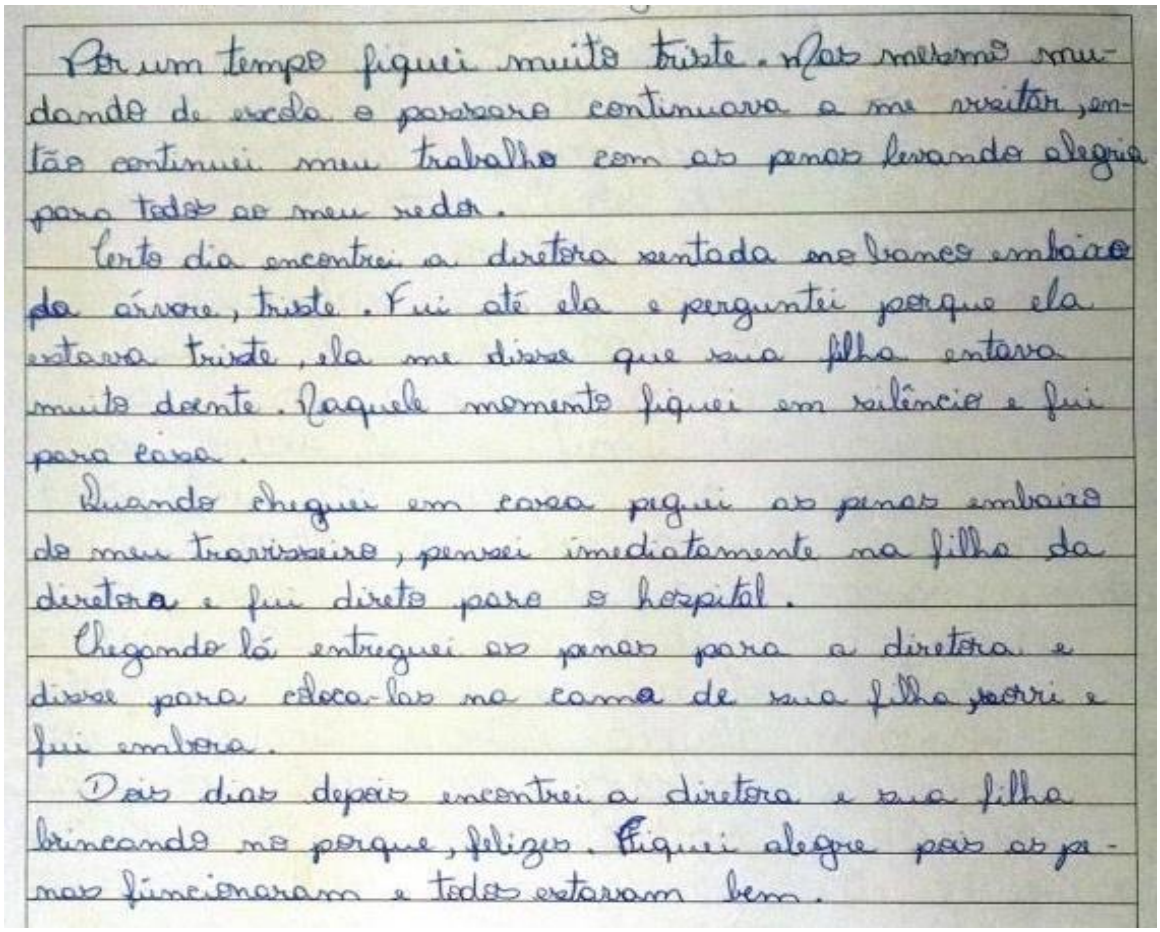
No conto 1, pode-se verificar que utilizaram o narrador onisciente passando a contar a história na terceira pessoa. Em relação ao desfecho da narrativa verificou-se que Justino voltou para sua escola e a diretora deixou-o fazer o bem, alegrando a vida das pessoas. Esse é um final feliz em que as personagens ficam boas, a exemplo da diretora que teve uma atitude má expulsando o aluno, e volta atrás em sua decisão, após receber a pena milagrosa do menino Justino. Sérgio e Michele ressaltaram em seu texto que a pena entregue a diretora era a mais brilhante vista até então, essa é uma forma de mostrar que o conflito ocorrido entre o aluno e a diretora era muito grave. Logo, uma pena comum usada para alegrar outros estudantes e pessoas na rua, não seria suficiente para resolver o problema do Justino, isso retrata o valor que a dupla, Sérgio e Michele deram para o retorno a escola e aos amigos. Segundo o artigo "Passei por um sonho": os caminhos simbólicos na brevidade de Agualusa,

> Tenciona-se perceber como a reunião de elementos presentes na história de Justo Santana converge para o teor simbólico desse conto. O que decorre, primeiramente, com o acontecimento banal de um sonho que quebra a normalidade dos acontecimentos, pois Justo Santana "sonhou um pássaro" (AGUALUSA, 2005, p.33); tal evento captura o leitor perante a figura enigmática de um pássaro, revelado como uma entidade pelo narrador. [...] De modo que o animal onírico - o pássaro -assume o viés religioso como voz onipotente que se dirige ao personagem, em sonho, para que este se consagre como o novo salvador a fim de "esclarecer o espírito dos homens e de trazer a liberdade a este pobre país" (AGUALUSA, 2005, p. 33). (BEZERRA, 2011, p.2).

Dessa forma, o sonho, o pássaro e a pena milagrosa fazem referências a um discurso religioso, o pássaro branco simboliza a paz, liberdade e alegria por meio da doação. Na história o milagre é como algo divino e inexplicável que ocorreu por meio da pena "mais brilhante" oferecida a diretora.

Quanto à estrutura do conto, os alunos dividiram bem os parágrafos, escreveram os verbos no pretérito e criaram o desfecho da história para todos os personagens envolvidos, interagindo com o vídeo apresentado. O segundo conto:

Conto 2:



Por um tempo fiquei muito triste. Mas mesmo mudando de escola o pássaro continuava a me visitar, então continuei meu trabalho com as penas levando alegria para todos ao meu redor.

Certo dia encontrei a diretora sentada no banco embaixo da árvore, triste. Fui até ela e perguntei porque ela estava triste, ela me disse que sua filha estava muito doente. Naquele momento fiquei em silêncio e fui para casa.

Quando cheguei em casa peguei as penas embaixo do meu travesseiro, pensei imediatamente na filha da diretora e fui direto para o hospital.

Chegando lá entreguei as penas para a diretora e disse para colocá-las na cama de sua filha, sorri e fui embora.

Dois dias depois encontrei a diretora e sua filha brincando no parque, felizes. Fiquei alegre pois as penas funcionaram e todos estavam bem.

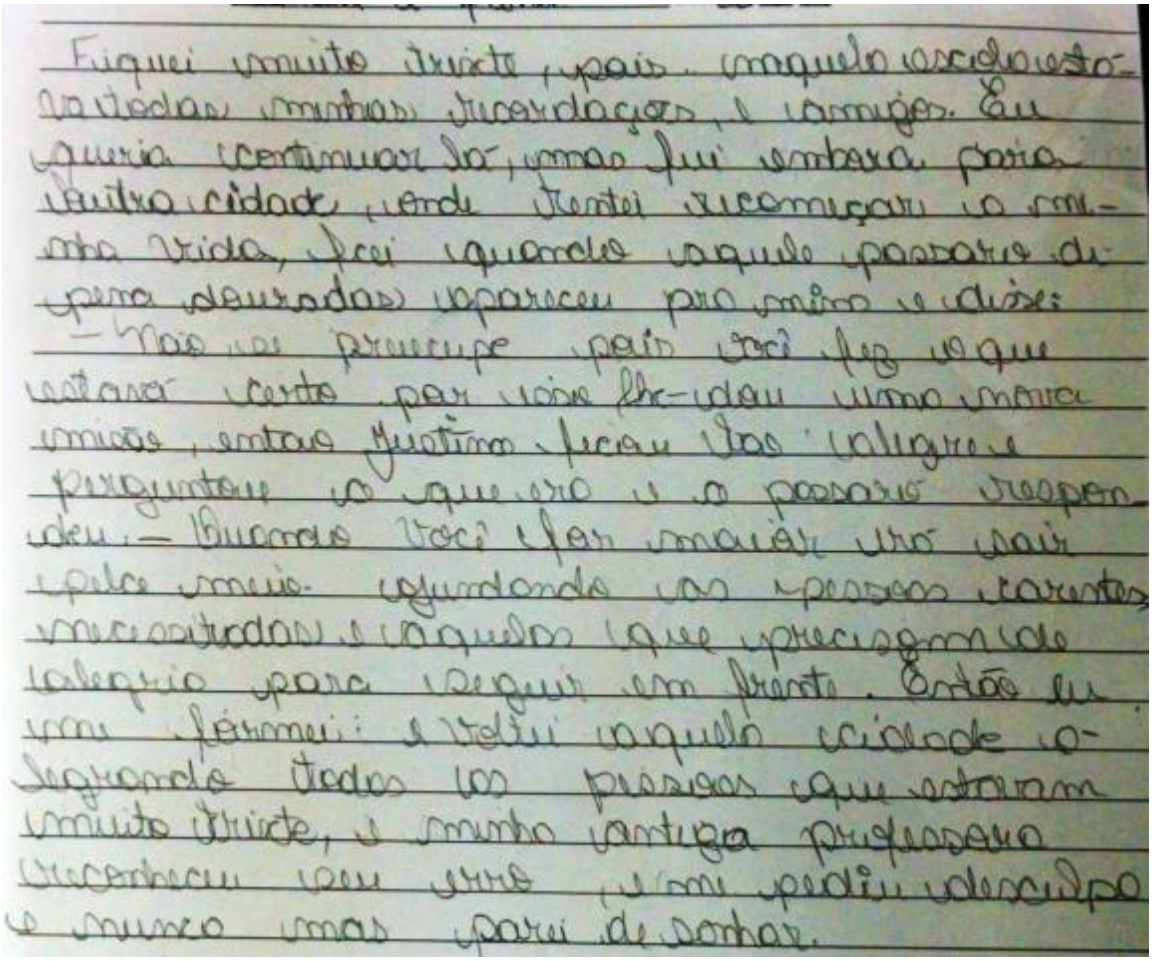
Notou-se no conto 2, que as alunas Carol e Eliane continuaram a narrativa com o mesmo tipo de narrador do hiperconto apresentado no vídeo, ou seja, em primeira pessoa. Neste desfecho o menino muda de escola, mas o pássaro continua a fazer parte de sua vida, e então surge a diretora que o expulsara, mas ela agora demostra estar precisando de ajuda, pois está muito triste, diferente da forma como foi descrita no início do conto quando não quis entender o trabalho humanizador do aluno Justino. Nesta história o menino mostra o quanto é bondoso e generoso, indo até o hospital e entregando as penas que iriam curar a filha doente da diretora. O diferente nesta narrativa é que as autoras não colocaram um final detalhado sobre Justino, o que é apresentado aos leitores é que ele não mudara seu jeito de ser, mesmo sendo expulso da escola, continua bondoso e pensa nas pessoas a sua volta.

O conto passa a ter como foco a diretora, e isso pode ser interpretado como o quanto as autoras (alunas) quiseram ressaltar a importância da personagem na história. As alunas Carol e Eliane deram um motivo para que o leitor entendesse o porquê da diretora ter expulsado Justino, afinal estava enfrentando um problema particular. No final do conto Justino confirma sua generosidade ao finalizarem a história em que

termina com a diretora e sua filha felizes. As alunas demostram o valor que a família possui, apresentando um personagem sensível e humano preocupado com o social e o bem estar das pessoas a sua volta.

Dessa forma, a literatura aciona a fantasia do leitor, colocando “frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção produz uma modalidade de reconhecimento de quem lê” (ZILBERMAN, 2008, p. 15). Assim, Justino ficou alegre e satisfeito com sua ação ao ver os outros felizes, inclusive à diretora que lhe havia feito mal, isso mostra sua responsabilidade enquanto ser social, respeitando as pessoas e perdoando os conflitos. Quanto à estrutura a dupla escreveu o desfecho de modo satisfatório, respeitando o tempo verbal, com parágrafos curtos e bem distribuídos, importante ressaltar também as pouquíssimas inadequações ortográficas.

Conto 3:



Fiquei muito triste, pois aquelo acabou-
-va todas minhas recordações, e amigos. Eu
queria continuar lá, mas fui embora para
outra cidade, onde tentei recomeçar a mi-
nha vida, foi quando aquele passaro de
pena douradas apareceu pra mim e disse:
— Não se preocupe pois você fez o que
estava certo por isso lhe dou uma nova
amizade, então Justino ficou bastante alegre e
perguntou o que era e o passaro respon-
deu. — Quando você for maior vai sair
pelo mundo ajudando as pessoas carentes
necessitadas e aquelas que precisam de
alegria para seguir em frente. Então eu
me formei e voltei naquela cidade a-
legrando todas as pessoas que estavam
muito triste, e minha antiga professora
reconheceu seu erro e me pediu desculpa
e nunca mas parei de sonhar.

Na parte final do conto das alunas Sara e Leny, verificou-se que mantiveram o narrador em primeira pessoa, como demostra o trecho “Mas fui embora para outra cidade, onde tentei recomeçar a minha vida (...)”. No conto produzido pelas alunas Justino demostra sua indignação e tristeza por sair da sua escola, porém não se mostra acomodado, por mais que queria estar em sua escola antiga, estava decidido a retomar sua vida. Quando o pássaro aparece disse ter uma missão para Justino, mas que é para realizá-la só quando for maior. O interessante é a importância dada aos estudos demostrada na produção das alunas, pois Justino se formou em algo, sugerindo ao leitor como sendo um curso superior, e retorna a sua cidade para dar alegria aos que necessitam.

Essa maneira de pontuar os estudos no texto pode ser interpretada da seguinte maneira, muitos alunos dessa turma vieram do estado do Maranhão, isto nos leva a crer que no inconsciente deles há um desejo de retorno a sua cidade natal. Muitas famílias vêm a Sorriso em busca de trabalho, condições melhores de educação para seus filhos e mudança na qualidade de vida. Há vários relatos de alunos que querem voltar, outros não desejam, mas o que fica explícito no texto das duas alunas é o retorno à cidade de origem como é marcado no começo da história, “Fiquei muito triste, pois naquela escola estava todas as minhas recordações e amigos”. A diretora é agora apresentada ao leitor como professora. Não se sabe se as alunas esqueceram o título usado no início do hiperconto, ou se é porque mesmo ocupando cargo administrativo na escola, uma diretora não deixa de ser uma professora.

Ao continuar a Motivação na aula seguinte, foi reproduzido como combinado o vídeo inteiro “Passei por um sonho” e depois foi feito um debate sobre o que significou: a escola, os amigos, a diretora e a pomba na narrativa para os alunos. Obteve-se várias respostas, que foram anotadas durante a aula, alguns disseram que:

> A pomba significa o sonho do Justino, parece uma fada madrinha que atende os pedidos. (Carol)
> A diretora era malvada, e expulsou o aluno por fazer bagunça, é sempre assim, os bagunceiros vão pra fora. (Valter)
> A diretora fez errado porque ele só tava ajudando, fazendo o bem. Ele tava dando pena para os alunos e por isso a escola ficou bagunçada. (Leny)

Nas falas dos alunos é possível observar que alguns interpretaram que o pássaro era um sonho, como supõe o título do conto, “Passei por um sonho”, assim a imagem da

pomba branca sugeriu aos alunos interpretarem como a realização dos sonhos que cada um tem para sua vida, mas em nenhum dos textos produzidos os alunos narraram que Justino estava sonhando e despertou no final da história, assim narraram como realidade o que ocorreu com o menino. Muitos alunos interpretaram a diretora como a vilã do conto, afinal ela expulsa o aluno bondoso de sua escola. Inclusive em muitos textos a diretora pediu desculpas e reconheceu seu erro, mudando sua decisão e acolhendo o menino Justino de volta à escola.

Depois de refletir as possíveis interpretações do conto, foi explicada aos alunos a estrutura do gênero multimodal, o hiperconto. Ressaltou-se que o gênero apresentado possui elementos que não são somente o escrito, e que tais elementos são importantes por constituírem detalhes que juntos formam o hiperconto. Tais elementos como o som, a imagem, os desenhos, as falas do narrador-personagem, as cores, as expressões das personagens, a música, constituem significados importantes para que o leitor compreenda o hiperconto.

Por meio do que foi exposto na aula, buscou-se mostrar aos alunos que tais elementos precisam ser analisados para entender a adaptação do conto "Passei por um sonho" do escritor Agualusa. Muitos disseram não ver vídeos de adaptações como está na internet, e que o mais próximo que chegaram do gênero Hiperconto, foi assistir a músicas editadas com imagens da internet. Algumas alunas falaram que já assistiram a poemas com imagens e música no YouTube, os chamados infopoemas. Assim, observou-se que o hiperconto não é tão distante dos alunos, e que felizmente possuíam contato com muitos vídeos produzidos com material literário, muitas vezes não se davam conta disso.

Para continuar a aula, foram entregues um trecho impresso do texto de Rubem Alves "Gaiolas e asas"[8], este texto mostra por meio de uma metáfora a importância da escola e do professor que oportuniza seus alunos a criarem e serem livres para voar. Os alunos foram levados a analisar a intertextualidade existente entre o vídeo "Passei por um sonho" e o texto "Gaiolas e asas", pois ambos abordam a simbologia do pássaro, a escola, o papel dos educadores e a relação professor x aluno. Fez-se em seguida um debate com os alunos sobre seus sonhos, objetivos e o que esperam da escola na contribuição ou não da realização desses sonhos. Solicitou-se que escrevessem no final das discussões suas impressões sobre o debate.

[8] Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0512200109.htm>

> Para mim, a escola, é onde o alunos tem voz na escola, que eles podem elaborar gincanas, campanhas, apresentações... com ajuda. (Sara)

> Os alunos enfrentam uma escola com poucos recursos de educação, e alguns professores estressados demais, e melhoraria se eles parassem de bagunçar tanto e se esforsasem mais. (Patrícia)

> Um dos problemas emfrentados nas escolas é a descriminação, entre os próprios alunos e até mesmo entre alunos e professores. As pessoas devem se respeitar mais, parar de cuidar da vida dos outros. A escola nos forma para a vida e saber tratar as pessoas. (Tom)

Nos relatos apresentados notou-se a insatisfação de alguns estudantes com a educação que recebem. Desse modo, a aluna Sara diz que os estudantes necessitam ter "voz" na escola, e cita algumas atividades recreativas para serem desenvolvidas na escola, promovendo uma interação entre os alunos.

A aluna Patrícia fala sobre os problemas que enfrenta na educação, como professores estressados por diversos motivos, insatisfação pelos salários baixos e jornadas triplas, a indisciplina de alguns alunos que irritam professores e até os próprios alunos como cita a aluna Patrícia. A discriminação citada por Tom pode ser entendida como os conflitos que ocorrem em sala pela diferença entre os alunos onde muitos são excluídos e são motivos de piadas por virem do Maranhão, outros por serem negros, homossexuais, ou por terem dificuldades em aprender, como relata os alunos Tom sobre a sua própria escola. Cabe ao professor juntamente com a coordenação escolar interferir para resolver estes conflitos.

3.3 ONDJAKI: O BIGODE DO PROFESSOR

Na atividade três, que consistia na etapa denominada "Introdução", necessitou-se de uma aula para desenvolvê-la, e os objetivos específicos eram:

- Conhecer por meio da leitura a biografia do escritor angolano, Ondjaki, bem como suas obras;

- Compreender a importância da internet como ferramenta de pesquisa.

Apresentou-se aos alunos por meio do projetor multimídia e o notebook uma página eletrônica[9] para que fizessem a leitura coletiva da página para conhecer o escritor angolano. A escola possui *WiFi*, mas nem sempre é possível se conectar, desse modo, para resolver esse problema fez-se um *Print Screen* da página e colou no *Word*, assim caso não conseguisse conexão com a rede iria ser apresentada a página de qualquer modo.

Os alunos estranharam o nome pelo qual é conhecido o escritor angolano Ndalu de Almeida. O escritor diz que Ondjaki significa "aquele que enfrenta desafios", e que escolheu este nome por que era assim que iria se chamar, mas seus pais mudaram de última hora, e quando começou a escrever quis usar este nome.

> O jovem escritor angolano Ondjaki já possui significativa trajetória literária. É
> poeta, contista e romancista, tendo recebido prêmios importantes, como o da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 2010, pelo livro *AvóDezanove e o segredo soviético*. Escreveu, entre outras obras, *Actu sanguíneu* (2000), *Há aprendisajens com o xão* (2002), *Momentos de aqui* (2001), *E se amanhã o medo* (2004) *Quantas madrugadas tem a noite* (2004) e *Bom dia camaradas* (2003). Foi traduzido para vários idiomas, como francês, espanhol e alemão. (KUNZ, 2013, p.149)

Depois de ler sobre a vida e obra do escritor, chamou-se a atenção dos alunos para o gênero biografia, questionando-os sobre o que viam no texto, bem como suas características e qual a finalidade de se ter biografias. Ressaltou-se a importância de buscar fontes seguras na internet para a pesquisa, pois há muitos sites com informações duvidosas, foram pesquisadas outras páginas eletrônicas e mostradas aos alunos que algumas traziam dados mais completos sobre a vida do escritor, algumas com entrevistas, fotos e trechos de obras. Fez-se também um debate sobre o plágio e as informações errôneas presentes em alguns sites.

A próxima atividade trabalhada foi a "Leitura" da obra de Ondjaki, utilizou-se uma aula e meia para desenvolver esta etapa. Segue os objetivos específicos dessa aula:

[9] Disponível em <http://www.infoescola.com/biografias/ondjaki/>

    - Perceber a literatura digital (hiperconto) apresentada no vídeo;
- Proporcionar o contato com o texto multimodal;
    - Compreender e valorizar a diversidade manifestada nas diferentes linguagens;

Para introduzir a leitura do conto apresentou-se o vídeo "Ondjaki O professor de geografia"[10]. Neste vídeo é feita a leitura somente do início do conto, deixando os espectadores curiosos para conhecer o desenrolar da história. O vídeo produzido apresenta a voz de uma mulher lendo o conto no papel do narrador, logo após um menino faz a fala de um personagem da história. Há também no vídeo fotos de pontos das cidades Luanda e Mucaba, bem como a do escritor Ondjaki. Ressaltou-se aos alunos que o vídeo reproduzido era um hiperconto, que ressignificava o conto com o recurso da tecnologia.

Quanto à produção oral, os alunos foram questionados sobre as imagens que são apresentadas (escritor Ondjaki, das cidades Luanda e Mucaba) no vídeo. Perguntou-se o porquê de tais imagens, áudio e o que acharam da pronúncia da narradora e do menino que leram o conto no vídeo (sotaque português de Portugal). Muitos falaram que não entenderam nada do que foi lido, que era muito rápida a leitura, uma minoria da turma disse que é muito parecido com o português e que conseguiram entender. Ao questioná-los quanto a suas expectativas em relação ao restante da história, relataram que o professor iria brigar com o aluno devido a suas gracinhas e que o aluno era bagunceiro. Um disse que o aluno deveria ir par a diretoria, pois era isso que esperava.

A atividade cinco, denominada na SD como 1ª interpretação do conto, constituiu efetivamente a leitura do texto escrito, foi entregue uma cópia a cada aluno, com os objetivos específicos de:

    - Valorizar a leitura como fonte de informação e compreender o tema da obra;
- Debater e refletir a temática do conto;
- Selecionar e reconhecer significados com base no contexto;
- Produzir texto segundo as condições de produção;

[10] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZKvPY3vyZCg>

- Promover a fruição da obra literária;

Primeiramente fizeram uma leitura silenciosa, depois foram questionados sobre quem que gostaria de iniciar a leitura, na sequência outro continuaria de onde o colega parou. Assim terminaram a leitura coletiva. Logo após conversaram sobre o texto e o que haviam entendido, observou-se que muitos ficaram perplexos com a atitude do professor, e disseram:

> Os alunos tinham medo do professor e o respeitavam só por causa do medo que ele os causava. Medo das ofensas ou ameaças dele. (Carol)
>
> Que chega um certo ponto que o professor se estressa e os alunos passam a respeitar, só que no medo. (Rafaela)
>
> Acho que não houve respeito na sala, nem dos alunos e muito menos do professor, e acho que a atitude do professor em dar medo nos alunos não ajuda em nada. (Tom)
>
> Eles não respeitam o professor, por isso que ele se irrita e xinga os alunos. (Rick)
>
> O aluno faltou com respeito com o professor e eles não respeitaram os limites dele. (Juan)
>
> Os alunos gostam de zuar e o professor tava em uma situação engraçada com o mapa da África. (Sérgio)
>
> Riam do professor porque era baixinho, gordo e suava bastante e era assustador. (Otávio)
>
> O aluno fez graça pra ganhar moral com os amigos. (Breno)

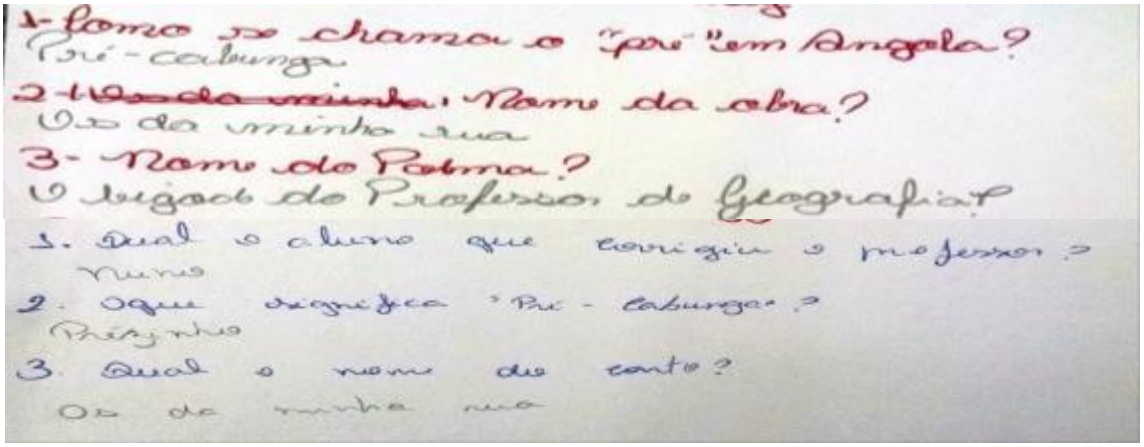
Observando algumas das impressões escritas ao término da leitura pode-se compreender que os alunos interpretaram como falta de respeito tanto a atitude do aluno quanto do professor. Ressaltaram também que não é certo conseguir respeito por meio do medo, que tal atitude do professor não ajuda em nada, outros alunos, como o Sérgio e o Otávio tentaram apresentar uma justificativa para o comportamento da personagem Nuno, dizendo que o aluno "zuou" porque o professor estava em uma situação engraçada, e que por ser baixinho, gordo e suar bastante era motivo para as gracinhas, demostrando nessa fala um preconceito em relação à forma física do professor. O aluno Breno disse que aluno faz graça para ganhar "moral" com seus amigos na sala.

Para interagir ainda mais com o conto solicitou-se que os alunos fizessem uma produção escrita, nos moldes do gênero entrevista. Foi pedido aos alunos que se organizassem em duplas, logo depois entregou uma folha de papel ofício para que elaborassem três perguntas indagando o colega sobre quais foram as impressões que

teve do texto, como se fosse efetivamente uma entrevista. O detalhe foi o pedido para que guardassem o texto, assim não os alunos não verificariam a resposta no momento da entrevista, pois se tinha como objetivo observar o que realmente haviam entendido do conto. Solicitou-se que deixassem por escrito tanto as perguntas quanto às respostas dos colegas no papel que foi entregue. Algumas duplas olharam escondidinhos os textos para verificar se estavam corretas suas respostas, outros se contiveram e fizeram da forma que foi solicitado.

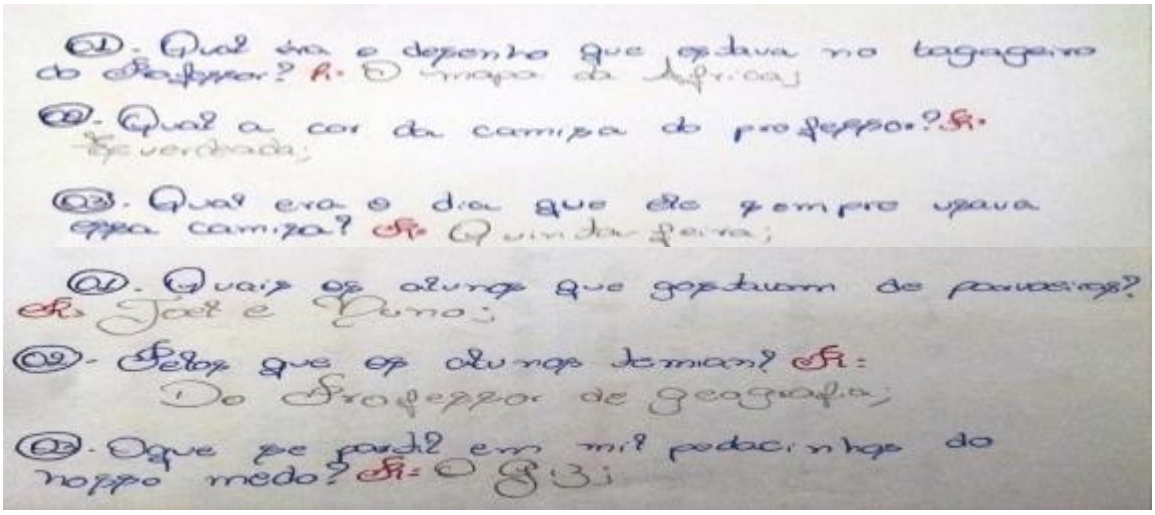
Essa atividade foi satisfatória porque os alunos tiveram que pensar sobre o texto e refletir tanto para elaborar a questão quanto para responder, assim houve um diálogo a mais, pois nem sempre todos falam nos debates e socializações. Percebeu-se que todas as duplas falaram e participaram das duas etapas. Não deu tempo de redigirem um texto juntos sobre a opinião deles, então se fez algo diferente do que foi planejado; solicitando uma apresentação de uma pergunta com sua respectiva resposta para socializar com a turma. Serão apresentadas algumas questões elaboradas e respondidas pela dupla.

(Liliane e Eliane)


1- Como se chama o "pai" em Angola?
Pré-cabunga
2- ~~Dos da minha~~ Nome da obra?
Os da minha rua
3- Nome do Poema?
O bigode do Professor de Geografia?
1. Qual o aluno que corrigiu o professor?
Nuno
2. Oque significa "Pré-Cabunga"?
Preguiça
3. Qual o nome do conto?
Os da minha rua

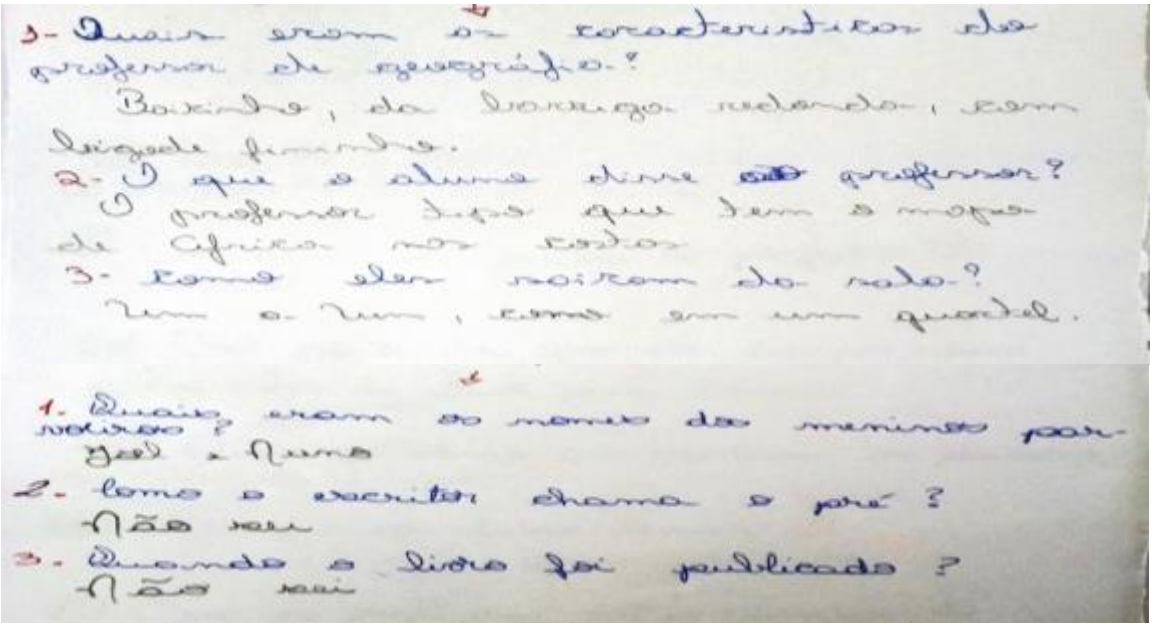
Nesta atividade pode-se notar a presença da palavra pré-cabunga, muitos alunos questionaram o que ela significava durante a leitura. Outros vocábulos que surgiram também despertaram a atenção dos estudantes.

(Lana e Rosana)


01. Qual era o desenho que estava no bagageiro do Professor? R: O mapa da África;
02. Qual a cor da camisa do professor? R: Esverdeada;
03. Qual era o dia que ele sempre usava essa camisa? R: Quinta-feira;
04. Quais os alunos que gostavam de parvoices? R: José e Nuno;
05. Pelos que os alunos temiam? R: Do Professor de geografia;
06. Oque se pareciam em mi? pedacinhos do nosso medo? R: O G.3;

Importante observar que nestas perguntas as alunas se atentaram nos detalhes e perguntaram sobre a cor da camisa do professor, o dia da semana que usava sempre a mesma camisa esverdeada. Ao elaborar as perguntas, a aluna Lana se apropriou da palavra bagageiro utilizado no texto “O bigode do professor de geografia”, com o sentido de ser as costas do professor, e a aluna Rosana usou a palavra parvoice colocada no sentido de gracejos.

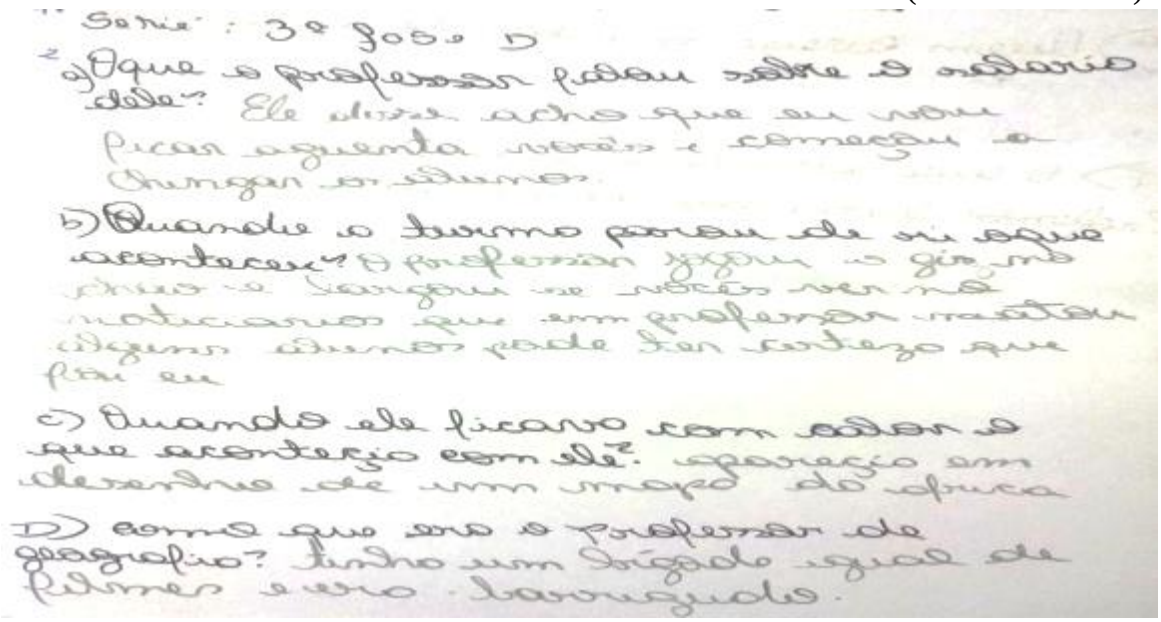
(Carol e Juan)


1- Quais eram as características do professor de geografia?
Baixinho, da barriga redonda, com bigode fininho.
2- O que o aluno disse ao professor?
O professor disse que tem o mapa de África nos ombros
3- Como eles saíram do sala?
Um a um, como em um quartel.

1. Quais eram os nomes dos meninos parvoeiros?
Joel e Nuno
2. Como o escritor chama o pré?
Não sei
3. Quando o livro foi publicado?
Não sei

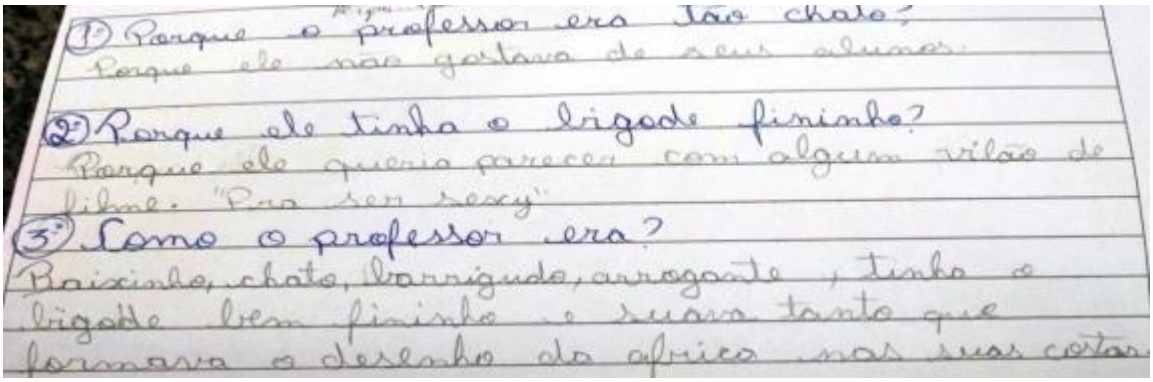
O forma física do professor ficou presente no imaginário dos alunos uma vez que suas características propiciaram como os próprios estudantes afirmaram anteriormente, ser o motivo das piadinhas das personagens Nuno e Joel. No entanto o que chamou a atenção nas perguntas acima é que o aluno Juan se apropria da palavra parvoice, que são as gracinhas dos personagens principais, e flexiona a palavra como sendo um adjetivo do Joel e Nuno ao dizer “meninos parvoeiros”, ou seja, meninos bagunceiros.

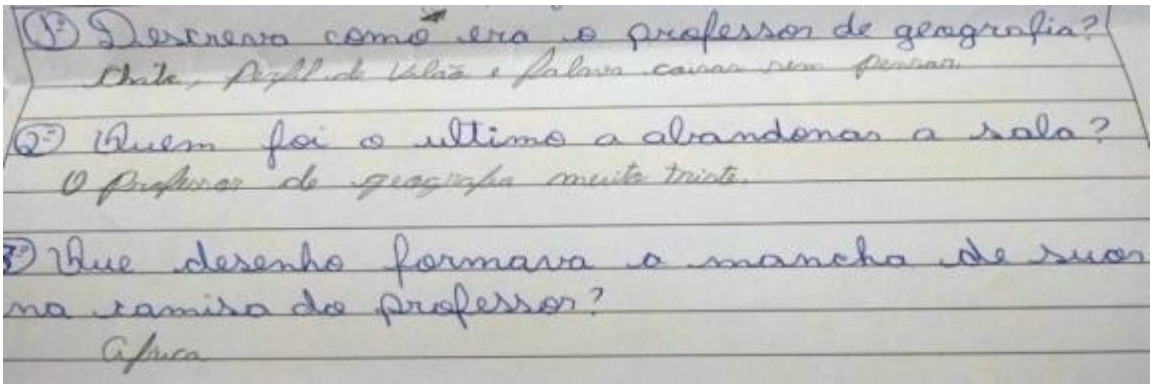
(Samanta e Maria)


Série: 3º foto D
a) O que o professor falou sobre o salário dele? Ele disse acho que eu vou ficar aguenta vocês e começou a chingar os alunos.
b) Quando o turno parou de ir o que aconteceu? O professor pegou o giz no chão e jogou na nós nos nós não noticiamos que um professor mandou alguns alunos pode ter certeza que foi eu
c) Quando ele ficava com raiva o que aconteceu com ele? Ficava em desenho de um mapa da africa
D) Como que era o professor de geografia? Tinha um bigode igual de filmes e era barriguda.

Na entrevista das alunas Samanta e Maria têm-se primeira pergunta referente a um dos grandes problemas enfrentados por professores brasileiros e africanos, os baixos salários. Na resposta a aluna disse que o professor se revoltou xingando os alunos, demostrando o descontentamento com seu trabalho. Na próxima pergunta é exposta a ameaça que o professor fez aos alunos no conto, ao falar sobre noticiários que apresentam apenas mortes, e que um desses jornais noticiaria um professor que perdeu a paciência com seus alunos e acabou assassinando um deles, explicitando que este professor poderia ser ele.

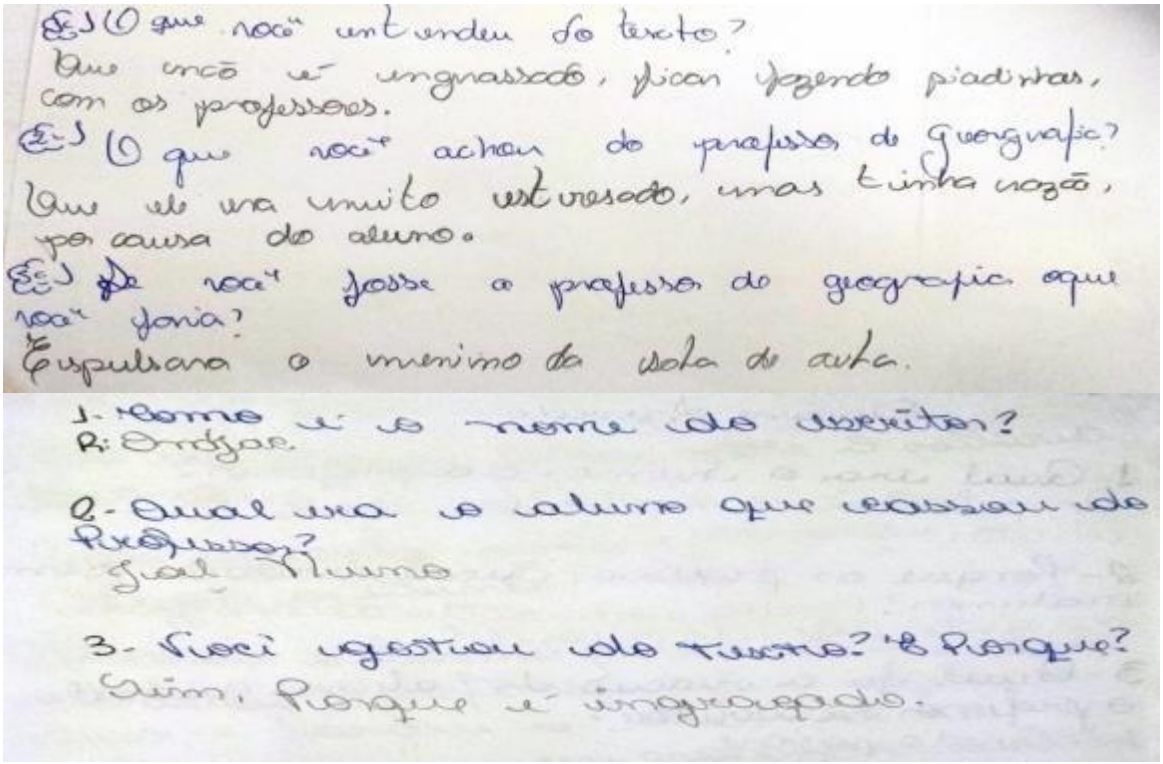
(Tom e Marcelo)


1º Porque o professor era tão chato?
Porque ele não gostava de seus alunos.
2º Porque ele tinha o bigode fininho?
Porque ele queria parecer com algum vilão de filme. "Para ser sexy"
3º Como o professor era?
Baixinho, chato, barrigudo, arrogante, tinha o bigode bem fininho e suava tanto que formava o desenho da africa nas suas costas


1º Descreva como era o professor de geografia?
Chato, perfil de vilão e falava coisas sem pensar.
2º Quem foi o ultimo a abandonar a sala?
O professor de geografia muito triste.
3º Que desenho formava a mancha de suor na camisa do professor?
Africa

A dupla formada pelos alunos Tom e Marcelo apresenta por meio da entrevista a interpretação deles em relação ao motivo do professor sair do sério e ofender os alunos. A resposta deles é que o professor não gostava dos seus alunos e por isso era tão chato. Analisando o bigode do professor de geografia, o aluno Tom diz que era fininho para parecer algum vilão de filme ou para deixar o professor “sexy”, ou seja, bonito. Também o aluno Marcelo afirmou que o perfil do professor era o de vilão. Pode-se verificar que os dois alunos entenderam que o professor de geografia era uma pessoa má na narrativa. Na descrição de como era o professor, o aluno Tom utilizou palavras do texto e acrescentou uma qualidade vista em sua interpretação que seria a “arrogância” do professor por meio de suas ações em sala de aula.

(Rafaela e Talita)


E.J O que você entendeu do texto?
Que não é engraçado, ficam fazendo piadinhas, com os professores.
E.J O que você achou do professor de Geografia?
Que ele era muito estresado, mas tinha razão, por causa do aluno.
E.J Se você fosse o professor de geografia oque você faria?
Expulsaria o menino da sala de aula.

1- Como é o nome do escritor?
R: Ondjaki.

2- Qual era o aluno que reclamou do Professor?
Gal Nuno

3- Você gostou do Texto? E Porque?
Sim, Porque é engraçado.

Em sua resposta a estudante Rafaela ficou a favor do professor se sensibilizando com o sofrimento dele diante das piadinhas dos alunos, inclusive Rafaela afirma que não é engraçada a situação ocorrida. No entanto, sua parceira na dupla disse que gostou do texto por ser engraçado. Ao ficar no lugar do professor, a aluna Rafaela afirma que expulsaria o aluno engraçadinho da sala, e que por mais que o professor estive estressado, ela o apoiava porque ele estava com a razão de estar assim. Talita grafa o nome do escritor quase igual à forma correta, mostrando que o nome despertou sua atenção e compreendeu o efeito de humor presente no conto ao expor uma situação de sala de aula como um suspense de filme de terror.

3.4 A ESCOLA QUE QUEREMOS

Na sexta atividade, denominada de **“**Intervalo”, teve-se como finalidade ampliar os horizontes diante da temática abordada no conto “O bigode do professor de geografia”, e fazer com que os alunos percebessem a aproximação da escola angolana com a brasileira. O tempo de duração dessa atividade foi uma aula, e os objetivos específicos foram:

- Analisar a intenção e a finalidade da letra da música, bem como as cenas apresentadas no videoclipe;
- Refletir sobre a família, o aluno, professor, escola e o governo em relação à educação;
- Relacionar e comparar o videoclipe aos textos, principalmente o conto, trabalhados nas outras aulas;

Apresentou-se o videoclipe da música "Estudo errado"[11] de Gabriel Pensador, foram reproduzidas duas vezes o videoclipe para que pudessem compreender melhor a música, que era muita rápida e em alguns trechos era preciso ter muita atenção. A música faz uma crítica ao sistema educacional e aponta as falhas que ocorrem nas avaliações das disciplinas, nos conteúdos abordados nas aulas, a corrupção no governo, a ausência da família na vida dos estudantes, bem como o significado de aprender e tirar um dez. Ao finalizar a reprodução do videoclipe "Estudo errado", começou-se a produção oral que consistia em questioná-los sobre a temática da música e o que esperavam da sua escola, depois disso foi pedido que escrevessem e entregassem os relatos. Em relação ao que esperam da escola disseram:

> Espero recebermos uma boa educação e nos preparar para o futuro, para um dia sermos médicos, arquitetos, engenheiros, etc. (Cássia)
>
> Ter conhecimentos em todas as áreas. (Carol)
>
> Que ensino coisas novas, que chame nossa atenção. (Liliane)
>
> Um projeto para que os alunos fiquem na escola em tempo integral. (Otávio)
>
> Espero que me ensine algo real, não oque o governo quer que a gente saiba; espero professores capacitados, e rigidez para que eles possam cobrar dos alunos que vem para atrapalhar não estudar. (Rosana)

Pode-se compreender por meio dos relatos que os estudantes da terceira fase entendem que a escola é o lugar e que irá prepará-los para o futuro e que por meio da educação serão futuros médicos, arquitetos, engenheiros, porém nenhum aluno disse querer ser professor. O aluno Otávio faz a sugestão de ter uma escola em tempo integral mostrando que necessita de mais um período na escola. A aluna Rosana foi muito crítica ao dizer que não quer aprender o que o governo quer que ela aprenda, a aluna faz uma

[11]Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=l540Ho2qSAk>

citação da música do Gabriel O Pensador em que ele critica o conteúdo passado aos alunos, e que em sua na maioria não significam nada na vida deles, que precisam aprender assuntos úteis como o que faz um deputado, um ensino que não aliena, que torna o aluno um sujeito crítico e participante.

Na opinião dos alunos a escola pode contribuir para a formação não somente em prepará-los para o nível superior, mas também torná-los cidadãos e pessoas melhores como afirmaram nos relatos abaixo.

> Além das coisas que aprendemos que vamos usar na nossa vida, aprender a ser pessoas melhores. (Tom)
>
> Sem estudos não podemos ter futuro. (Rafaela)
>
> Ela faz nós se tornarmos bons cidadãos. (Breno)
>
> Muito, porque é na escola que temos nosso primeiro contato com outras pessoas. (Rosana)

É possível notar em seus discursos que são conscientes do papel importante que a escola possui em suas vidas, e que é na escola que terão o primeiro contato social, aprendendo a conviver e respeitar as pessoas. Sobre o que compreenderam do videoclipe relataram que:

> Os alunos estão indo para a escola somente para tirar um 10 na prova sem aprender nada. (Breno)
>
> Que não gostava de estudar e tinha medo do pai. (Maria)
>
> Entendi que era um menino que não gostava de estudar, mas tirol dez. (Cássia)
>
> Que é necessário tirar notas boa. (Sérgio)

Diante das afirmações é possível interpretar que os alunos compreenderam o vídeo que mostra justamente um menino que decora o conteúdo e tira um dez, dando orgulho aos seus pais, pois tinha medo deles, mas que não aprendeu nada de bom, apenas memorizou toda a questão e garantiu uma boa nota. O menino do videoclipe não gostava de estudar porque o conteúdo ensinado na escola não representa nenhuma melhoria em sua vida. Outro ponto que foi debatido era o que significava tirar um 10 (dez) ou uma nota baixa para os pais dos alunos da terceira fase. Eis as respostas obtidas

durante a aula:

> A nota que tiro significa o quanto aprendi tanto para mim, quanto para meus pais.(Juan)
>
> Ter mais responsabilidade. Ser um bom filho. (Maria)
>
> Para mim tirar 10 significa que estou indo bem na escola e quando tiro nota baixa eu compreendo que tenho que me esforsa mais. Quando tiro 10 meus pais eles acham que estou me esforçando e quando tiro nota baixa eles acham que estou bagunçando nas aulas. (Sérgio)
>
> Falta de prestar atenção tirar nota baixa ainda mais eles brigam pq agente vai pra escola pra estudar então nota máxima. (não colocou o nome)
>
> Tirar notas baixas é ruim, os pais ficam bravos e quando tira nota 10 ficam orgulhosos. (Mariane)
>
> Tirar 10 significa uma pessoa nerd, pra mim, e tirar nota baixa significa uma pessoa que não estudou. E para meus pais significa uma pessoa inteligente e dedicada, tirar nota baixa significa uma pessoa que não quer estudar e aprender. (Patrícia)

Verificou-se que a nota para os pais são o progresso ou o fracasso dos alunos na escola, muitos nem sabem o que significa ou o porquê da nota que seu filho tirou e nem o que realmente aprendeu. Para alguns pais tirar nota boa torna os filhos um exemplo. No relato do aluno Sérgio, tirar uma nota baixa mostra a seus pais que ele está bagunçando na escola em vez de estar estudando.

3.5 (CON) TEXTUALIZANDO

A atividade sete, denominada como “Contextualização”, compreendeu a etapa que ensinaria os alunos a se situarem no tempo, espaço e temática trabalhada no conto em tese, “O bigode do professor de geografia”. Utilizou-se duas aulas para começar a primeira contextualização, e para desenvolver esta etapa foram seguidos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender os elementos da narrativa, sua estrutura e tipologia textual;
- Perceber as condições de produção de um conto;
- Criar produto artístico contextualizado com a sua realidade e considerar a influência das mídias na produção artística estética e poética;

- Identificar e relacionar o texto literário a sua realidade;
- Compreender o contexto histórico e social de Angola e sua importância para a literatura africana de língua portuguesa.

Esta etapa é constituída por sete tipos diferentes de contextualização no livro de Cosson (2012), porém foram utilizados quatro tipos, uma vez que é uma adaptação da Sequência Expandida do autor.

A contextualização poética diz respeito à estruturação ou à composição da obra, o risco é reduzir a poética numa lista de categorias como personagem, narrador, tempo, espaço entre outras. (COSSON, 2012, p. 87). Para desenvolver esta etapa necessitou-se de duas aulas, cuidando para que os elementos abordados envolvessem apenas "mecanismos de compreensão do funcionamento da obra literária", de acordo com Cosson (2012, p. 88). Os alunos foram instigados a observar a maneira como o conto é tecido e a forma como o narrador nos faz projetar a uma cena de suspense pelo modo como narra a história. Verificaram os elementos da narrativa; o cenário (espaço) da obra; a extensão do conto; o discurso direto e indireto; o foco narrativo; tipologia textual: descrição e narração; etc. Também foram abordadas durante a aula a tensão e o clímax da história e a situação ocorrida, por ser algo muito próximo do cotidiano dos alunos. Para introduzir o conteúdo foram exibidas algumas telas no *PowerPoint.*

Diante disso, durante a aula os alunos identificaram e analisaram as características das personagens principais, sem desconsiderar as secundárias, que também foram importantes para o desfecho do conto em questão. Comentou-se sobre o narrador-personagem, e do fato interessante dele contar o episódio ocorrido, mas não ser o personagem principal e nem o causador das gracinhas que irritou o professor, o narrador é um menino que presenciou um conflito em sua sala de aula. Foi falado sobre o que representava o bigode e a sua importância para o título e o final do conto. Foram levadas para sala de aula as imagens em *slides* do *PowerPoint* vários vilões de filmes, desenhos, novelas que marcaram as telas pelo bigode que possuíam, entre eles o Dick Vigarista, V de Vingança, Mr. Satan e o mercenário Tao Paipai de Dragon Ball, e até reais como Hitler. Finalizou-se com a discussão do fragmento "o camarada professor de Geografia tinha o bigode dos maus dos filmes" (p. 85) para encerrar a temática do bigode.

Solicitou-se aos alunos a produção artística elaborada em duplas e foi entregue uma folha A4 em branco para que produzissem um desenho de como eles imaginavam

ser o professor e o seu bigode de mau. Nestas imagens abaixo os alunos estão elaborando a produção artística. Esta atividade foi muito divertida, alguns amaram desenhar, foi proposto em grupos porque nem todos gostam ou possuem habilidades de desenhar, assim um ajudava o outro.

(Produção dos desenhos)

Fonte: acervo da autora.

Como se pode ver nas imagens acima os alunos se empenharam em fazer as caricaturas e foram muito criativos. Foi permitido o uso do celular em sala para que fizessem pesquisas sobre outras caricaturas na internet, e também para inspirá-los em fazer os desenhos da melhor forma possível. Algumas duplas acharam difícil desenhar sem olhar um modelo, a pesquisa ajudou estas duplas a solucionar esse problema. Ao finalizarem a caricatura colocaram todas as atividades em um painel e expuseram como se pode ver nas fotos abaixo.

(Divulgação dos desenhos)

Fonte: acervo da autora.

Os alunos desenharam o professor de maneiras diferentes, alguns fielmente a forma como foi apresentado no conto, outros deixaram a imaginação fluir e se afastaram das descrições físicas presente no texto. No texto o professor é baixinho com o bigode fino e estava vestindo uma camisa verde, cheirava álcool e escreveu no quadro "setenta minutos". Dois grupos desenharam o quadro escrito com a mesma frase e colocaram uma garrafa de bebida na mão do professor para retratar seu problema com o álcool, como é possível ver em dois desenhos acima. Quanto ao cabelo, no texto "O bigode do professor de geografia" não há nenhuma descrição, dessa forma, quatro grupos desenharam o professor calvo, e outros quatro com muito cabelo. O que ficou muito marcado nas caricaturas foi o bigode do professor, em alguns desenhos o bigode ficou maior que o próprio professor, e nenhum desenho ficou parecido com o outro, cada grupo se inspirou em um bigode diferente. Esta atividade foi divertida tanto a produção quanto a socialização, os alunos gostaram de produzir os desenhos e se aproximaram mais do texto literário.

3.5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO PRESENTIFICADORA

Na aula seguinte, retomou-se o conto com os alunos e eles foram conduzidos a uma análise utilizando algumas questões já elaboradas com o intuito de refletir as situações que ocorrem em sala de aula. Isto para fazer com que o aluno remeta o texto literário para sua realidade. Logo, a situação vivida pelos estudantes em uma escola africana, dependendo das interpretações do texto "O bigode do professor de geografia", feitas em sala, podiam se assemelhar ao cotidiano dos alunos da terceira fase, assim buscou-se fazer uma aproximação e comparação da temática angolana com a brasileira. Perceber essa aproximação é compreender o papel humanizador e social da literatura, ao apropriar do texto literário para produzir significados, os alunos estarão formando a sua identidade de leitor e produzindo sentidos, isso tudo contribuiu para valorizar a identidade angolana. Os alunos perceberam que os temas tratados no conto fazem parte da história escolar deles também. Diante disso, fez-se os seguintes questionamentos:

- Quanto à atitude do professor, já vivenciaram uma situação parecida? Compartilhe com a turma o fato.
- Questionar: o porquê do gracejo (parvoíce) do aluno? O que o levou a dizer aquilo?
- Vamos refletir sobre o respeito e o medo dos alunos no conto diante do professor. Já sentiram algo parecido?
- Retornar as expectativas ditas antes da leitura na íntegra do conto e discuti-las, verificando se mudou e o que mudou?
- Qual a reflexão que fazem agora sobre o título? O que é ser um bom ou mau professor para eles?
- Ouvir as inferências dos alunos e buscar relacioná-las com a realidade deles e o fato ocorrido com o professor de geografia.

Analisando as questões e suas respectivas respostas de um modo geral, pode-se dizer que muitos já vivenciaram situações parecidas em sala de aula, devido aos conflitos existentes entre professores e alunos. Para os alunos, ser um bom professor é transmitir o conhecimento e ter paciência com as gracinhas que alguns fazem durante a aula, outros afirmaram que os alunos brincam para chamar atenção e ganhar "moral" com os amigos, como uma afirmação de ser um aluno descolado.

Depois das discussões sobre o conto e a escola, continuou-se a aula com a apresentação de três charges no projetor multimídia, fez-se a leitura e a análise do retrato da realidade na educação brasileira presente no gênero trabalhado. Ao tratar das charges foram reforçadas a temática sobre a educação presente em todos os textos apresentados até aqui, assim mostrou-se aos alunos que os textos estavam relacionados com a temática do conto, bem como, com a realidade que eles vivenciam. Segue as charges abordadas na aula:

(Charge)

Fonte:http://unopargestao.blogspot.com.br/2013/05/charges-e-imagens-sobre-gestao.html

(Imagem)

Fonte:http://unopargestao.blogspot.com.br/2013/05/charges- e-imagens-sobre-gestao.html

(Tira)

Fonte:http://updatesaude.wordpress.com/2014/04/28/a-educacao-e-seus-atores/

Depois de ler e analisar cada texto, solicitou-se uma produção escrita aos alunos. Eles elaboraram em trio um texto sobre quais os problemas que enfrentam na escola, qual a escola que querem, o que podem fazer para melhorar a escola em que estudam, como está a educação no nosso país, qual a postura do Calvin na tira, como veem a inclusão de todos na escola e o que pensam sobre a carreira do professor. O texto

construído pelo trio foi socializado e debatido com a turma, de modo geral, os alunos escreveram que:

> A educação está ruim, pois muitas escolas tem uma péssima estrutura e os professores são muito desvalorizados. (Cássia)
> A pessoa que escolher ter a profissão de professor tem que ter muita paciência para aguentar certos alunos, é uma das profissões mais difícil de lidar pelas coisas que acontece. (Cibele)
> Que o professor tem que gostar muito da carreira, porque tem que suportar alunos mal-educados, brincadeirinhas sem graça e etc. Admiro os professores por que não é qualquer um que aguenta. (Talita)
> A escola asas, onde os alunos tem voz na escola, que podem elaborar gincanas, campanhas, apresentações...com ajuda. (Sara)

Diante dos relatos apresentados nos textos é possível compreender que os alunos compartilham as situações ocorridas no conto de Ondjaki, uma vez que citam a desvalorização salarial tão citada pela personagem na história e também sobre a paciência que o profissional da educação precisa ter para ensinar e enfrentar as gracinhas em sala de aula. Em relação aos problemas que enfrentam, os alunos citaram em seus textos a falta de estrutura física como laboratórios de ciências e informática, quadras, ar-condicionado que é o que vivenciaram no ano letivo, pois a escola deles não possuem tais estruturas, assim como no conto onde o professor sua muito por não ter uma sala ventilada.

A aluna Sara faz uma citação de Rubem Alves em seu texto afirmando querer uma escola asa que dá voz aos seus estudantes e proporcione atividades recreativas. Pode-se ver que a aluna se lembrou do texto lido em aulas anteriores e compreendeu a metáfora que ressaltava a escola gaiola *versus* a escola asa. A aluna sentiu a necessidade de ter uma escola que a ensine a voar, ou seja, dê suporte para ir atrás de seu sonho e ser ouvida. Ao término da aula solicitou-se uma tarefa de casa para os alunos, pediu-se a eles que pesquisassem para a próxima aula, notícias em revistas, livros ou na internet com imagens e a história de Angola.

3.5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Na aula seguinte, entretanto, nenhum aluno da turma fez a pesquisa, alguns se

desculparam dizendo que não encontraram material que falasse sobre Angola, outros que estavam sem internet ou até que se esqueceram. Enfim, como o professor sabia que isso poderia acontecer, preparou um material sobre a história e a cultura angolana para apresentar na etapa da contextualização histórica.

Apresentou-se as telas que continham imagens do país angolano e os fatos históricos que ocorreram nele como a guerra colonial, a guerra civil, destacando principalmente sua independência. Tais fatos são importantes porque aparecem ou tematizam muitas obras literárias escritas na época, e ainda hoje, e marcaram a vida de escritores como Luandino Vieira, Pepetela e mesmo Ondjaki. Enfatizou-se a importância do contexto histórico para compreender as obras literárias, pois muitas vezes são impactadas pelo tempo e pelo espaço onde se desenvolve o enredo e mesmo de onde fala o autor.

3.5.3 CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA

Nesta etapa discutiu-se a partir do conto temáticas como: o papel do professor, da escola, da família e da sociedade na educação brasileira, a inclusão social na escola e o *bullying*. Destacou-se o medo dos alunos diante da figura do professor, o que teria levado o professor a tomar tal atitude em sala. Foram levantadas hipóteses como o alcoolismo, a desvalorização profissional, entre outros. Foi relacionado tudo o que haviam estudado até o presente momento e relembrou o vídeo de Agualusa, o texto de Rubem Alves, as charges e o conto de Ondjaki junto com os alunos.

3.6 CONTANDO O CONTO: PRODUÇÃO INICIAL

A atividade oito foi iniciada com a apresentação da proposta de produção textual de um conto, as condições de produção e a sua divulgação. Diante disso, foi explicado como seria elaborado o conto e explanou-se com detalhes cada etapa, depois solicitou-se que os alunos formassem grupos com cinco ou seis integrantes e que discutissem as possíveis temáticas dos contos que iriam produzir.

Assim, os alunos escreveram em grupos um conto com temas relacionados as diversas situações que ocorrem na escola ou na sala de aula. Tiveram a liberdade para escrever sobre fatos engraçados, trágicos, reais, fictícios, e também em escolher os personagens que iriam compor suas histórias. A única exigência da proposta era que a

temática estivesse inserida no contexto de uma escola, e que possivelmente as personagens utilizadas fossem alunos, suas famílias, professores e funcionários, por exemplo. A análise textual dos contos (primeira versão x segunda versão) será feita posteriormente na atividade doze. Segue abaixo as imagens do dia em que os alunos se reuniram em grupos para elaborar a primeira versão do conto.

Fonte: acervo da autora

Ressaltou-se aos alunos que após finalizarem seus contos iriam gravar a leitura e logo em seguida criar um vídeo. Esse vídeo seria divulgado, até então, no projeto da rádio escolar presente na escola, projetado na TV fixada no pátio da escola, no horário do intervalo. Dessa forma, a proposta era que os alunos divulgassem na rádio da escola o produto final, ou seja, o hiperconto construído durante as aulas. E para construir o gênero hiperconto os alunos tiveram que utilizar a multimodalidade: áudio/música; imagens e o texto literário.

Entretanto, o que tiveram que se preocupar nesta aula era apenas em produzir o texto, pois todos os detalhes da criação do vídeo foram abordados em aulas posteriores. Os textos multimodais foram trabalhados com os alunos desde o começo da sequência, são os vídeos que circulam na internet, trazendo uma releitura da literatura na atualidade, a exemplo do conto: “Passei um sonho” de José Agualusa e, “O bigode do professor de geografia” de Ondjaki.

No final da aula foram recolhidas as produções para que pudesse ler e fazer sugestões sobre a narrativa e as adequações ortográficas. Ao corrigir não fez a reescrita de todas as adequações, apenas apontou os equívocos para que os próprios alunos refletissem e pensassem em grupo a necessidade de fazer as modificações. E no final do conto escreveu algumas sugestões que acreditou serem pertinentes para melhorar o vídeo a ser gravado depois. Uma sugestão que fez pensando no vídeo, por exemplo,

foram as criações de diálogos – discurso direto – nos contos, diante da possibilidade de ficarem dinâmicos e engraçados na gravação do produto final.

Desse modo, esta etapa constituiu a segunda interpretação do conto "O bigode do professor de geografia", pois os alunos fizeram uma reflexão mais aprofundada do tema abordado no texto ao colocá-los em suas próprias produções. Eles contextualizaram as realidades que vivem com as situações sofridas pelas personagens no conto, e ao compreenderem o cotidiano escolar africano passaram a entender melhor a própria vida escolar.

3.7 EXPANDINDO OS HORIZONTES

A atividade nove, intitulada no projeto como Expansão, é definida segundo Cosson (2012, p. 94) como a intertextualidade no campo literário, o diálogo do texto literário com outros textos. Nesta nona atividade teve-se por objetivos específicos:

- Ler e valorizar a importância do conto africano;
- Refletir sobre o preconceito e o negro na escola;
- Relacionar e compreender o contexto histórico da Angola com o conto;
- Comparar o conto "A menina Vitória" com os outros textos com a mesma temática.

Nesta etapa, foi apresentada com o recurso do notebook e o projetor multimídia uma página eletrônica[12] com a biografia do escritor angolano Arnaldo Santos. Os alunos leram e conheceram um pouco do trabalho e a importância das obras literárias do escritor para a sociedade. Mais uma vez foi mostrada a página por meio do *Print Screen* por não ter acesso à internet dentro da sala.

Em seguida foi entregue o conto impresso "A Menina Vitória" de Arnaldo Santos, os alunos leram silenciosamente e depois coletivamente. Todos participaram da leitura lendo alguns trechos da obra e em seguida conversou-se sobre a temática do texto. O texto aborda o preconceito de uma professora por dois meninos, Matoso e Gigi. Também discutiu-se sobre a postura dessa professora, a menina Vitória como educadora. Nessa discussão os alunos tiveram oportunidade de apresentar suas

[12] Disponível em <http://www.nexus.ao/kandjimbo/recensoes/arnaldo_santos.htm>

impressões sobre a narrativa, o que entenderam e refletir o *bullying* sofrido pelos personagens da história.

Comparando os dois textos, “O bigode do professor de geografia” e a “Menina Vitória”, os alunos observaram as características das personagens; as atitudes dos professores em relação aos alunos e a abordagem da sala de aula nos dois contos. Buscou-se relacionar a realidade deles na sala de aula com a das personagens, questionando sobre o papel do professor, dos alunos e da escola na sociedade. Refletiram sobre o preconceito, a violência verbal e o *bullying*, se haviam sofrido algo assim ou se conheciam amigos que passaram por situações parecidas. Alguns estudantes declaram ter vivido situações parecidas relatando que:

> O professor estava passando atividade e o aluno incomodou ele e ele tacou o apagador no aluno. Resumindo eu estudava com o Otávio (aluno da turma) na 1ª série e ele irritou o professor e ele tacou o apagador no Otávio. (Mariane)
>
> Já vivenciei sim. Professor que já me ameaçou fora da escola e depois fiquei com medo dele dentro da escola. (Breno)
>
> Sim. Não muito parecido com o conto, pois o professor agiu brutalmente após eu gozar da cara dele ele me atingiu com o apagador. (Otávio)
>
> Sim, mas não chegou a muito, foi quando o professor se irritou e jogou o caderno na mesa e fez barulho daí deu medinho. (Sara)

Os relatos mostram o que muitos já sabem e muitas vezes até vivenciaram, que há muitos tipos de agressões em sala de aula tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores. É possível entender que as gracinhas e bagunças feitas por alunos deixam alguns professores fora do seu estado natural, e propicia situações desagradáveis dentro de sala de aula como verificamos nos relatos da aluna Mariane e do Otávio.

Ao continuar a aula foi explicado sobre a estrutura do conto, suas características e os elementos da narrativa. Avaliou-se o que os alunos aprenderam ao buscar comparar este conto com o anterior, e observou-se que entenderam significativamente o conteúdo trabalhado. A produção escrita nesta etapa constituiu de algumas questões impressas entregues aos alunos para que respondessem individualmente. Quando finalizaram as atividades, socializaram todas as questões com quem queria responder e participar. Por se tratar de questões subjetivas não tinha certo ou errado, o que era avaliado eram as opiniões deles sobre o conto. Para facilitar a compreensão da análise das questões trabalhadas optou-se por colocá-las logo abaixo de suas respectivas respostas, seguem:

1- Sobre o título o que você esperava tratar o texto? Atingiu suas expectativas? Comente.

De uma menina do bem que mudou de escola por causa de alguns meninos, mais depois percebi que era totalmente diferente. (Talita)

Eu esperava uma menininha quieta não uma professora racista. Não exatamente, porque pelo título pareceu que a menina Vitória era uma menininha meiga e adorável, e ela não é. (Patrícia)

Percebe-se nestas afirmações que os alunos foram enganados pelo título do conto, todos declararam que achavam se tratar de um texto sobre uma menina meiga e que seria a vítima na história. Assim, o título causou um estranhamento nos alunos ao se depararem com enredo da história.

2- Qual a personagem que mais gostou no conto "A menina Vitória" e por quê? Justifique com trecho do texto.

Eu gostei mais do Matoso porque ele defendia a sua origem e não tinha vergonha de quem ele era. (Fanny)

Do Matoso pois mesmo sendo maltratado pelos colegas e pela professora ele se manteve firme e não teve vergonha do que ele é. (Marcelo)

Na questão dois, vinte e três responderam que gostaram do personagem Matoso, três de Gigi e nenhum aluno declarou gostar da Menina Vitória. Os alunos simpatizaram com o Matoso ainda que ele não seja o personagem protagonista da história, talvez porque ele sempre se manteve firme nas suas origens e tinha orgulho do que era. Percebeu-se que os alunos da terceira fase, adolescentes, enfrentam nesta fase da vida, muitos conflitos relacionados à identidade, ora querem ser iguais aos outros, ora querem ser diferentes, todavia sempre lutam para reforçar o que são e desejam ser aceitos desse modo. Isso explica o fato de terem gostado do Matoso, uma vez que se identificaram com um menino tímido, mas convicto do que era, e que não se envergonhava de sua cor, ao contrário, mostrou-se forte e resistente até o final.

3- Você acredita que as situações vividas por Matoso ainda são comuns nas escolas hoje?

Com certeza e eu já sofri e presenciei essas coisas. (Marcelo)

Sim em todas as escola de hoje tem ainda. (Lucas)

Na questão três os alunos declararam que acontecem sim situações iguais ao que Matoso sofreu na escola. Somente um aluno disse não ocorrer preconceito racial nas instituições de ensino. Pode-se observar um enlaçamento entre arte e realidade, ao analisar os discursos dos alunos Marcelo e Lucas, que afirmam ocorrer conflitos dentro de salas de aula iguais ao que Matoso e Gigi sofreram, reforçando que preconceitos ainda estão presentes na vida dos estudantes brasileiros.

4- Que reflexão você pode fazer ao verificar que situações sofridas no conto pelos meninos em Luanda podem se assemelhar ou não com alunos brasileiros?

Eu posso dizer que isso é comum não só pela cor, mas também pela vida financeira, pelo jeito de falar, pela altura ou se a pessoa é magra demais ou gorda demais, etc. (Patrícia)

Há bastante semelhança, pois há no Brasil pessoas que não se aceita por ser de outra cor ou os pais são de outra cor e começam a achar que são mais importantes que as outras, sendo que não olham para si própria, pois até os alunos fazem *bullying* com os professores ou com os colegas. (Leny)

Nas afirmações da questão quatro, verificou-se que os alunos compreendem que ocorrem situações relacionadas ao preconceito quanto à cor do indivíduo como ocorreu com Matoso ao falarem que o negro sofre *bullying*. A aluna Patrícia disse que o preconceito não é somente pela cor, mas também pela situação financeira, diferenças físicas e linguísticas, fazendo com que pessoas sofram exclusão na sociedade.

5- O que você achou da “Menina Vitória”, quais são suas características físicas e psicológicas?

Ela era como o Matoso só que ela não se aceitava como a cor dele porque ela se achava diferente. E ela não tinha mente limpa de não descriminar o Matoso. (Rafaela)

Preconceituosa, ela se achava superior, negava a si mesma. (Carol)

6- Por que os dois personagens passaram por tais situações em sala de aula, havia algum motivo que você observou na história?

Porque eram negros. (Rick)

Eles eram atacados em sala por serem negros pelo jeito que se vestiam e falavam. (Lucas)

A menina Vitória despertou nos alunos o senso crítico em relação a se aceitar enquanto pessoa como mostra os relatos acima, foi possível compreender a sensibilidade dos alunos diante da negação da cor cometida pela professora. Os alunos viram que a personagem se mostrava superior e tratava mal os alunos de sua cor de pele, ela era negra, mas não se reconhecia como tal, via-se como o colonizador ao passar pó de arroz no rosto, escondendo suas origens. Já na questão seis, os alunos entenderam a mensagem do conto e compreenderam que se tratava de um texto destinado a denunciar o preconceito racial, bem como a valorização da identidade e aceitação no sentido de se orgulhar de cada ser humano.

7- Em sua opinião, você concordou com as atitudes da professora Vitória para com Matoso e Gigi? Sim ( ) Quais atitudes?
Não ( ) Quais atitudes?
Não pois as atitudes dela não é de uma professora e sim de uma racista. (Samanta)
Não, ela deveria tratar todos do mesmo modo. (Diane)
Não, porque eles sofriam muito com os insultos da professora, pois ela se achava no direito de prejudicar os alunos por serem diferentes. (Leny)
Não, porque a escola é para ajudar a acaba com o preconceito e não incentivar. (Talita)

Na questão sete, os vinte e seis alunos declararam não concordar com a atitude da professora, e elencaram não concordar com as atitudes de discriminação, indiferença, preconceito, humilhação e racismo. Assim, foi possível observar a sensibilização dos alunos referentes as atitudes perversas cometidas pela professora, refletiram sobre a negatividade de termos pessoas com pensamentos desse modo em nossa sociedade.

8- Nos contos “O bigode do professor de geografia” e “A menina Vitória”, qual a semelhança entre o professor e a menina Vitória?
Que os dois eram maldosos, mas tinha uma diferença entre eles e que o professor de geografia tratava todos os alunos da mesma forma e a menina Vitória tratava mal só dois que eram negros por causa do preconceito. (Maria)
os dois são professores raivosos. (Diane)
Os dois são vilões. (Cássia)

Nas falas das três alunas interpretou-se que a comparação entre os dois professores resultou em respostas criativas. A aluna Maria relatou que os dois eram maldosos, mas que o professor de geografia era melhor que a menina Vitória uma vez que tratava todos os alunos de modo igual, não excluindo nenhum aluno pelo sua cor. O que parece no discurso da aluna é que ao ler o segundo conto ela sentiu mais simpatia pelo professor do primeiro. As alunas Diane e Cássia, relataram que os dois eram raivosos e vilões, por terem em suas experiências literárias muitas obras que possuem um vilão muito bem citado no texto "O bigode do professor de geografia".

9- Nos dois contos compare as atitudes dos alunos em sala de aula, o que você observou? Exemplifique.

O professor de geografia era zuado pelos alunos e "Menina Vitória" zuava dois alunos pelo jeito e pela cor. (Liliane)

Que uns tinham atitudes de fazer o que queria e os outros não. (Maria)

No primeiro conto os alunos fazem brincadeiras com o professor. No segundo conto os alunos por mais que tentassem agradar a professora ela não estava satisfeita. (Otávio)

A aluna Liliane usou a palavra "zoar" para fazer uma comparação entre os personagens dos dois textos, ressaltou que um personagem que zoava no primeiro conto foi o zoado no segundo, fazendo referência aos alunos. A aluna Maria destacou o silenciamento dos dois alunos no segundo conto, pois não eram ouvidos pela professora. O estudante Otávio acrescentou que os alunos tentavam agradar a professora, fazendo com que ela gostasse deles, mas o problema estava somente na professora que não se aceitava e gostava de si mesma.

10- Em sua opinião, qual o papel da escola em sua formação?

A escola nos fornece a educação e parte dos conselhos morais (porque também recebemos em casa), mas cabe a nós aceitar essa oportunidade. (Carol)

A escola serve para nos preparar para enfrentar os desafios do futuro. (Cássia)

Observou-se nos discursos que há uma valorização da escola na vida destes estudantes, eles colocam a responsabilidade na escola o enfrentamento de seus desafios

em busca de um futuro melhor. Diante disso, no artigo “Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença”, apresenta que

> O direito à educação parte do reconhecimento de que o saber sistemático é mais do que uma importante herança cultural. Como parte da herança cultural, o cidadão torna-se capaz de se apossar de padrões cognitivos e formativos pelos quais tem maiores possibilidades de participar dos destinos de sua sociedade e colaborar na sua transformação. Ter o domínio de conhecimentos sistemáticos é também um patamar *sine qua non* a fim de poder alargar o campo e o horizonte desses e de novos conhecimentos. O acesso à educação é também um meio de abertura que dá ao indivíduo uma chave de autoconstrução e de se reconhecer como capaz de opções. O direito à educação, nesta medida, é uma oportunidade de crescimento cidadão, um caminho de opções diferenciadas e uma chave de crescente estima de si. (CURY,2002)

Desse modo, a educação vista como direito possibilita que as práticas sociais se convertam em instrumento de redução das desigualdades e das discriminações, possibilitando aos jovens conquistarem o que almejam como uma profissão e reconhecimento pessoal. Dessa forma, a escola precisa promover um espaço propício para garantir uma educação de qualidade, mas para isso é preciso uma mobilização, principalmente de nossos governantes para efetivar e garantir o cumprimento do que é de direito dos nossos estudantes.

11- Qual é o seu maior sonho? A escola pode contribuir para torná-lo realidade ou não? Por quê?

> Se tornar alguém na vida, tipo terminar os estudos fazer uma faculdade conseguir construir a minha família em fim, eu acho que a escola pode me ajudar sim, por que o aprendizado que eu tenho na escola eu vou levar isso pra sempre. (Mariane)
>
> O meu sonho é no futuro ter me formado na faculdade e poder dar uma vida digna quando minha mãe e meu pai forem mais velhos. E a escola pode contribuir com isso sim, porque é através da escola que eu posso chegar na faculdade. (Fanny)

Em sua maioria, a turma sonha em terminar os estudos e ingressar na faculdade, a escola é vista como o lugar que irá propiciar tais realizações para muitos estudantes. A Mariane ressaltou que o aprendizado adquirido na escola é para sempre em sua vida, daí a responsabilidade do professor em promover aos estudantes uma base sólida capaz de proporcionar a realização dos alunos, formá-los como cidadãos críticos e sensíveis às práticas sociais.

4. HIPERCONTO: A TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA

Na atividade dez da SD, nomeada como O gênero hiperconto, os alunos aprenderam um pouco mais sobre os vídeos que iriam produzir. Para desenvolver esta etapa foi necessário o tempo de duas aulas, e os objetivos específicos compreendiam:

- Conhecer e analisar os hipercontos;
- Identificar a finalidade do gênero multimodal;
- Apropriar e ressignificar um conto africano;
- Relacionar som, imagem, escrita e oralidade no hiperconto;
- Reconhecer o uso da tecnologia como processo significativo para a comunicação;
- Compreender que o hiperconto é uma adaptação da literatura para a era digital.

Ao produzir o projeto foi planejado que os alunos iriam para a sala de informática, porém, a realidade na escola foi outra. Para o ano letivo de 2014 não foi liberada a contratação de um técnico para trabalhar na sala de informática. Por isso não foi possível levar a turma nem sob os cuidados de um professor na sala de informática. Assim, foi necessário repensar o planejamento e fazer algumas alterações para desenvolver com sucesso as atividades.

Diante disso, para desenvolver o módulo dez, foi levado para sala de aula uma TV e o notebook, e apresentado o gênero hiperconto aos alunos, foi explicado o que era e que já havia sido visto e discutido sobre este gênero nas aulas anteriores. Apresentou-se um *Print Screen* no *Word* das páginas eletrônicas[13] com o objetivo de conhecerem a biografia do escritor moçambicano Mia Couto. Em seguida, mostrou-se o *Print* da página do YouTube para que pudessem apreciar ainda mais os hipercontos produzidos dos contos do escritor Mia Couto. Dessa forma, os estudantes assistiram os hipercontos intitulados: 'Para ti';[14] 'Poema da despedida'[15] e 'Na tal noite'. [16] Em relação às obras selecionadas,

---

[13] Disponíveis em <http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01846> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mia_Couto>
[14] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=h4BQ8Zb5Z1U>
[15] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=77n23giJRMA>
[16] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bWcIBqSUWCA>

> A escolha de textos representativos de autores pertencentes aos cinco países africanos de Língua Oficial Portuguesa pode ser um caminho para a inserção da História e da cultura destes povos. A inclusão de obras de autores de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe contribuirá de forma significativa para clarificar como se deu parte da formação da identidade do brasileiro. Escritores como Mia Couto, Luandino Vieira, Pepetela, Ondjaki, Paulina Chiziane, Conceição Lima e Germano Almeida entre outros têm suas obras reconhecidas esteticamente por todos que estudam as literaturas de Língua Portuguesa.(SANTOS; et al. In: CONEXÃO LETRAS, 2013, p.144)

Dessa forma, necessita-se disponibilizar o acesso a esses grandes escritores, não se deve negar aos estudantes a fruição de obras tão importantes para a formação identitária dos jovens leitores. Após assistirem aos vídeos, foi comentado com os alunos quais os elementos presentes no gênero abordado, e ele foram questionados sobre a diferença entre ver o conto em vídeos e fazer a leitura silenciosa. Eles responderam que foi mais divertido e atrativo ouvir o conto e assistir as imagens. Também foram questionados sobre o que acharam quanto ao uso da tecnologia na literatura e o novo olhar e significado que é dado a obra literária por meio do hiperconto. Os alunos relataram que não sabiam que era literatura tais vídeos, para eles a literatura está presa a livros impressos e que algo fora disso não seria literário. Assim, foi explicado que com a tecnologia, a forma como as pessoas se expressam vão mudando conforme o tempo, hoje, com o acesso às mídias os escritores e apreciadores das obras literárias estão ressignificando as literaturas na internet.

No finalzinho da aula apresentou-se os programas *Windows Movie Maker* e o *Audacity* disponíveis no notebook para que os alunos conhecessem, e também pelo fato de terem que utilizá-los para construir os seus hipercontos e maioria dos estudantes ficaram empolgados com as possibilidades de criação. Os alunos precisavam aprender passo a passo como utilizar os dois programas, mas não deu tempo nessa aula de fazer isso, desse modo, foi mostrado brevemente e ressaltado que quando fossem fazer esta etapa iriam ser ensinados na medida do possível.

Quanto à atividade onze, intitulada “Expansão 02: Produção de um hiperconto”, não foi possível realizá-la de acordo com o projeto por problemas já mencionados na introdução deste trabalho. Assim, o planejamento foi modificado e utilizou-se apenas dois dos quatro objetivos específicos elaborados para esta etapa, são eles:

- Oportunizar aos alunos a leitura de contos africanos;
- Dar a oportunidade aos alunos para que conheçam a realidade escolar de outros países;

Os alunos realizaram neste módulo somente a fase de fruição da leitura dos contos africanos que foram selecionados por critérios relacionados à temática. Desse modo, todos os contos levados para a sala de aula possuíam a temática voltada para as situações vivenciadas no espaço escolar, contendo personagens alunos, professores, entre outras. Os contos[17] utilizados foram:

- "Um porco de estimação", de Manuel Rui. In: **Quem Me Dera Ser Onda**.
- "Um menino que escrevia versos", de Mia Couto. In: **O Fio das Missangas.**
- "O dia em que explodiu Mabata – bata", de Mia Couto. In: **Vozes Anoitecidas.**
- "Com que é que se parece um professor?" de Pepetela. In: **As Aventuras de Ngunga.**
- "Um pingo de chuva' e 'Bom dia, camaradas". In: **Bom dia camaradas** de Ondjaki.
- "Nós choramos pelo cão tinhoso", *In*: **Os da minha rua** de Ondjaki.

Depois de ler os contos, solicitou-se aos alunos que se agrupassem com aqueles que leram o mesmo conto e foi proposto que debatessem sobre a história, deixou-se vinte minutos para conversarem e logo em seguida foi solicitado que socializassem o conto com a turma, falando sobre o que gostaram ou não gostaram, sobre como eram os personagens e as situações ocorridas na história. Havia algumas situações engraçadas como no conto "Um porco de estimação" que foi o texto de que mais gostaram.

Na etapa doze, intitulada 2ª produção do conto, os alunos receberam o conto que produziram em grupo em aulas anteriores, com as sugestões e anotações feitas sobre a escrita, a semântica e a estrutura de um conto. Solicitou-se que sentassem com o mesmo grupo e lessem o conto que produziram, verificando os apontamentos que foram feitos,

[17] Disponível na página <http://contosdeaula.blogspot.com.br/search?q=escola&updated-max=2008-02-10T04:55:00Z&max-results=20&start=33&by-date=false>

desse modo, eles fizeram uma leitura crítica sobre a história criada para melhorá-la com o objetivo de divulgar depois.

Os grupos fizeram o que julgou necessário em relação as adequações, eles acrescentaram ou retiraram partes da história. Será ressaltada aqui a importância de deixar esse tempo da primeira produção escrita para a segunda, pois verificou-se que os alunos tiveram um olhar diferente sobre o texto, refletiram com as intervenções feitas o que estava ou não adequado, pensando na temática trabalhada, o objetivo, as condições de produção de um conto durante a aula. Cada grupo recebeu apoio e também pode conversar sobre o que acharam das alterações, se haviam entendido e foi oferecido ajuda no que fosse preciso, muitos pediram para que fosse explicado o que era as anotações, e assim, poder repensar seus textos e melhorá-los para a gravação. Ressaltando que por ter sido em grupo, não foram todos os integrantes que se dedicaram, sempre há um ou outro que não faz deixando alguns sobrecarregados na equipe, mas o que foi avaliado com esta atividade é que chegando ao final o resultado foi satisfatório.

Para prosseguir com as análises, será feito abaixo a interpretação de um dos cinco textos produzidos pelos alunos. A primeira versão do conto produzido em sala segue com as correções e sugestões feitas, e depois a reescrita definitiva do conto feita pelo grupo para a produção do vídeo. Seguem a comparação e a análise dos contos:

1ª produção do conto
Alunos: Carol, Eliane, Juan, Liliane e Rick.

Série: 3ª fase D

Título do conto: A Primeira Guerra Escolar

A escola é mesmo um lugar impressionante, onde tudo pode acontecer em instantes. De uma simples conversa a primeira guerra escolar.

Parecia ser um dia qualquer de aula, com o clima frio, com todos em seus devidos lugares. Mas nunca se sabe o que pode acontecer em uma sala de aula.

Na aula de ciências, ocorreu um imprevisto e a professora precisava deixar a sala.

E de repente uma bolinha de papel acertou minha cabeça e ali e aí começou uma guerra. A sala se dividiu e começou a primeira guerra.

Foi-se ali um cenário de guerra como em um filme, milhares de bolinhas de papel apareceram como uma chuva acertando todos de ambos os lados, aumentando a rivalidade entre os grupos.

Durou um tempo e pode-se dizer que ninguém ganhou pois a guerra acabou com a entrada da professora, acompanhada da diretora em nossa sala, fazendo tudo parar como em um jogo de stop. Acho que o final não foi dos melhores, mas deixo para vocês imaginarem as consequências.

Ótimo!

O que acha de criarmos umas falas dos personagens dessa guerra escolar?

2ª produção do conto

Alunos: Carol, Eliane, Juan, Liliane e Rick.

Série: 3ª Fase "D"

Título do conto: A Primeira Guerra Escolar

A escola é mesmo um lugar impressionante, onde tudo pode acontecer em instantes. De uma simples conversa a primeira guerra escolar.

Parecia ser um dia qualquer de aula, com o clima frio, com todos em seus devidos lugares. Mas nunca se sabe o que pode acontecer em uma sala de aula.

Era aula de ciências, ocorreu um imprevisto e a professora precisava deixar a sala.

E de uma maneira muito rapida Marcos arremessa uma bolinha de papel que acertou Yuri. Yuri pegou seu caderno e taco em Marcos, mas acabou acertando James.

Ai Marcos gritou:

- Guerraaaa!

E eu respondi:

- Aooo abaaaqueee!

Eu era a unica menina no meio daquela bagunça e me tornei capitã do lado do Yuri, afinal, toda ~~guerra tem capitão~~ tem um líder.

E de repente uma bolinha de papel acertou minha cabeça e ali começou uma ~~guerra~~ batalha. A sala se dividiu e começou a primeira guerra.

Fez-se ali um cenário de ~~guerra~~ terror. Como em um filme, milhares de bolinhas de papel apareceram como uma chuva acertando todos de ambos os lados, aumentando a rivalidade entre os grupos.

Durou um tempo e pode-se dizer que ninguém ganhou pois ~~a guerra~~ acabou com a entrada da professora, acompanhada da diretora em nossa sala, fazendo tudo parar como em um jogo de stop, e disse:

- Mas o que está acontecendo aqui? - com cara de quem ia nos dar uma bronca.

Creio que o final não foi dos melhores, mas deixo para vocês imaginarem o que aconteceu!

O grupo que elaborou este conto optou por narrar em primeira pessoa uma situação ocorrida em sala de aula, uma brincadeira de alunos. No primeiro texto não há a presença de diálogo, e a sugestão foi que criassem falas para as personagens. Como

estavam pensando no produto final, esta solicitação foi para que o vídeo do grupo ficasse mais dinâmico, engraçado e chamasse mais a atenção do público que iria assistir. Este vídeo ficou muito engraçado justamente pelas falas, quem assistiu queria saber de quem eram as vozes, porque editadas ficaram graves e mais agudas de que o normal.

Quanto aos conflitos ocorridos no conto, constatou-se serem comuns em diversas salas de aula, uma vez que a guerra de bolinhas de papel é uma brincadeira antiga entre alunos de diferentes idades. Notou-se também que o texto "O bigode do professor de geografia", incentivou o grupo a tratar das parvoíces, também no final dos dois contos temos alunos (personagens) recebendo broncas pelas suas atitudes em sala.

Por rever suas práticas discursivas e inserir o discurso direto, o grupo possibilitou posteriormente um vídeo mais dinâmico, fazendo com que o texto fluísse na hora da gravação do áudio, desse modo, o áudio ficou mais leve e próximo do real, como por exemplo, na hora em que a diretora dá uma bronca nos alunos. Observou-se que o segundo texto possui alguns riscos feitos a lápis por cima dos escritos a caneta, isso ocorreu durante a gravação do vídeo. Vale ressaltar que todos os grupos tiveram esta mesma atitude na hora da gravação, porque buscaram se organizar para saber na adaptação, o nome de quem iria fazer determinada personagem e o narrador da história.

Outro ponto importante a destacar, foi que os alunos repensaram o texto mais uma vez no momento da gravação. Dessa forma, na hora de gravar o grupo refletiu suas práticas discursivas ao verificar o uso excessivo da palavra "guerra", substituindo-a por: combate, horror, batalha. O verbo "arremessa" foi escrito no presente, e os alunos verificaram que deveria ser escrito no pretérito, substituíram-no por "arremessou". Isto ocorreu também com o verbo "precisar" e por não gostarem da sonoridade da palavra "capitães", substituíram-na pela oração: "tem um líder".

Diante das situações ocorridas na sala de informática, foi possível observar o quanto os alunos refletiram sobre o texto que produziram, para posteriormente gravar. Eles se preocuparam com cada detalhe, gravando diversas vezes por terem errado uma pronúncia, por exemplo. Estavam determinados a obter bons resultados com os vídeos, afinal seriam divulgados para outras pessoas assistirem e por isso havia uma preocupação.

4.1 VAMOS DIVULGAR OS HIPERCONTOS?

A Atividade treze, “Produção final do Hiperconto” e a gravação da leitura foram desenvolvidas do seguinte modo, foi marcado com os alunos para que viessem no turno matutino para gravar e editar os vídeos. Cada grupo veio três vezes à escola no turno matutino e reuniram na sala de informática para realizar a atividade, porém com dois grupos, três encontros foram insuficientes, dessa forma, necessitou-se que de intervenção e ajuda para concluírem as edições.

Os alunos utilizaram o meu notebook pessoal para gravar, editar e pesquisar imagens na rede, devido os computadores da sala de informática estar lentos ou mesmo sem internet, chegaram a ligar alguns, mas não conseguiram caminhar com as pesquisas por algum problema no aparelho.

Fonte: acervo da autora

Como se pode ver nas imagens acima, os alunos se reuniram para utilizar a internet na escola, gravar e editar os vídeos que produziram em sala. Durante os encontros, os grupos decidiam quem iria gravar interpretando o narrador da história e quem faria a voz das personagens durante o vídeo. Após terminarem de escolher o que cada aluno iria fazer, começavam a ensaiar a leitura do texto, cuidando a entonação da voz, a velocidade da leitura e evitando rir ou errar as palavras. Depois dos ensaios

começaram a gravar utilizando o programa *Audacity*. Foi explicado para cada grupo como gravava e depois como produzia o vídeo com o *Windows Movie Maker*. Apenas dois alunos dominavam essa ferramenta, os demais não sabiam por onde começar, assim foi preciso ajudá-los a manusear o programa para que o vídeo ficasse pronto.

O momento da edição foi o mais difícil do projeto, praticamente teve-se que editar boa parte dos vídeos para que eles aprendessem como era feito. Esse fato exigiu muito tempo, que, aliás, não se tinha. Assim, apenas três grupos conseguiram terminar o vídeo, os outros dois precisaram muito de minha ajuda para finalizar este trabalho. Um dos problemas foi o fato do ano letivo estar no final, nas últimas aulas, alunos cansados e alguns ainda viajaram antes mesmo das aulas terminar.

Socializou-se com a turma na última semana de aula, no mês de Dezembro de 2014, os vídeos da forma como os alunos conseguiram fazer até o presente momento. E foi combinado com a turma que os dois vídeos que ficaram incompletos iriam ser concluídos para serem divulgados na internet e que poderiam acessar no ano de 2015. Dessa forma, o vídeo intitulado 'Hipercontos'[18] foi postado em um canal do YouTube, e os alunos acessam e compartilham o resultado dos seus trabalhos. Foram editados os cinco hipercontos em um só vídeo e finalizou com agradecimentos aos alunos, coordenadores e o diretor da escola que participou no papel de diretor em um dos contos produzidos. Os títulos dos hipercontos são: A primeira guerra escolar; As escolhas da vida; Um gesto banal; Dois irmãos e Um mistério sem solução. As histórias retratam o *bullying*, o preconceito racial, as brincadeiras em sala de aula, como jogar papel, a gravidez na adolescência e o mistério sobrenatural. As produções dos hipercontos contribuíram para valorizar os textos dos alunos feitos em sala de aula, ao divulgar os vídeos na internet os estudantes assumiram o protagonismo dentro da literatura digital, se constituíram autores no ambiente escolar e podem compartilhar seus avanços e sucesso com a família, os amigos e colegas da escola, por meio de um clique.

[18] Disponível no endereço <http://youtu.be/4LbBWnDY7Yw>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais partem, aqui, da análise dos resultados satisfatórios obtidos na atividade treze, a “Produção final do Hiperconto” em que demonstra o quanto este trabalho foi positivo por contemplar os objetivos almejados no projeto pela participação e produção de textos pelos alunos, antes tímidos e inseguros e se fosse possível ter realizado a SD no primeiro semestre ou no início do segundo em julho de 2014 o resultado final poderia ser ainda melhor.

Verificar o gosto e o interesse despertados pelos alunos pelas literaturas africanas foi muito gratificante. Observou-se através de questionários aplicados na primeira etapa, em que alunos da terceira fase afirmaram desconhecer e nunca ter lido a obra de um escritor africano, que não sabiam nada sobre o diálogo entre o Brasil e a África, nem das influências deste continente sobre nossa formação e não conheciam a história e a cultura africanas. O pouco que sabiam sobre a África era cheio de estereótipos e preconceitos vistos através de meios de comunicação que a noticiam apenas em momentos de tragédias com ênfase principalmente na pobreza, secas, guerras civis e epidemias.

O encantamento dos alunos pela história, diversidade, cultura e pela literatura africana de língua portuguesa de uma África geralmente ignorada, motiva o professor a repensar suas práticas e melhorar cada vez mais essas práticas em sala de aula na busca da ressignificação da Literatura digital e da valorização da literatura africana. O trabalho com contos africanos com temáticas como “O bigode do professor de Geografia” de Ondjaki que aborda a relação professor e aluno diante de problemas enfrentados por alunos africanos, e a constatação de que tais problemas são os mesmos de nossas escolas deixou os alunos participantes deste projeto mais motivados e próximos da realidade do outro que é a deles mesmo. Neste sentido, Candido afirma que o leitor nivela à personagem e “se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade (2002, p. 89-90)”.

Sobre as novas tecnologias, elas fazem parte de todas as atividades e estão presentes no dia a dia dos alunos por isso a escola não pode dispensar estas importantes ferramentas no processo educacional. Os alunos em sua maioria possuem computadores e principalmente aparelhos celulares com internet, mas não sabem usá-los em favor da educação. Para muitos o mundo digital gira em torno de apenas memes do facebook, e

mais do que nunca do *Whatsapp*. Com estes aparelhos eles têm acesso à informação, mas sem motivação à leitura e por não explorarem a potencialidade dessas importantes ferramentas acabam não se tornando leitores críticos, “atores protagonistas”, desse modo, não exercendo a cidadania no meio em que vivem. Repetem conhecimentos muitas vezes cheios de estereótipos, são alienados pelo que assistem na televisão e acreditam no que veem como verdades absolutas.

Diante destas constatações, verificou-se a necessidade de uma escola que desperte a atenção dos alunos com atividades que visam promover o protagonismo dos discentes, que aproveite o mundo tecnológico em constante mudança com um acervo inimaginável de conhecimentos à disposição da sociedade. Para isso é preciso ter pelo menos computadores e internet que efetivamente funcionem e inclusive um técnico para auxiliar o professor a utilizar estas ferramentas. No entanto, na ausência deste apoio o professor não pode se acomodar, ele precisa com os recursos disponíveis, superar dificuldades e incluir em seu plano de ensino uma proposta que conte com o uso de novas tecnologias.

A ausência de uma biblioteca pode ser superada, em parte, com textos disponíveis na internet onde o professor com um pouco de esforço e dedicação encontra também uma grande quantidade de recursos que contribuem para tornar suas aulas mais motivadoras com atividades diferenciadas que contribuem na promoção do letramento. Constatou-se que os alunos, sentindo-se protagonistas no processo de ensino aprendizagem, interagiram de forma muito dinâmica com o trabalho do professor sem esconder seu interesse e satisfação ao ver seus trabalhos/vídeos apresentados a diversos públicos por meio da internet como se relatou neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Míriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ALEXANDRE, Ivone J. **A formação de professores e a educação para as relações étnico-raciais.** In: STRAUB, Ilário. EAD: tecnologia pedagógica e formação continuada. UNEMAT Sinop/MT, 2011.

BEZERRA, Ana Cristina. **"Passei por um sonho": os caminhos simbólicos na brevidade de Agualusa.** Revista Crioula, n.10. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.

_____. **A literatura e a formação do homem**. In: Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A influência das línguas africanas no português** brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura da Cidade do Salv. (Org.). Pasta de textos da professora e do professor. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005

CEREJA, William Roberto; MAGALHÂES, Thereza Cochar. **Português: linguagens, 9ºano:língua portuguesa**. 7 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007.

Conexão Letras. **As línguas & as literaturas de língua portuguesa e brasileira** / Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. - Vol. 8, n. 9. - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Candida da Soares. **O negro no livro didático de língua portuguesa: imagens e percepções de alunos e professores.** Coleção Educação e Relações Raciais, 3. Cuiabá, 2007.

CURY, Carlos Roberto Jamil**. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença.** Cad. Pesqui. [online]. 2002, n.116, pp. 245-262**. ISSN 1980-5314. http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000200010.**

DOLZ , J. e SCHNEUWLY, B. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)**. In "Gêneros Orais e escritos na escola". Campinas(SP): Mercado de Letras; 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais.** 1. ed., 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, 11 Ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna.** 2007. Disponível: http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro:Objetiva, 2002.

OLIVA, Luzia A.; WALKER,Marli. **Negritude e ideologia na literatura infanto-juvenil na obra xixi na cama, de Drummond Amorim.** Revista de LetrasNorte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários. Edição 07 – Estudos Literários 2011/01.

OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. M. A. M.; SANTOS, I. B. A. **Projetos de letramento e formAÇÃO de professores de língua materna.** 2. ed. Natal/RN: EDUFRN, 2014.

ONDJAKI. **O bigode do professor de geografia.** In: Os da minha rua. Lisboa: Editora Caminho SA, 2007.

_____. **Nós choramos pelo cão tinhoso.** In: Os da minha rua. Lisboa: Editora Caminho SA, 2007.

_____. **Bom dia, camaradas.** In: Bom dia camaradas. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **História do Material Didático**. UFMG/CNPq/FAPEMIG), 2009.

ROJO, R.; MOURA, E (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.)

ROSA, João Martos. Dissertação de Mestrado Universidade Católica Dom Bosco (UCDB): O ensino da Literatura Africana na Educação Básica: observações iniciais, 2012.Disponível:http://www.neppi.org/anais/Educa%E7O%60o%20b%E1sica/O%20ensino%20da%20Literatura%20Africana%20na%20Educa%E7O%60o%20B%E1sica%20%20observa%E7%F5es%20iniciais.pdf

ROUXEL, A; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura.** São Paulo: Alameda, 2013.
SANTOS, Arnaldo. **A menina Vitória.** In: Kinaxixe e outras prosas. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro,1981.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. 2 ed. Campinas, Mercado de Letras, 2010.

SOARES, Magda B. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TILIO, Rogério. **O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira.** Revista eletrônica do Instituto de Humanidades, volume VII, número XXVI - Jul-Set, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. In.: Via Atlântica. Publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. José Nicolau Gregorin Filho e Maria Zilda da Cunha (Org.). FFLCH-USP: São Paulo, n.14, 2008, p. 11-22.

ZILBERMAN, Regina & Tânia M. K. Rosing. Org. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos acessado em 20 de setembro de 2013.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm#art79a acessado em 20 de setembro de 2013.

http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/182/presenca-do-negro-na-educacao-uma-das-declaracoes-mais-296209-1.asp acessado em 20 de setembro de 2013.

Vídeo: A África que nunca vimos ou que ninguém nos mostra disponível em https://www.youtube.com/watch?v=3vllE0-Xuo0 acessado em 12 de maio de 2014.

Vídeo: Moçambique, uma África que fala português disponível em https://www.youtube.com/watch?v=jdTTMadLOYs acessado em 12 de maio de 2014.

Vídeo: Passei por um sonho, José Eduardo Agualusa disponível em https://www.youtube.com/watch?v=fX839ViKOWk acessado em 12 de maio de 2014.

Vídeo: Ondjaki - O professor de geografia disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ZKvPY3vyZCg acessado em 12 de maio de 2014.

Vídeoclipe: Estudo errado, Gabriel O Pensador disponível em https://www.youtube.com/watch?v=l540Ho2qSAk acessado em 12 de maio de 2014.

Texto: Gaiolas e asas, Rubem Alves disponível em http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0512200109.htm acessado em 14 de maio de 2014.

Charges: disponível em http://unopargestao.blogspot.com.br/2013/05/charges-e-imagens-sobre-gestao.html acessado em 14 de maio de 2014.

Tira: Calvin de Bill Watterson disponível em http://updatesaude.wordpress.com/2014/04/28/a-educacao-e-seus-atores/ acessado em 14 de maio de 2014.

Vídeo: Para ti disponível em https://www.youtube.com/watch?v=h4BQ8Zb5Z1U acessado em 25 de junho de 2014.

Vídeo: Poema da despedida disponível em https://www.youtube.com/watch?v=77n23giJRMA acessado em 25 de junho de 2014.

Vídeo: Na tal noite disponível em https://www.youtube.com/watch?v=bWcIBqSUWCA acessado em 25 de junho de 2014.

Textos: Um porco de estimação, de Manuel Rui. In: Quem Me Dera Ser Onda. Um menino que escrevia versos, de Mia Couto. In: O Fio das Missangas. O dia em que explodiu Mabata – bata, de Mia Couto. In: Vozes Anoitecidas. Com que é que se parece um professor? de Pepetela. In: As Aventuras de Ngunga. Disponível em http://contosdeaula.blogspot.com.br/search?q=escola&updated-max=2008-02-10T04:55:00Z&max-results=20&start=33&by-date=false acessado em 28 de junho de 2014.

http://www.kazukuta.com/ondjaki/ondjaki.html;http://www.infoescola.com/biografias/ondjaki/ acessado em 02 de julho de 2014.

http://www.gryphus.com.br/autor_agualusa.html acessado em 02 de julho de 2014.

http://www.nexus.ao/kandjimbo/recensoes/arnaldo_santos.htm acessado em 02 de julho de 2014.

http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/angola/arnaldo_dos_santos.html acessado em 02 de julho de 2014.

http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01846 acessado em 02 de julho de 2014.

http://www.lusofoniapoetica.com/artigos/angola/manuel-rui-monteiro/biografia-manuel-rui-monteiro.html acessado em 02 de julho de 2014.

ANEXOS

LEI N° 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1° A Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1° O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2° Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3° (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm#art79a

TEXTO 02
Gaiolas e asas RUBEM ALVES

(...) Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas". Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-las para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. É preciso que os adolescentes, que todos, tenham uma boa educação. Uma boa educação abre os caminhos de uma vida melhor. Mas eu pergunto: nossas escolas estão dando uma boa educação? O que é uma boa educação?

Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0512200109.htm

---

Rubem Alves, 68, educador, psicanalista e escritor, é professor emérito da Unicamp e autor de, entre outros, "A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir" (Papirus). www.rubemalves.com.br

APÊNDICE

ESCOLA ESTADUAL JOSÉ DOMINGOS FRAGA

ESCOLA ESTADUAL JOSÉ DOMINGOS FRAGA

PROFESSORA: ELAINE BABINSKI

ALUNO (A): Raquel dos Santos Sousa SÉRIE: 3º fase D DATA: 24 / 09 / 2014.

Questionário

1- De acordo com as leituras e o seu conhecimento de mundo qual a primeira imagem que vem a sua cabeça quando pensa na África?

Em a imagem das crianças com fome passando muitas dificuldades na vida.

2- Há países na África que falam português? Se sim, quais você conhece? Quais outras línguas eles falam?

Não Eu não conheço nenhuma lingua diferente.

3- Você conhece escritores africanos? Cite-os.

Não conheço nem um.

4- Quais os aspectos positivos você conhece sobre a África?

Que mesmo no meio a dificuldades eles buscam o melhor para sua familia.

5- Quais os aspectos negativos você conhece sobre a África?

Que eles podem achar que suas vidas não vão mudar pra melhor.

6- Pensando sobre a escola, o que você lembra já ter estudado sobre a África na disciplina de língua portuguesa?

Que a africa é um lugar mas pobre de todas as regiões

7- Qual a importância para você estudar este assunto?

Que devem agradecer a Deus por termos mais condição pois a muitas gente que só reclama da vida que se tem.

ESCOLA ESTADUAL JOSÉ DOMINGOS FRAGA

PROFESSORA: ELAINE BABINSKI

ALUNO (A): Bruno César M. Garcia SÉRIE: 3ª fase D DATA: 24/09/2014.

Questionário

1- De acordo com as leituras e o seu conhecimento de mundo qual a primeira imagem que vem a sua cabeça quando pensa na África?

Pessoas passando fome

2- Há países na África que falam português? Se sim, quais você conhece? Quais outras línguas eles falam?

Nunca estudei sobre isso

3- Você conhece escritores africanos? Cite-os.

Não

4- Quais os aspectos positivos você conhece sobre a África?

Nenhum

5- Quais os aspectos negativos você conhece sobre a África?

Não sei

6- Pensando sobre a escola, o que você lembra já ter estudado sobre a África na disciplina de língua portuguesa?

sobre a fome e o modo que eles vivem

7- Qual a importância para você estudar este assunto?

Aprender a ser mais humilde

ESCOLA ESTADUAL JOSÉ DOMINGOS FRAGA

PROFESSORA: ELAINE BABINSKI

ALUNO (A): Lugo Danielly Leitão SÉRIE: 3º fase D DATA: 24 / 09 / 2014

Questionário

1- De acordo com as leituras e o seu conhecimento de mundo qual a primeira imagem que vem a sua cabeça quando pensa na África?

Eu imagino um lugar meio deserto com algumas girafas, zebra e macacos, e as vezes com um lago.

2- Há países na África que falam português? Se sim, quais você conhece? Quais outras línguas eles falam?

Eu acho que sim, mais ainda não cheguei a estudar sobre isso.

3- Você conhece escritores africanos? Cite-os.

Não, mais pretendo conhecer.

4- Quais os aspectos positivos você conhece sobre a África?

Que lá existe varios lugares que ajudam os animais feridos, e são contra os caçadores. Não sei muita coisa.

5- Quais os aspectos negativos você conhece sobre a África?

A seca. Lá não há chuva, água, e é muito quente. Varias pessoas morrem por doenças e falta de água e comida.

6- Pensando sobre a escola, o que você lembra já ter estudado sobre a África na disciplina de língua portuguesa?

Sobre as crianças africanas sobre as vezes não terem escolas e muito mais moradias sobre as doenças tambem.

7- Qual a importância para você estudar este assunto?

Pois lá é lugar bem deserto e pouco comentado. E tem pessoas e animais que sofrem por falta de água e alimento.

ESCOLA ESTADUAL JOSÉ DOMINGOS FRAGA

PROFESSORA: ELAINE BABINSKI

ALUNO (A): Daiane Azevedo da Cunha SÉRIE: 3º ano D DATA: 24 / 09 / 14

Questionário

1- De acordo com as leituras e o seu conhecimento de mundo qual a primeira imagem que vem a sua cabeça quando pensa na África?

Pessoas Nesseitadas de comidas, passando fome, Pessoas que não tem boa condição de vida, e por elas não tem Trabalho passam fome e ficam muito magras

2- Há países na África que falam português? Se sim, quais você conhece? Quais outras línguas eles falam?

Eu não sei se falam outras línguas, mais acho que Tem.

3- Você conhece escritores africanos? Cite-os.

Não conheço nenhum escritor africano.

4- Quais os aspectos positivos você conhece sobre a África?

acho que nenhum porque só sabe falar de coisas feias e Triste sobre a africa.

5- Quais os aspectos negativos você conhece sobre a África?

Pessoas morrem de sede de fome pelo simples fato de não Tem Trabalho, Tem pessoas que morre de Tanto ficar sem beber e comer.

6- Pensando sobre a escola, o que você lembra já ter estudado sobre a África na disciplina de língua portuguesa?

Lembro de quando um professor de português passou um vídeo de crianças pedindo comida no Lixo para se alimentar na africa.

7- Qual a importância para você estudar este assunto?

Importância de que deveríamos fazer diferente ajudar comidas para as pessoas nesseitadas na africa ou em qualquer lugar.

ESCOLA ESTADUAL JOSÉ DOMINGOS FRAGA

PROFESSORA: ELAINE BABINSKI

ALUNO (A): Weslay G. Nunes SÉRIE: 3ª fase D DATA: 24/09/14

Questionário

1- De acordo com as leituras e o seu conhecimento de mundo qual a primeira imagem que vem a sua cabeça quando pensa na África?

a imagem das crianças magras sem comida grande meu olho essa imagem e muito triste

2- Há países na África que falam português? Se sim, quais você conhece? Quais outras línguas eles falam?

eu não conheceu nem uma outra linguem que eles falam

3- Você conhece escritores africanos? Cite-os.

eu não lembra de nem um escritores africano

4- Quais os aspectos positivos você conhece sobre a África?

Eu não sei nem um aspectos positivos de africa.

5- Quais os aspectos negativos você conhece sobre a África?

Aspectos negativos que não africa e um país muito probe falta agua, comida,

6- Pensando sobre a escola, o que você lembra já ter estudado sobre a África na disciplina de língua portuguesa?

um homem negro que aprendo africano país africano

7- Qual a importância para você estudar este assunto?

para nos ver que nosso país e bom que nos recemo o africa um país probe o brasil país em tudo para a familia é bom

Aluno Thomas A. Bruno Cesar Data 08/06/24

Justino ficou muito triste, e foi para casa contar oque tinha acontecido para seus pais.

Quando ele chegou em casa seu pai tinha ido trabalhar e ele deu o notícia só para sua mãe, ela ficou muito brava e disse que ia contar tudo para seu José pai de Justino.

Justino ficou com muito medo de seu pai lhe bater, depois que se passou algumas horas seu pai chega do trabalho e sua mãe contou tudo oque tinha acontecido com Justino na escola.

Quando seu José foi bater em Justino.

Justino acordou e percebeu que tudo aquilo era apenas um sonho.

Quando Justino foi para escola contou tudo para seu melhor amigo Caleb e juntos deram muito risada.

Aluno Luan Vitor, Hygga D Leite Data 08/10/19.

Depois que eu fui expulso da escola, fui cabisbaixo caminhando para a minha casa, e no caminho encontrei o passaro adoecido com uma única pena no corpo. Então perguntei:

- O que houve?

- Eu estava sobrevoando uma plantação de milho e decidi almoçar naquele exato momento. Mas o milho estava envenenado.

O passaro me respondeu. E com um leve suspira, como se fosse o ultimo, o passaro me disse:

- Fique essa ultima pena para usar para o bem, mas lembre-se, essa é a ultima.

E ~~com um~~ eu fui muito triste para minha casa. No dia seguinte estava caminhando pelo Park quando derrepente encontrei uma criança magra pedindo comida, então lhe entreguei a pena e o contei a historia das penas, e foi quando um vendedor de cachorro-quente para a criança. Fui para casa com um sentimento de dever cumprido. Cheguei em casa, deitei na cama olhando para o teto. Escutei meus amigos me chamando, e quando cheguei na frente deles me falaram que ficaram triste com a minha saida, contaram a historia para a diretora e ela se arrependeu e me aceitou de volta.

Aluno Jois R. Francisco Data 08/10/14

Mas quando saí da escola o pássaro estava lá ele disse:

– Para mim não ficar triste pois a pena iria também me tranquilizar e minha tristeza iria ser por pouco tempo

Então logo notei a sabedoria pois tudo o que lhe tinha me dito era verdade.

Ao sair da escola encontrei uma criança chorando perguntei para ela porque chorava, então ela respondeu:

– Porque não tenho amigos para brincar

Então Justino entregou a pena para ele.

De repente o pássaro apareceu e disse:

– Você entregou a pena para a pessoa certa você conseguiu cumprir sua missão e essa pena era especialmente para essa criança pois além de mudar algumas coisas neste para sua sala de aula pois sua diretora não lembrava de nada que aconteceu.

Aluno Samuel e Rikaele Data 08/08/23.

Ca saiu da escola triste, seu amigo Caik foi ao seu encontro e perguntando o que lhe havia acontecido, contou a Caik e foi para casa. Ca pensa continuar a visitar Justina, a cada dia que passava trazia mais penas, até que Justina resolveu sair distribuindo penas nas ruas e alegrando as pessoas.

No dia seguinte recebeu uma pena diferente mais bilhante e mais bonita, não sabia o que fazer, saiu as ruas e avisou a diretora que a linda esculpada ela estava muito triste e logo pegou a pena e a afastou.

Ca recebeu a pena um milagre aconteceu a diretora sentiu se melhor e pediu a Justina que voltasse para a escola.

No dia seguinte a diretora liberou Justina para dar penas aos triste e que continuasse alegrando a vida das pessoas.

Aluno Karoline G. Batista e Emanully Cristina Data 02/10/19.

Por um tempo fiquei muito triste. Mas mesmo mudando de escola o pássaro continuava a me visitar, então continuei meu trabalho com as penas levando alegria para todos ao meu redor.

Certo dia encontrei a diretora sentada no banco embaixo da árvore, triste. Fui até ela e perguntei porque ela estava triste, ela me disse que sua filha estava muito doente. Naquele momento fiquei em silêncio e fui para casa.

Quando cheguei em casa peguei as penas embaixo do meu travesseiro, pensei imediatamente na filha da diretora e fui direto para o hospital.

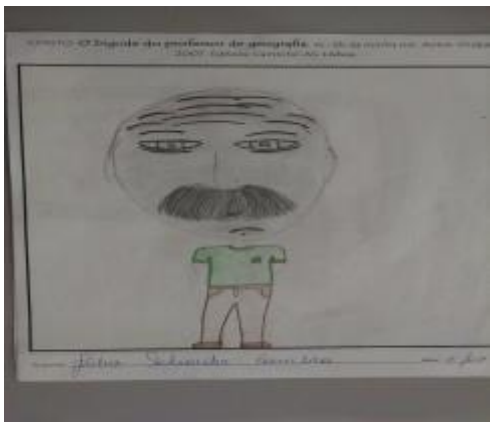
Chegando lá entreguei as penas para a diretora e disse para colocá-las na cama de sua filha, sorri e fui embora.

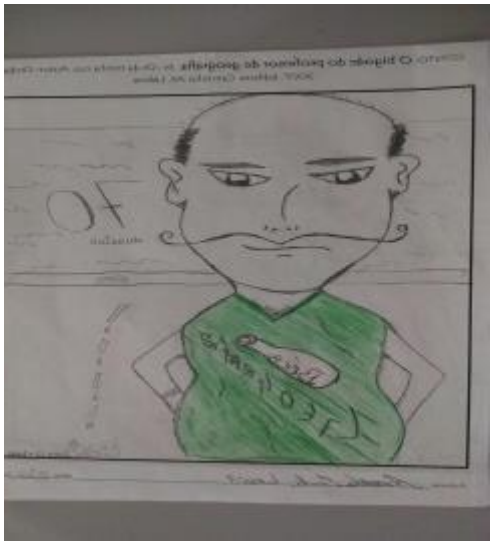
Dois dias depois encontrei a diretora e sua filha brincando no parque, felizes. Fiquei alegre pois as penas funcionaram e todos estavam bem.

Aluno Samila e Ramix Data 08/10/19

Fiquei muito triste, pois, naquele acidente está na todas minhas recordações, e amigos. Eu queria continuar lá, mas fui embora para outra cidade, onde tentei recomeçar a minha vida, foi quando aquele passaro de pena douradas apareceu pra mim e disse:
— Não se preocupe, pois você fez o que estava certo por isso lhe dou uma nova missão, então Justino ficou tão feliz e perguntou o que era e o passaro respondeu: — Quando você for maior vai sair pelo mundo ajudando as pessoas carentes necessitadas e aquelas que precisam de alegria para seguir em frente. Então eu me formei e voltei naquela cidade e segurando todas as pessoas que estavam muito triste, e minha antiga professora reconheceu seu erro, e me pediu desculpa e nunca mais parei de sonhar.

KARIKATURA





Nomes: Karolime G. Batista, Emanuelly Cristina, Juan Vitor, Hugo Daniel, Henrique de Souza
Série: 3º ano D

Título do conto: A Primeira Guerra Escolar

A escola é mesmo um lugar impressionante, onde tudo pode acontecer em instantes. De uma simples conversa a primeira guerra escolar.

Parecia ser um dia qualquer de aula, com o clima frio, com todos em seus devidos lugares. Mas nunca se sabe o que pode acontecer em uma sala de aula.

Era aula de ciências, ocorreu um imprevisto e a professora precisou deixar a sala.

(E de repente uma bolinha de papel acertou minha cabeça e ali começou uma guerra. A sala se dividiu e começou a primeira guerra.

Foi-se ali um cenário de guerra como em um filme, milhares de bolinhas de papel apareceram como uma chuva acertando todos de ambos os lados, aumentando a rivalidade entre os grupos.

Durou um tempo e pode-se dizer que ninguém ganhou pois a guerra acabou com a entrada da professora, acompanhada da diretora em nossa sala, fazendo tudo parar como em um jogo de stop. Acho que o final não foi dos melhores, mas deixo para vocês imaginarem as consequências.

Ótimo!

O que acha de criarmos umas falas dos personagens dessa guerra escolar?

Nomes: Amanda, Carla, Estefany, Francisca, Lanir e Vitor

Série: 3º fase "D"

Título do conto: Cada um faz a sua escolha

As escolhas da vida

Primeiro dia de aula, mais uma vez em outra escola, tudo é novo pra mim, logo na entrada o Diretor estava me esperando.

— Olá Ana Vitória Rizur, seja Bem-Vinda a Carlos Drummond, vou acompanha Senhorita até a sala de aula, eu agradeci, e fiquei sozinha a tarde toda.

Nas duas primeiras aulas, tive aula de Educação Física, meu pior pesadelo.

No outro dia, pressinti que algo ruim ia acontecer, acabei discutindo suco na cara da Patrícia a garota mais popular da escola, ela não gostou nada e me fuzilou com um olhar de trator medo e falou

— Sua desastrada. Você não olha por onde anda, Você sabe quem eu sou, sua quatro olhos?

— Me desculpe foi sem querer

— Você pensa que me engana, consigo pensar da sua sala de longe.

— Eu juro, foi sem querer.

Fiquei tão envergonhada que saí correndo, preferia nunca mais voltar aquela escola. No dia seguinte fiquei isolada o dia todo, enquanto Patrícia ficava conversando maximo da escola. Certo dia houve um comentário que Patrícia estava grávida, não sabia se era verdade pois ela tinha apenas 14 anos.

Na sexta-feira, uma surpresa algo inesperado aconteceu o que era apenas suspeita era verdade,

omes: Amanda, Carla, Cristiane, francisca, Janie, Vitor

ério: 3º fase "D"

tulo do conto: Cada um faz a sua escolha

Primeiro dia de aula, mais uma vez em uma outra escola, tudo é novo pra mim, já na entrada o Victor está a minha espera "Olá Ana Vitória Reizer, seja Bem-Vinda à Carlos Drummond, Vou te mostrar a sua sala de aula, eu agradeci e fiquei sozinha a tarde toda. Depois de duas longas semanas, já conheço a metade dos alunos, e também conheço o menino mais gato, e a menina + linda da escola que ainda não são meus amigos.

Nas duas últimas aulas, temos aula de Educação Física, em plena quarta-feira, o que é pra mim é pior pesadelo.

No outro dia, pressinti que algo ruim ia acontecer, no recreio acabei derrubando suco na roupa da Patrícia, a menina mais popular da escola, ela não gostou nada, e me fuzilou com um olhar de botar medo e falou — Sua desastrada você não olha por onde anda, quatro olhos e respondi — Me desculpe foi sem querer.

No seguinte, ao chegar na escola, Roberto veio falar comigo e perguntou se eu estava bem e respondi — Sim, está. E com você? — Está tudo bem, Você gostaria de almoçar comigo hoje? — perguntou

— Não sei, preciso estudar para prova. — tudo bem, eu pude estarei esperando você lá no refeitório, até mais tarde. — Até...

Quando Cheguei no refeitório estava ele me esperando, dei um abraziinho para ele, e veio até mim, e ficamos conversando coisas bem legais, foi quando de repente a Patrícia chegou e falou — O que você está fazendo com essa desastrada, e ele respondeu

Nomes: Samuel, Sanal, Pamela, Vagner, Bruno Wesley.

Série: 3 ano D"

Título do conto: Dois Irmãos

Manhã de Inverno-Frio, Hora de levantar, Mais um dia de Pula, o banheiro ocupado os irmãos Jack se Juntam para ir a escola. Chega o ônibus e Jeremias e Jeziane.., e quando o ônibus estava a sair aparece os irmãos Jack correndo.

No fundo, nos últimos poltronas estava Roni, o Valentão da escola, que sempre tirava onda dos irmãos Jack por serem pobres, E ele rico, E para o azar deles estudavam na mesma sala. Um dia os irmãos Jack resolveram não deixar os olhares de lado Então Resolveram falar com o diretor sobre o que estava acontecendo.

Chegando na coordenação Maicon Jacke e João Jack abem a porta se deparam com a mãe de Roni, Maicon Jacke diz a João:

— Nossa! nós podíamos contar a mãe dele né João?

— Não, acho melhor falar com o diretor, Pois ele é quem pode resolver. disse João.

Então esperaram a mãe de Roni sair para se entrarem.

— Diretor queremos desabafar com o senhor, Pois nós sofremos bullying e preconceito por sermos pobres.

O diretor olha com olhar preocupado para os irmãos e diz:

— Vocês deviam ter dito antes para que eu tomasse providências.

O diretor mandou chamar o Roni para eles

Nomes: Karoline G. Batista, Emanuelly Cristina, Kayo Danielly, Kuan V
Henrique de Sa

Série: 3ª fase "D"

Título do conto: A Primeira Guerra Escolar

A escola é mesmo um lugar impressionante, onde tudo pode acontecer em instantes. De uma simples conversa a primeira guerra escolar.

Parecia ser um dia qualquer de aula, com o clima frio, com todos em seus devidos lugares. Mas nunca se sabe o que pode acontecer em uma sala de aula.

Era aula de ciências, ocorreu um imprevisto e a professora precisava deixar a sala.

E de uma maneira muito rápida Marcos arremessou uma bolinha de papel que acertou Yuri. Yuri pegou o caderno e taco em Marcos, mas acabou acertando James.

Aí Marcos gritou:

- Guerraaaa!

E eu respondi:

- Aaaa abaaaaaa!

Eu era a única menina no meio daquela bagunça e me tornei capitã do lado do Yuri, afinal, toda ~~guerra~~ batalha ~~tem capitão~~ tem um líder.

E de repente uma bolinha de papel acertou minha cabeça e ali começou uma ~~guerra~~ combate. A sala se dividiu e começou a primeira guerra.

Fez-se ali um cenário de ~~guerra~~ horror. Como em um filme, milhares de bolinhas de papel apareceram como uma chuva acertando todos de ambos os lados, aumentando a rivalidade entre os grupos.

Nomes: Daiane, Kamila, Franciele, Kaio, Raquel, Maiane

Série: 3º Ano D

Título do conto: As aparências enganam

Em uma sala de aula tinha três alunos
recebemos um novo aluno chamado Rafael
Ele tinha um jeito diferente de comer me-
nino por isso motivo ele foi excluído do
grupinho de alunos e ficava muito magoa
do vivia bullying por todos, na verdade
ele vivia chorando e triste pelos cantos mas
os surpreendeu porque as meninas pega-
ram ou pra ele. Então eviaram mais cartas
dele e convidaram para ele ir para sua
festa, ele nos ajudou chamou ele de gay
ajudou com palavras pesadas até que um
dia entrou uma aluna nova, o nome
dela era Gabriely. Todos os alunos queriam
ficar com ela porque ela era bonita as me-
ninas morriam de inveja dela. O unico
menino que conseguiu ficar com ela foi
o Rafael. Ele namorou com ela e as
meninas que tinham julgado ele aproxima-
ram com intenção de namorar com o namorado
dela que agora não quer mais ficar pelo
dito foi ele.

Todos nós temos diferentes uma ideia ver-
dade o que importa são os valores que temos
dentro de nós. Assim as meninas encontra-
ram um novo companheiro alguem que gostava dela
pelo jeito que realmente ele era.

NOME: Gamblert, Esten, Maikon e Ricardo

Título do conto: Um Gesto Bomb

Um certo dia em uma faculdade parada em u
cidade menora. O garoto CJ falava a seus
colegas e Maikon Ai veli meu pai vai me dar um c
Tomado se passou de ano e se formou na facul
Um professor chamado Tocto Não gostava do CJ E
disse a si mesmo: Este matando não vai passar do
ano e sem ganhar uma corrente Chegando
o Formatura do ano letivo o CJ subiu a se form
mas foi barrado por seu professor Tocto que
O Humilhou o CJ na frente de Todos os outros f
deixando de usar com preto? CJ muito nervos
e com raiva do professor Tocto foi em casa
pegou a arma do pai e subiu a Escola dain
3 tiros no professor, logo em seguida se matou.
3 Ele acordou todo ensopado de suor e
com uma forte luz imaginando seu
corpo estirado no chão. E quando se deu conta
tinha acabado de ter um pesadelo e continuou
imaginar como seria sua vida estragada p
um gesto bomb, afinal não era a coisa certa a fazer

1:11, até 1:37, 1:16

2 Sua mãe ouviu uma agitação vinda do
quarto de CJ. Foi até ele e o chamou ao
terros.

4 Sua mãe o abraçou e ele contou o que estava
acontecendo. Sua família o apoiou e foram
até a polícia.

Um Mistério Sem Solução

Era uma sala de aula comum até a entrada de um aluno chamado Rafael. Ele era julgado um menino "Estranho", era reservado, gostava de coisas sobrenaturais, adorava conversar sozinho, e não se nivelava com ninguém, por aparentava um segredo muito misterioso. Um dia na sala de aula a professora estava passando atividade, ele olhou rapidamente para trás e deu um gritos (Maravilha) — Isso aqui será me pertence? (Professora) (Rafael) Falou assustado (Maravilha) Rapidamente todos olharam para ele assustado, ele envergonhado baixou a cabeça e não falava nada com ninguém, poucos minutos depois tocou o sino para o recreio. Todos olharam para ele com cara de assustado, Rafael simplesmente baixou a cabeça e saiu, foi diretamente para sala de aula. Chegando lá a professora conversou com ele e disse

— Sai daqui, não quero conversar com ninguém (Baixo)

(Falou de um jeito muito agressivo) (Maravilha)

A professora Maravilhada saiu da sala mas ele permaneceu lá sozinho e aquilo na consciência mesmo de assustado. Seus colegas perceberam isso e